

vil, mais infame, nem mais abjecto do que esta canalha, que reúne a escoria de todos os partidos, e que é um amalgama monstruoso das maiores contradicções. Deshonrem-se mais para alguns dias ainda, mas convençam-se de que a sua hora extrema já soou.

Tão acostumados andamos nós a ser mal julgados e interpretados por nossos contrarios; que nenhuma admiração nos causará, se a linguagem destes dias nos for traduzida por espirito sanguinario. As explicações são inúteis para os que acinamente injuriam, corrompem, e transtornam as palavras e sentimentos de seus contrarios; mas satisfazem a consciencia de quem escreve, e agradação aos homens de boa fé.

O Decreto de 28 d'Abril importava um contracto: uma das duas partes pactuantes resolveo não o aceitar; o contracto ficou por tanto sem effeito. A Corôa prometteo amnistia, e restituição de honras, e de certos cargos do estado, á prompta sujeição da Junta dos rebeldes: esta recusou-a. É pois indubitavel, que a amnistia não chegou a realizar-se. Querer que os contumazes, depois de fazerem correr mais sangue humano, depois de roubar mais capitães, e de exercer mais actos de fero dispotismo, obrigados a depôr as armas na presença das forças alliadas, ainda então sejam recebidos com o osculo da paz, e restituidos ás suas honras e empregos; é querer ludibriar a RAINHA e a Nação. Mas expliquemo-nos: não queremos cabeças, detestamos os actos sanguinarios: saiam embora livremente, mas saiam por uma vez de entre nós os auctores de nossas tão cruéis calamidades; levem com a vida a vergonha, e o indelevel ferrete de seus crimes e attentados: mas nem carregue o povo com a sua sustentação pelo thesouro, nem se lhes restituam honras e mercês, que são prémio da virtude.

Não queremos cabeças (repetimos); o gosto de sangue, proprio de tigres, deixamol-o para os que no Porto encham as paginas do jornal semi-official com exemplos de reis decapitados, e fazem circular infames proclamações ao assassínio depois da amnistia, sob o titulo bem claro de — *mata canalhas*: deixamol-os aos *Marats* do Espectro, que *annunciaram a amnistia* votando ao exterminio a RAINHA, e toda a sua descendencia; appellidando até contra seus filhinhos innocentes o odio e a raiva da futuro (!) Cafres! Beduinos!

Queremos paz: e se ficarem entre nós os chefes deste bando corrupto e immoral; se lhes for licito empunhar uma espada; se a cadeira da justiça valer a ser manchada pelos pregoeiros do regicídio e dos assassinios; — se a mocidade innocente e irreflectida for de novo entregue á direcção da mesma gente, . . . quem nol-a poderá assegurar? . . . Entre perdoar todas as penas, e mais ainda restituir todos os cargos, que não são de méra confiança, a perdoar sómente aquellas que revoltam a humanidade, e a civilisação hoje reprova, a distancia é muito grande: e a RAINHA pôde ainda perdoar muito, exercer largamente a Sua Maternal benevolencia sem comprometter o futuro-Seu, e da patria.

A occasião é mais que nunca melindrosa e gravissima. RAINHA de Portugal! . . . ah! não consintaes, que tamanhos interesses sejam sacrificados: ouvi a voz unisona de vossos fieis subditos. . .

Deos salve a nação e a RAINHA dos conselhos dos paste lleiros!

NOTICIAS.

A bandeira da RAINHA tremula victoriosa em Setubal. — Os rebeldes fugiram — assim o affiança a parte telegrafica transcripta no logar competente. — Girandolas de foguetes, repiques de sinos, musicas, e vivas saudaram na tarde e noite d'hontem esta nova victoria alcançada pelas armas da RAINHA. Gloria ao Conde de Vinhaes! Gloria aos bravos, que commanda!

Segundo as noticias recebidas da Capital é indubitavel, que o Governo desenvolve a maior actividade; parece, que declarou, que ficava sem effeito a amnistia, se os rebeldes se não submetessem.

Os papeis impressos em Lisboa confirmam nosso juizo, confiando mais nos Ministros da Corôa, e o Espectro vomitando novas blasfemias contra a RAINHA, e bramindo pelo Seu sangue, e da mimosa Dynastia!

No dia 13 do corrente tinha entrado a barra de Lisboa o hiate portuguez *Sol Dourado*, vindo da Madeira com polvora, carvão, e dizem algumas cartas, doze contos de reis, para os rebeldes de Setubal. Segundo se lê no Diario, este hiate tinha sabido de Setubal embargado no dia 14 do passado mez, para ir á Ilha da Madeira reclamar recursos, vindo a bordo Antonio Maria de Lemos, do corpo academico, e foi apresado no dia 10 do corrente, e em frente da barra de Setubal, pelo brigue de guerra inglez *Recruit*, e vapor *Geyser*, e conduzido a Lisboa pelo aspirante *Pridham*, com tres soldados e tres marinheiros inglezes.

Ouvimos dizer, e se nos assegura com bastante fundamento, que S. Ex.^a o Marechal do Exercito Duque de Saldanha tivera da Côrte instrucções sobre o modo como deveria regular-se, e meios de levar a effeito a submissão das auctoridades e forças insurgidas, e que não admittisse armisticio, conferencia, nem convenção alguma, que não tivesse por fim a dita submissão *pura e formal*, devendo, quando esta se obtivesse por meio da força, regular-se pelas regras e preceitos a tal respeito estabelecidos nas leis militares; e quando prompta e espontanea; pelas insinuações, ou instrucções; que se diz recebera. Tambem nos referem que o Nobre Duque tivera recommendações para continuar as suas operações com todo o vigor, e empregar todas as diligencias para por meio das forças do seu commando, com o prompto auxilio das forças estrangeiras, se precisas forem, terminar quanto mais breve seja possivel a presente guerra civil, que tantos e tão graves males tem accarretado sobre este paiz.

Consta-nos por uma carta do Porto, que a junta pandigo-carrasco-miguelina se achá actualmente substituida por um *conselho militar*, em que entrão os mesmos elementos, havendo apenas a notar uma piquena differença na ordem, que agora occupam, passando o terceiro elemento a occupar o logar do primeiro, em razão de ser o caduco Povoas o chefe, ou presidente de tal ajuntamento; no qual entram o Bernardino, os irmãos Passos e Avila como secretario.

Outra carta do Porto nos diz, que ha duas versões sobre o resultado da magna assembléa, que alli tivera ultimamente logar, dizendo uns, que se decidia a continuação da resistencia ás determinações de S. Magestade, e ás intimações em consequencia dellas feitas pelos representantes das nações aliadas, depois de se lhes dar conhecimento da amplissima amnistia, que lhes

fôra tão generosamente concedida; — e outros que parece estarem um pouco mais bem informados, dizem que se deliberára a resistencia sómente até o momento, em que se apresentassem as forças estrangeiras, e que então se renderiam a estas, e lhes entregariam as armas!

Fallava-se tambem muito no Porto em um emprestimo forçado de seiscentos contos de reis; e em deportações, havendo já uma lista de vinte e tantos, a quem o conselho pandigo-miguelino-carrasco havia indigitado para tal fim. Seabra e Brito consta que officiarão ao Consul Inglez, declarando-lhe que elles tinham deixado de fazer parte da junta. Parece ser fôra de toda a dúvida que estes não entraram em tal conselho.

O Padre Antonio da Certã tornou novamente a apparecer! Entrou em Penella, prendeo o Administrador do Concelho, e fugio porque lhe constou terem sahido desta Cidade uns 30 homens ás ordens do Capitão Guedes.

O Administrador do Concelho pôde escapar, já se acha em Penella. Estas correrias são assás expressivas. — A RAINHA perdôa, e os rebeldes despresam, insultam, e escarnecem esse perdão!

Estamos auctorizados para dizer ser falso estar a praça d'Almeida occupada por partidas miguelistas. Sabemos officialmente, que o Barão d'Ourem entrando ahí com a columna do seu commando, deixou um destacamento de guarnição. — Os miguelistas, que da Guarda fugiram sobre Almeida, passaram para a Hespanha, aonde foram desarmados e prezos. As Beiras estão livres desses bandos de salteadores, os quaes ou debandaram, ou fugiram á aproximação das forças leaes, levando as maldições geraes pelos horrores, que commetteram.

Ant'ontem entrou nesta cidade uma leva de 84 robustos mancebos vindos de Viseu para o deposito desta cidade. Vinhão escoltados por alguns voluntarios do Batalhão da Beira, e do Batalhão de Viseu. Aproveitamos esta occasião para dizer, que em Viseu está organizado um numeroso Batalhão de Voluntarios Cartistas, o qual tem prestado relevantes serviços, fazendo admiração o acao, e disciplina, com que se apresenta, e isto, aonde se disse, que nunca tal Batalhão se podia organizar! Louvores ao benemerito Governador Civil do Districto Lopes Branco! — Louvores aos dignos officiaes do Batalhão! — Louvores! ... louvores á decisão desses voluntarios!

Em Oliveira d'Azemeis foi organizado outro Batalhão Nacional, o qual se denomina — Batalhão Nacional Cartista d'Oliveira d'Azemeis, sendo nomeado Coronel commandante — Frederico Pinto Pereira e Vasconcellos, e officiaes os seguintes:

Capitães.

- Da 1.^a Comp.^a Abilio Augusto Corrêa Bandeira.
Da 2.^a « Domingos José Corrêa Martins.
Da 3.^a « Manoel Soares de Azevedo.
Da 4.^a « Manoel Valente da Silva Praça.
Da 5.^a « Francisco Assis Pereira de Carvalho.

Tenentes.

Joaquim Ferreira d'Almeida — Manoel Luiz Ribeiro — Antonio José Carneiro Guimarães — Manoel Joaquim d'Almeida — e João Baptista d'Assumpção.

Alferes.

Manoel Maria de Mattos Pinto — Antonio Augusto Marques Caldeira — Francisco José Godinho — Delfim José da Silva Braga — e Raymundo José Maldonado.

Escrevem da Guarda a 9 e 13. — As guerrilhas setembro-miguelistas praticaram nesta cidade, e nas casas dos amigos da RAINHA taes violencias e atrocidades, que só presencadas se acreditariam: eu retireime, e foi uma felicidade, porque se me conservo em casa, já não existia, pois era impossivel presenciar a sangue frio as violencias, que praticaram com a familia. Tive 60 aquartelados, que eram uns demonios; de continuo estavam fazendo desordens de maneira, que a familia a todos os momentos se via na necessidade de chamar á voz d'El Rei para lhe acudir. — Em casa de Hermenegildo Rodrigues roubaram tudo, e o que não poderam levar, o quebraram, como commodas, cadeiras, louças, etc. Os que mais se distinguiram em violencias, foram os celebres miguelistas Cabraes de S. Silvestre, e os guerrilheiros dessa cidade (Coimbra); é impossivel igualal-os em perversidade. — A lista dos Cartistas dahi votados á morte era grande, e tiveram o descaramento de o dizer, lendo até o teu nome á familia! — Fizeram todas as diligencias para saber onde eu estava para me assassinar.

Escrevem d'Aveiro em 15 dizendo, que no dia antecedente sahiram para Ovar diferentes barcas carregadas de grandes ancoras, cordas, alavancas, etc., e outros effeitos necessarios para se lançar uma ponte sobre o Douro; iam tambem 40 homens da tripulação do vapor *Mindello*, que se achavam naquella cidade, desde que esse vaso ficou ao serviço dos rebeldes, por não quererem manchar a sua lealdade. Parece que por estes dias essa ponte será lançada no Carvoeiro, a fim de facilitar as operações militares do Exercito Portuguez com o Hespanhol, que se acha ao Norte.

Do hospital militar organizado em Aveiro tinham nestes ultimos dias sahido diferentes partidas de soldados fieis.

Segundo participações officiaes dos Administradores de alguns Concelhos d'aquelle Districto se sabe, terem passado por elles grandes partidas de guerrilhas desarmados, fugindo do Porto, certificando as grandes desordens, que ahí tem havido nestes ultimos dias, e dizendo publicamente, que iam fugindo, porque *quem as arma, que as desarme*. As Auctoridades tem-se havido com a maior prudencia, não consentindo que sejam perseguidos esses individuos.

Todas as cartas de Traz-ós-Montes referem o benevolo acolhimento, que por toda a parte receberam as tropas hespanholas, existindo a maior harmonia com os povos.

Lê-se no Diario

LONDRES 21 DE MAIO.

Correspondencia de Lisboa, em 14 de Maio.

« A batalha de Setubal foi mais importante do que ao principio julgámos, sendo maior e mais decisiva a victoria das forças da RAINHA. O systema porém de fallacia e de decepção, seguido pelos insurgentes, não cessa de ser mantido; e é por isso que Sá da Bandeira, descrevendo aquella acção, no officio que remetteu á Junta, e que foi publicado em o *Nacional do Porto* de 6 do corrente, apresenta uma tal versão, que em toda a parte se teria por vergonhosa. O officio não diz uma só palavra do armisticio solicitado pelos rebeldes no fim da acção, apesar de o terem elles rejeitado no dia antecedente, quando o Coronel Wylde o havia proposto. Tal é a boa fé daquelle documento! Em consequencia disto apresentou o *Diario do Governo* uma publicação official, que nos não deixou em dúvida acerca da total derrota dos rebeldes, cuja perda em mortos, feridos, e prisioneiros sobe

de 800 homens. Na minha ultima carta mencionava eu, com alguma expressão de incredulidade, que Vinhaes declarara ter mandado sepultar não menos de trezentos rebeldes; posteriormente porém pude conseguir um mappa dos numeros.

O numero dos rebeldes enterrados depois da batalha, e debaixo da inspecção dos Officiaes da RAINHA (não fallando de alguns cadaveres, que sem dúvida foram levados para fóra do campo) é de . . . 305
 rebeldes feridos 400
 prisioneiros 90
 apresentados depois 66

Perda total 861

Do lado da RAINHA a perda em mortos e feridos, não excede a duzentos homens.

Uma outra asserção apparece no officio de Sá da Bandeira, que merece ser marcada com o ferrete da falsidade. Diz elle que o unico objecto do ataque fóra o destruir a bateria, que Vinhaes havia levantado. Mas pelo contrario o ataque foi uma grande tentativa de todas as forças rebeldes, tendo em vista a destruição da convenção, que no dia anterior o Coronel Wylde havia annuciado ao Sá da Bandeira. Para desconcertar esta nova velleidade de decepção, bastará referir que os rebeldes nem um unico instrumento levaram consigo, que indicasse semelhante designio, e que as obras de fortificação do lado da RAINHA nenhuma injuria receberam delles. As tropas leaes foram acommettidas por surpresa, ao romper do dia, quando se achavam cumprindo com os deveres do campo, e assim mesmo repelliram ellas o assalto, com tão extraordinario denodo, que bem mostraram irrefragavelmente (o que por vezes já tenho dito), que se não fosse a falta de dinheiro nem sombra de intervenção estrangeira teria sido necessaria. Tanto o Coronel Wylde, como os Officiaes da Esquadra, que, achando-se na bahia de Setubal, presenciaram a batalha, se mostram extasiados com a intrepidez desenvolvida pela cavallaria da RAINHA, e pela Guarda Municipal. As alturas, onde teve logar a acção, eram distinctamente visiveis. Os dragões carregaram por uma montanha abaixo, montanha que fórma um angulo de mais de trinta grãos, e, introduzindo-se por entre os rebeldes, os foram acutilando e mettendo debaixo dos pés, do mesmo modo que fizeram em *Emsdorff*, em 1760, os nossos Hussares do 15., conhecidos pelo nome de Cavallaria Ligeira de Elliot. Foram estas cargas de Cavallaria em Setubal, que causaram a grande disproporção na mortandade, e com tanta bravura desempenharam os dragões a sua tarefa, e tanta excitação causava o espectáculo, que muitos dos nossos Officiaes, exclamaram, num momento de enthusiasmo involuntario: «Bravo, bravo!» O Commandante General, Vinhaes, é o melhor Official de Cavallaria de Portugal, e talvez que o melhor depois d'elle fosse o Coronel Castello Branco, que infelizmente succumbiu no principio do conflicto, quando ia conduzindo a primeira carga á frente de cinco homens escolhidos. Uma balla lhe entrou no peito, e uma cutilada quasi lhe separou a cabeça do corpo. A Guarda Municipal tambem grandemente se distinguiu assim pela sua firmeza, como pela boa direcção do seu fogo. Estes soldados constituem, parte da melhor Infanteria de Portugal. Foi admiravel o sangue frio que mostraram naquella occasião. Não perderam um só tiro, as pontarias eram baixas, e as descargas todas se empregavam nos corpos dos rebeldes, em quanto estes, pela maior parte inexperientes, feriam o ar muito acima da cabeça do inimigo. O Coronel Wylde declarou mui positivamente, que o General Vinhaes, na sua narração da acção, havia consideravelmente escurecido o brilhantismo daquelle feito d'armas. Durante muitos dias, depois da batalha, entraram em Lisboa os feridos, pela maior parte rebeldes. Estão os hospitaes cheios delles, e são tractados precisamente com o mesmo cuidado, como se fossem soldados leaes. A RAINHA tem ido não menos de tres vezes, vêr os feridos nos hospitaes. Nem é por mera fórmula, ou de relance, que a RAINHA os tem visto; é sim fallando a um de

per si, ou seja rebelde, ou soldado fiel. Ninguem, nem o homem mais faccioso poderá negar que o procedimento da RAINHA a tal respeito tem sido digno da maior admiração. No mesmo dia (4 de Maio) em que o Conde de Vinhaes ganhava a favor da RAINHA a batalha de Setubal, seu irmão (Barão de Vinhaes) sahia victorioso de um encontro com os rebeldes na Ponte de Mirandella, no Norte. Do mesmo modo que seu irmão, fóra elle assaltado pelas forças insurgentes, e tambem por surpresa, quando os seus piquetes se achavam repousando. Porém supposto não tivesse elle debaixo do seu commando senão duas companhias, e alguma cavallaria, foi malograda a tentativa dos rebeldes, de tomarem a Villa; porque em quanto se lhes oppunha a infanteria, cahio sobre elles Vinhaes com a cavallaria, que pôde reunir; e com tal efficacia, que muitos dos rebeldes foram mortos, outros feridos, ficando delles para cima de oitenta prisioneiros, e o resto debandado. Estes dous acontecimentos, que occorreram no mesmo dia, foram importantes.

O futuro deste paiz pôde achar-se nebulado, mas não ha fundamento para desesperar d'elle. Grande tem sido a lição para todos os partidos, sendo de esperar que a todos haja ella de aproveitar. Os camponeses serão daqui em diante mais cautelosos em se associarem ás cenas de violencia revolucionaria, quaesquer que sejam os agitadores que os queiram excitar, para conseguirem seus fins interesseiros e egoistas; ou, como tem evidentemente demonstrado o comportamento da Junta, para os fins patrióticos de se arvorarem a si proprios em Ministros de Estado, e empregarem os dinheiros dos cofres publicos. Com a excepção do Sá da Bandeira, nem um só homem respeitavel se fez chefe da rebelliam. É elle quasi o unico que não acceitou nem maior cathogoria politica, nem maior patente no Exercito, das mãos da faceta realza do Porto, que impunhando a vara de *Harlequino*, pretende que os outros a tomem por sceptro.

Uma curiosa correspondencia teve logar no dia 7 entre o Sá da Bandeira e o Vinhaes. O primeiro escreveu ao ultimo, communicando-lhe que, em relação á observancia do armisticio convençionado, se não poderia responsabilisar pelo bom comportamento de uma de suas brigadas; a qual, dizia elle, se achava em estado de insubordinação, e sem disciplina. Pedia por tanto que Vinhaes removesse as suas forças para Azeitão, dando-lhe a segurança de que se a Junta ordenasse a renovação das hostilidades, lhe seria desde logo permitido o tornar a occupar immediatamente as mesmas posições! A resposta de Vinhaes é jocosa e caracteristica:

«Illm. e Exm. Sr. = Alegro-me da oportunidade, que me deu a carta de V. Exc.ª, de saber do favoravel estado da sua saude. Igualmente vejo o que V. Ex.ª me communica acerca do estado de insubordinação das tropas do seu commando; e recommendo-lhe que tome as medidas, que sem dúvida eu tomaria, se me visse em idênticas circumstancias; a saber: as de as fazer debandar immediatamente. Póde V. Ex.ª todavia ficar muito certo, de que os meus soldados não se apartarão, nem meia pollegada, do terreno que occupam. Deos guarde a V. Ex.ª muitos annos, etc.

«Sá da Bandeira foi agora batido completamente pela segunda vez, durante a presente guerra civil. A sua primeira derrota em Valpassos, ainda que assigalada, não foi tamanha como esta; porque oitocentos dos seus homens foram postos *hors de combat*, e quasi metade deste numero morreu. Nem uma só vez, durante toda a guerra civil, têm vindo ás mãos as tropas da RAINHA e os rebeldes, que estes não tenham sido vergonhosamente derrotados; nem uma acção feliz, nem uma *petite victoire pour l'amour de Dieu* podem elles exhibir por todo o largo espaço de sete mezes de hostilidades.» (Evening Mail.)

Braga 28 de Maio. — Expedição de Portugal. — Eis aqui, segundo o *Militar Hispanhol*, como se acha

actualmente constituido o exercito destinado a intervir em Portugal.

QUARTEL GENERAL.

General em Chefe — D. Manoel de La Concha.

Chefe de Estado Maior — O Marechal de Campo D. Anselmo Blaser.

Commandante Geral da Artilheria — O Brigadeiro Salas.

Commandante Geral da Cavallaria — O Brigadeiro Leon.

ADMINISTRAÇÃO MILITAR.

Auditor — Sr. Fernandes de Cordova.

Interventor — Sr. Coll.

DIVISÕES.

General de Divisão — O Geral Lavalett.

BRIGADAS.

O Brigadeiro Belesta.

O Brigadeiro Matta y Alos.

O Brigadeiro Latorre.

O Brigadeiro Ortega.

TROPAS.

Infanteria.

O 1.º e 3.º batalhão do regimento de Aragão n.º 21.

O 3.º batalhão do regimento de Hespanha n.º 30.

O 1.º, 2.º e 3.º batalhões do regimento das Asturias n.º 31.

O 2.º e 3.º batalhões de Almansa n.º 18.

O 1.º, 2.º e 3.º batalhões de Mallorca n.º 18.

O 1.º batalhão de Almansa n.º 18.

O 2.º batalhão de Aragão n.º 21.

O 3.º batalhão de Caçadores.

O 1.º idem.

O 2.º idem.

O 4.º idem.

O 5.º idem.

O 6.º idem.

O 7.º idem.

O 8.º idem.

O 9.º idem.

O 10.º idem.

O 11.º idem.

Artilheria.

A 1.ª bateria a pé do 4.º departamento.

Outra idem do 5.º

1.ª e 3.ª baterias do 3.º regimento.

1.ª bateria montada do 3.º

2.ª bateria montada do 5.º

1.ª bateria de a lomo do 5.º

Engenheiros.

Cinco companhias de Sapadores.

Cavallaria.

Regimento da Rainha 1.º de Lanceiros.

Idem de Villaviciosa 7.º idem.

Idem de Hespanha 8.º idem.

Idem de Almansa 5.º idem.

Idem de Alcantara 4.º idem.

Idem de Maria Christina.

Fica prevenido por ordem regia, que todas as forças existentes nos districtos de Castella Velha e Estremadura, dependem do General em Chefe do exercito de operações em Portugal.

(COMMUNICADO.)

Continúa o grande theatro indicado nos communicados no n.º 62 e 69; e estejam certos os expectadores de que o scenario da guerra vai a concluir-se o mais gloriosamente pela RAINHA e CARTA. A aleivosia de revoltar a capital, fóra Rainha, Carta abaixo, e junteiros ao throno, com desprezo e escarneo da amplissima amnistia, — emprehendida pela expedição aprisionada, que a junta rebelde confiou ao seu proprio presidente e general em chefe, continúa, fazendo-se a mesma junta cada vez mais tenaz na rebellião, e affirmam todos os rebeldes, procurando aterrorizar e seduzir pelas cidades, aldéas e campos do reino, que não cederão, em quanto o Porto não for batido, e escalado ou reduzido pela fome de invencivel assedio por mar e terra; porém esta phantasmagoria

funda-se nos ardis, em que los cabeças junteiros são fecundos e por elles esperam, quando mais não possam resistir, entregar-se ás forças estrangeiras combatentes com as da RAINHA, e que então se lhes torne a conceder a amnistia, que pela sua recriminada rebellião tem de direito caducado. Sois arditos, disso ninguém dúvida; mas nem sempre vos podeis encubrir; com essas amnistias, que assollapadamente promovestes pelos vossos agentes — despeitosos á RAINHA por uma regencia, que lhes confiariis — e inculcando-vos em mysteriosos poderes occultos, dinheiros e soccorros de mais forças, que nem tendes donde vos venham, levastes em vista, querendo a amnistia, outra nova maquinação de todas a mais infernal, a de indignar o brio e pondonor portuguez, fidelissimo pelo Rei e pela Lei, contra a RAINHA por vos favorecer tanto quanto desde o Grito Nacional de Coimbra até o presente orgão da junta, o Nacional do Porto, não cessais de ameaçar S. M. com exemplos de cadafalsos e exterminio: mas enganastes-vos; todo o resentimento tem sido contra os conselheiros que vos desconheceraam, e que pelo summo bem de apressar a paz e evitar a effusão de sangue tiveram por conveniente a amnistia, que vós tendes regeitado. O momento dos mui nobres batalhões de Lisboa resignarem as armas, respeitando o acto real a vosso favor, e de as reempunharem matando, ferindo e dispersando os vossos bandos scellerados na capital, foi um só momento; á mais leve explicação do Decreto de 10 do presente Junho a impressão desagradavel, que lhes fez o Decreto amnistio de 28 de Abril apenas publicado de vespora com a Proclamação de 9 do corrente, converteo se em enchentes de enthusiasmo de nova sustentação, e defeza pela RAINHA e CARTA. Contai, altivos insurgentes, ser esta a verdadeira melanorrose da amnistia, esta a verdade com que deveis contar para vosso governo. A marche-marche estais vendo aproximar-se do Porto o poderoso soccorro Hespanhol, que pela RAINHA Fidelissima, e por S. M. C. vem a braços de laminas d'aço comprimentar vos, e ao mesmo tempo vedes reforçar-se de Inglezes e Francezes o bloqueio da barra, e no centro o braço direito defensor da nossa RAINHA e CARTA, o Duque de Saldanha com os vencedores de Torres Vedras libertados da coacção, em que tem estado, de vos debellar, esperando que annuisseis ás generosidades nunca dantes imitadas por alguma nação das mais civilizadas do mundo, a amnistia, que tendes calçado a vossos insolentes pés; vós regeitastes beneficios tão altos, que só podiam caber no immenso coração maternal da nossa RAINHA; e elles acabaram, nem seria possivel prevalecerem ao beneficiado, que os regeita; por tanto armas e mais armas, o ferro e o fogo reduza barbaros á devida submissão, — que outras armas, as da moderação, civilisação e as do proprio catholicismo contra vós nada podem.

ANNUNCIO.

Faz público o Mosteiro de Santa Clara desta cidade, que no dia 13 de Julho á porta do Juiz de Direito da mesma, se arremata umas Casas na rua da Moeda, e uma Fazenda no Seimil freguezia de S. Paulo de Frades, e umas Vazilhas, pinhoradas a José da Costa Alves Ribeiro, e sua mulher, em execução que lhe move pelo Cartorio de Campos Mallo.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

Boletim do Telegrapho de Coimbra 18 de Junho 1847.

Do Telegrapho de Grijó.

S. Exc.^o o Marechal Duque de Saldanha.

A S. Exc.^o o Ministro dos Negocios da Guerra.

Consta por participações recebidas de Lamago do Conde do Casal em data de 15, que por officio do Barão de Vinhaes, com data de 10, entrava a primeira Divisão de operações do Exercito Hespanhol em Bragança no dia 11 do corrente, e o resto do Exercito com o General Concha, no dia seguinte. Aqui não ha novidade. — Em 18 de Junho.

2.^o Boletim Telegraphico 18 de Junho de 1847.

Do Telegrapho Central.

A S. Exc.^o o Marechal Duque de Saldanha.

De S. Exc.^o o Ministro dos Negocios da Guerra.

A Cavallaria, e Artilharia, e pouca Infantaria dos rebeldes fugidos de Setubal vão em direção a Evora. — O Conde de Vinhaes vai em seu seguimento, e já fez 300 prisioneiros. — Em 18 do corrente.

M. A. d'Assumpção, 1.^o Sargento commandante do Telegrapho.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Um anno tem decorrido de guerra civil — um anno de perseguição, de morte, e de exterminio!

Ha um anno gozava todo o paiz uma paz octaviana; via-se, como nunca, desenvolver a prosperidade pública. A industria, e as artes multiplicavam os recursos. As estradas abriam novas fontes de riqueza nacional. A segurança individual era a maior. A acção governativa prompta e efficaz. O scisma religioso tinha acabado; as relações com o Chefe da Igreja Catholica Romana estavam restabelecidas, e restituídos ás ovelhas seus legitimos pastores. Os contractos públicos achavam-se arrematados por subido preço. Os crédores nacionaes e estrangeiros cobravam em dia os juros de seus titulos. Os empregados públicos recebiam regularmente seus ordenados e soldadas. As caixas economicas proporcionavam a todos os meios de sua subsistencia.

Havia paz — paz como de longo tempo se não disfructava.

E agora o que vemos?!

As paixões extraviando-nos; as divisões enfraquecendo-nos; a anarquia devorando-nos!

A tocha do incendiario accendida; o punhal do assassino afiado; centenaes de familias reduzidas á miseria; os campos alagados de sangue; os montes e valles cobertos de cadaveres. Pais, consortes, filhos, irmãos, amigos pranteando, e sem remedio, essas victimas, que a guerra civil tem tragado! O lucto por toda a parte; a desconsolação em todos os semblantes. Milhares de individuos armados de lanças e espadas em vez d'arados e fources. A substancia de Portugal devorada; os recursos exaustos. A fé dos contractos abalada; os fundos públicos depreciados; as companhias inanimadas; as caixas economicas fechadas; os empregados públicos sem vintem; os negociantes sem giro; os proprietarios sem venda!

Oh! Por muitos que fossem os agravos, que os revolucionarios de Maio do anno passado tivessem contra a administração anterior a essa epocha, e que mais tarde podiam remediar pelos meios legaes; que comparação tinham com as calamidades, que hoje pezam sobre o desgraçado Portugal?!

Acaso valeria a pena atizar a mais devastadora guerra civil para saciar meia duzia de ambições?

Em breve um dia virá, em que esses mesmos, que de boa fé concorreram para esta maldita revolução, se convencerão da verdade das nossas convicções; e apoiando-se nessa medonha, mas exacta, comparação de bens perdidos com os males, que soffremos, farão votos, para que Portugal volte ao estado d'ordem, e de progresso, em que se achava antes de Maio do anno passado.

Houve uma epocha, em que estes males podiam ser promptamente reparados; a RAINHA soube aproveitá-la; demittio os Ministros, que a atraioavam; chamou ao governo o Nobre Duque de Saldanha; desvellou-se como carinhosa Mãe dos Portuguezes em congratulá-los, affiançando a todos garantias e seguranças, que deviam constituir a sua prosperidade. Porém a rebelião estava armada; os chefes de Maio não só tinham ficado impunes, mas haviam sido recompensados; e a junta do Porto principiando por lançar nos calabouços centenaes de cidadãos honrados, arvorou o estandarte da revolta, e o levou até ás portas da Capital. Seguiram-se as scenas, que desde Outubro temos presenciado, e em consequencia agravaram-se e multiplicaram-se as desgraças, que lamentamos.

Assignaladas victorias cobriram de louros as armas leaes, mas a rebelião estava ainda forte com o auxilio dos miguelistas; a sua queda podia durar alguns mezes, com quanto nunca fosse duvidoso o triumpho da RAINHA.

Todos sabem que, se os esforços do Heróe de

Torres Vedras tivessem sido secundados, á muito hymnos de victoria e de paz se teriam entoado.

As Nações alliadas não poderam ser indifferentes a este estado lastimoso de Portugal; a sua propria segurança augmentava este interesse; vieram pois auxiliar as armas da RAINHA, e dar aos rebeldes o ultimo golpe com o desmentido formal das loucas asserções, com que estes illudiam os povos apregoando apoio estrangeiro.

Os Cartistas sempre vencedores em todas quantas batalhas tem pelejado, conscios da sua força e dos seus meios, tem hoje de mais a mais a opinião moral, que lhes resulta da consideração, que mereceram ás Nações alliadas.

Nesta guerra fratrecida duas vezes offerecemos a nossos contrarios uma paz generosa, e duas vezes nos responderam com o grito de — guerra; duas vezes lhes estendemos os braços para recebê-los como irmãos, e duas vezes correram para nós com os punhaes erguidos; e ainda hoje, na sua hora extrema, respondem á clemencia da RAINHA com os seguintes ominosos arranços, que fielmente copiamos do *Espectro* n.º 56 de 11 do corrente mez: —

1.º — « O divorcio da Rainha com o paiz é manifesto. Foi ella quem chamou os alliados para derramarem o sangue portuguez; e o seu instincto é tão ferino, o seu coração tão sanguinario, a sua alma tão depravada que essas concessões não são della, são a compra vergonhosa « premio vil » dessa malfadada intervenção. É humana desde que não pôde ser cruel, perdõa desde que não pôde castigar, annulla todos os seus actos, desaprova todas as suas acções, com tanto que lhe não quebrem o sceptro embora seja de canna, com tanto que não lhe tirem a corõa embora seja de espinhos, com tanto que lhe chamem Rainha embora o seja por irrisão. O caso é que fique habilitada para novas traições, o caso é que os cidadãos sejam esmagados, o caso é que o sangue corra. Se a espada do Saldanha embotou, venha o ferro estrangeiro que melhor corta: as intenções maternas de S. M. ficam cumpridas. Maldito seja o Rei, e sua descendencia, que chama alliados para esmagar os seus subditos. Amargurada seja a sua vida, affrontosa seja a sua morte. O que faz a nossos filhos, elle o veja fazer aos seus; as lanças que nos transpassam, os cavallos que nos esmagam, traspassem e esmaguem tambem a sua raça. Não é esse Rei o ungido do Senhor; é um novo Achab que sequestrou a vinha de Naboth; matou-nos porque não lhe quizeamos vender a herança de nossos paes, calumniou-nos tambem chamando testemunhas falsas para depõrem que blasphemáramos de Deos e do Rei. — Pois tambem o Senhor dirá: — Matas-te, e possuis-te; pois nesse logar em que os cães lamberam o sangue de teu povo, tambem lamberão o teu. E se pela tua humilhação não vier mal em teus dias; chegará ao de teus filhos. »

2.º — « Ah! aparece hoje no *Diario* uma proclamação stulta, e um decreto irritante, no qual se falta descaradamente ás prescripções do protocollo. . . . O povo não desarmará com essa amnistia injuriosa. . . . — A nação pôde succumbir nesta lucta desigual, mas graças a Deos, que os germens da vida ainda ficam envolvidos nessa mortallia de finados. — *Despresamos a amnistia*, porque não é dom gratuito, comprámo-lo com muito sangue; e se o devessemos a alguém, era a esses odiosos alliados. *Nem a elles a agradecemos*, porque não carecíamos do seu favor. »

Se a vingança fosse permittida, ou pela Religião, ou pelos sentimentos que dirigem os Cartistas; alto e muito alto se poderia bradar vingança contra esses animaes ferozes, que arruinaram nossas fortunas; roubaram nossos thesouros; enviuvaram nossas familias; alagaram de sangue nossos campos; assassinaram nossos irmãos; e ainda depois de perdoados enraivecidos, como nunca, votam ao exterminio essa mesma benigna Senhora, que lhes estende a mão generosa e

benefica, e appellidam para seus innocentes filhinhos os odios, e as raivas do futuro! Cafres! Beduinos!

E poderá haver *amnistia* para homens — que se comprazem em respirar *sangue* — que a largos tragos almoçam, jantam, e ceiam *sangue* — insensíveis á moral, indomitos, incorregiveis, que nos ficam olhando com o senho feroz de feras, que permeditam novos assaltos!

Não, não pôde. Na situação actual; depois do desprezo, com que regeitaram o perdão; depois da obstinação, que os rebeldes tem apresentado; depois das imprecações, maldições, e pragas, que dirigem ás mãos cheias contra a RAINHA, e sua Real Descendencia, é necessario que desapareçam, em quanto se não obliterarem as horribes impressões, que a presença delles fará exacerbar; a desordem sem isso não pára, e o público tem por certo, que novas conspirações se hão de preparar nas espeluncas, em que nasceo, e medrou a que acaba de expirar. Hoje é mais que evidente, que só o terror pôde conter os que desprezam a virtude: a impunidade em taes circumstaucias é um crime.

Quizeramos dizer o contrario, apregoar sempre a indulgencia, e a moderação, porque somos do partido moderado; detestamos excessos do *ultra* deste partido, que delles receamos tanto como do partido contrario; mas entendemos, que é só uma a hora da clemencia; que depois da contumacia dos facciosos não é tempo para estabelecer desde já a unidade politica; nem por taes meios de favor e indulgencia se ha de ella conseguir: a ignorancia e a perversidade nem se vencem, nem se convencem por principios, que absolutamente desconhecem. O systema de moderação desacompanhado dos exemplos indispensaveis de justiça leva por diante a corrupção, desanima os amigos da ordem, e por este rumo tocaremos a dissolução social. A historia da decadencia dos imperios, da extinção de nações mil vezes mais poderosas que a nossa, ahí está que o atteste.

NOTICIAS.

Pelas noticias recebidas de Lisboa se sabe o seguinte — Na manhã de 14 sahio o Têjo uma esquadilha composta de seis vapores e tres navios de vela, pertencentes a Inglaterra, França e Hespanha, commandados pelo Almirante Parker, e conduzindo todos os aparelhos para uma escalada, e petréchos para acção, e foram fundear defronte da barra de Setubal. O Almirante Parker, e o Conde de Vinhaes intimaram immediatamente os rebeldes para que se submetessem, e depozerem as armas, no que elles convieram; porém de noite prepararam uma retirada, sahindo, pela maior parte em debandada, na direcção de Aguas de Moura. As nossas tropas occuparam logo Setubal aprisionando na entrada mais de 400.

Segundo diz o *Diario* do Governo, Bernardo de Sá, e o ex-Conde de Mello foram aprisionados por uma lancha pertencente aos alliados nas aguas de Setubal, ao evadirem-se para o outro lado do Sado, e acham-se presos a bordo d'um vapor, e mais outros officiaes. — Sete officiaes e 23 soldados vieram apresentar-se em Lisboa; estes foram mandados para um deposito, e aquelles foram apresentar-se ao General commandante da Divisão. — O Conde de Vinhaes continuava em perseguição dos fugidos tendo já alcançado mais 300, como se vê da parte official transcripta no logar competente. Algumas cartas de Lisboa ac-

crescentam, que entráram a barra um vapor de guerra francez trazendo a bordo os prisioneiros Bernardo de Sá, ex-Conde de Mello, e mais officiaes.

O Diário diz tambem o seguinte :

Consta pelas participações, em data de 9 ultimo, de Valença do Miho, que uma força de 400 soldados hespanhoes, commandada pelo Brigadeiro Larsundi, entrou no dia 8 na Villa de Monção com o melhor recebimento por parte dos habitantes.

Alguns empregados da junta rebelde, que alli funcionavam, retiraram-se immediatamente em direcção aos Arcos.

Marchavam a tomar conta dos seus logares os Governadores Militares e Ajudantes das praças de Melgaço e Monção, bem como os Empregados Administrativos, Judiciaes e Fiscaes desta ultima Villa, e de Valladares.

Naquelle mesmo dia 9 entrou em Valença um batalhão hespanhol do regimento 14 de infantaria, e um parque de artilheria de montanha.

Permanecia em Caminha o Batalhão Provisorio organizado em Valença, do commando do Capitão Lacueva.

Em Valença ficava, das tropas hespanholas, um batalhão do regimento n.º 17 — lanceiros e artilheria; sahindo para as freguezias visinhas da praça dous batalhões que já não poderam alojar-se na mesma praça.

As tropas hespanholas ganham conceito de dia para dia na opinião dos povos pela disciplina exemplar que as distingue.

O movimento sedicioso na Madeira, no dia 29 de Abril ultimo, tem indignado a maioria dos honrados habitantes daquella Ilha, pela qual são aborrecidos os revoltosos. As Camaras Municipaes quasi todas se dimitiram, e bastantes empregados deixaram os seus logares para não prestarem obediencia á junta, nem serviço á revolta.

Vimos cartas da Madeira de data recente, affirmando não só o que diz o Diário, mas acrescentando que era tal o desgosto, em que estavam os habitantes, e taes os esforços, que faziam para se restituirem á auctoridade da RAINHA, que os facciosos receavam uma reacção, motivo, porque já muitos dos mais complicados tinham abordo as suas familias.

No dia 15 sahio a barra de Lisboa em serviço do nosso Governo o vapor de guerra portuguez *Royal Tar* — ultimamente apresionado aos rebeldes; e dizia-se, que iam tambem sahir os outros vapores portuguezes. Esperamos, que continuarão com a *agilidade*, que mostraram, em quando estiveram ás ordens da junta!

Do Porto sabemos, que os membros da *defunta* junta *suprema* Luiz Antonio de Seabra e Sebastião d'Almeida e Brito mandaram fazer a sua apresentação ao Exm.º Marechal Duque de Saldanha por via do Consul Inglez!

O Barão de Fornos d'Algodres, e outros officiaes liberaes ao serviço dos facciosos deram igualmente a sua submissão pelo mesmo modo.

Os submettidos são perseguidos no Porto, como fidagaes inimigos, e os jornaes do Povoas e companhia atiram-se a elles, como Santiago aos Mouros!

A deserção das fileiras rebeldes continúa em grande escalla para o Quartel General do Exm.º Duque de Saldanha.

Os miguelistas pertenderam levantar um empréstimo forçado de 600 contos, mas não puderam, apesar de levarem ás prisões muitos individuos por se recusarem contribuir.

Diz-se, que no dia 17 entraram no Porto os guerrilheiros da Guarda, Coimbra, e Viseu, acompanhados de alguns miseraveis, rotos, descalsos, e desanimados!

Diz-se, que o Conde de Casal vem para Avin-

tes com a sua Divisão unir-se ao Exm.º Duque de Saldanha.

A's horas, em que escrevemos, devem occupar Penafiel, e Amarante as forças hespanholas do commando do General Concha, e dentro em poucos dias estar ás portas do Porto.

Corre como certo, que o Consul Inglez declarou aos rebeldes, que visto não quererem submitter-se aproveitando-se da *amnistia*, estavam concluidas quaesquer negociações com elle, e desde aquelle momento não reconhecía, nem recebia os seus emmissarios.

Defronte da barra do Porto estavam já os vapores Portuguezes *Royal-Tar*, e *Mindello*, e era esperada a esquadrilla de que acima fallamos, vinda de Setubal!

D'uma carta do Porto de 15 copiamos o seguinte para a historia. — Na reunião magna, que teve logar no Domingo de tarde para acordarem no que deviam fazer acerca da amnistia, ou regeição da amnistia, Povoas disse, abrindo os *trabalhos*, que se os *officiaes* o coadjuvassem elle votava, que se regeitasse o perdão, e se resistisse, e que só se entregassem as armas, quando ficassem mortos por detraz dos parapetos! foi aplaudido e abraçado pelo Alheira, de quem o Barbeiro dos Pobres disse ser *relogio sem corda*, e em consequencia tomaram-se providencias para augmentar os meios e materiaes de defeza, e abriar a cidade de bôccas inuteis; mandaram sahir os Galegos, e mulheres; teremos uma nova Saguunto!

Pelas noticias de diferentes pontos do Reino se sabe, que a excitação anarchica, que nos *amnistiados* produziram as beneficas intenções da RAINHA, foi igual, á que se notou nesta cidade, e particularmente na Capital. Não só as desaprovaram, mas responderam com gritos sediciosos!

Na Figueira houveram serios disturbios, e na Annadia sahiram á rua com vivas á junta, e mór-ras á RAINHA!

Vejam-se neste espelho os apregoadores do *juste-milieu*!

É digna de todo o ellogio a brilhante attitude, que tomaram os defensores da ordem — e particularmente os batalhões nacionaes da Capital, e das provincias, e mais tropa de linha, apresentando a maior união, firmeza, prudencia, e decisão. Seus votos, seus desejos foram e são compactos. RAINHA e CARTA — eis ali o seu brado. As concessões aos facciosos caducaram pela sua obstinação. — Novas, depois da sua contumacia, são humilhações, que não se permittem. —

Cartistas! União e firmeza . . . ! Deos salve a nação, e a RAINHA dos conselhos dos pastelleiros!

Ahi entrou hoje pelas 2 horas a columna do commando do Major Eugenio, composta de um contingente do Regimento de Infantaria n.º 4 commandado pelo Capitão Freire, d'um outro de Infantaria n.º 16 commandado pelo Capitão Fradesco, e de trinta cavallos do Regimento n.º 3 commandados pelo Capitão Urbano de Carvalho: reservamo-nos para mais de espaço enumerar com o devido louvor os valiosissimos serviços prestados por esta columna á causa da RAINHA na pacificação das Beiras, ultimamente agitadas por sugestões d'alguns anarchistas, mas desde já damos os parabens aos illustres bravos, que fazem parte desta columna, pelo seu regresso depois de tão proveitosos serviços, que prestaram á Patria.

Não foi exacto o que annunciámos no n.º 67 do Boletim ácerca do Administrador do Concelho de Villa Pouca da Beira, havendo equívoco com o Administrador do Concelho de Sandomil. Com grande prazer o ratificamos, tributando por esta occasião os devidos ellogios ao Sr. José Corrêa de Brito Velles, Administrador do Concelho d'Avô, e conjunctamente de Villa Pouca pelos relevantes serviços, que tem prestado á causa da RAINHA e CARTA.

Aproveitamos esta occasião para igualmente dizer, que a apprehensão dos cinco mil cartuxos, e algumas armas, etc., feita á guerrilha da Ega foi devida á columna do commando do Capitão Freire de Infantaria n.º 4.

No jornal de Paris *La Presse* tambem encontramos o seguinte communicado, segundo affirma o mesmo jornal, por um portuguez amante do seu paiz, e em circumstancias de apreciar os acontecimentos.

É como se segue o referido artigo:

« Começa finalmente a manifestar-se a verdade sobre os acontecimentos de Portugal; vão-se desvanecendo as nuvens espessas com que os revolucionarios deste paiz tinham conseguido offusca-la. O proprio *Constitucional*, orgão complacente dos chamados liberaes portuguezes, reconhece já com exemplar candura, que são os realistas (o partido miguelista) e a *patulêa* (alcunha com que a Junta do Porto se atavia nos seus jornaes) isto é, o partido verdadeiramente revolucionario, quem tem actualmente no Porto as armas na mão. Com effeito foi o partido da *patulêa*, e não o partido cartista, como caluniosamente se annunciou de principio, que abriu as prisões de Lisboa, e quiz resistir ao plano de pacificação, que não lhe dava um triumpho completo, e o impedia de conseguir o verdadeiro e unico fim da revolta, isto é, a posse exclusiva do poder e dos empregos, a satisfação dos seus odios, e a abdicção da Rainha, para dar logar a uma regencia, composta de creaturas deste partido. Em quanto durava a esperanza do feliz successo da revolta de Lisboa, antes de ser derrotado pelas tropas fieis, o General Sá da Bandeira tinha recusado com altivez submeter-se ás propostas inglezas; porém o General Vinhaes o tornou mais macio; depois do combate, Sá da Bandeira consentiu no armistício, como assevera o *Jornal dos Debates*. O mysterio dos deploraveis acontecimentos de Portugal não tardará que não se descubra, e então se conhecerá de que lado está a virtude, a razão, e o verdadeiro amor do bem publico. »

« Cumpre todavia mencionar uma calúnia atroz, que se procura fazer acreditar contra a Rainha de Portugal, e que o correspondente do *Times* teve a audacia de escrever n'um artigo transcripto pelo *Jornal dos Debates* de 13 de Maio. Lê-se no referido artigo, que a Rainha se mostrou, desde 1834, sempre desapiadada para com os officiaes miguelistas, quando ninguém ignora, em Portugal, que os setembristas ou progressistas é que se oppozeram com violencia aos desejos constantes que a Rainha e o partido moderado mostraram de destruir os vestigios das dissen-

sões politicas e civis, e de restabelecer a união fraternal de todos os portuguezes. Os chefes da *patulêa* os Passos, os Leoneis, e outros corripheos dos revolucionarios é que exigiram a demissão em massa e sem excepção de todos os empregados civis e militares, que tinham servido D. Miguel; não foi por falta de esforços que não conseguiram o extermínio de todos estes empregados. »

Os officiaes inferiores do Batalhão Nacional de Caçadores de Coimbra faltariam ao mais sagrado de todos os deveres, se deixassem de patentear a V. S.ª a justa e profunda saudade, que os tem acompanhado, desde que tiveram a noticia do despacho de V. S.ª, por verem que se aproximava o momento, em que haviam de sentir o fatal golpe da sua despedida, e de perder o seu honrado, sabio, e bondoso Ajudante. Desgraçadamente (para nós) chegou esse dia, pois que hoje assim V. S.ª nol-o annunciou, e bem desgraçadamente por nos ficar a recordação de ser aquelle tambem o em que o genio máo, que sempre preside ao destino dos que do coração defendem — RAINHA e CARTA — descarregou sobre nós um golpe, cuja ferida bem tarde cicatrizará! . . . = Por esta forma pois, já que por outra o não podemos fazer, pela brevidade com que V. S.ª tem de retirar se, cumprenos submissos implorar perdão por todas as faltas, que cada um de nós tem commettido no desempenho de nossos deveres tanto civis, como militares, devendo cordialmente assegurar a V. S.ª que sua lembrança fica por fórma tal impressa em nossa memoria, que nunca será possível deixar de nos recordar com saudade das atenções, e bom tratamento que sempre por sua bondade se dignou prestar-nos.

Sirva-se pois V. S.ª acolher benigno estas poucas, e mal traçadas linhas, como prova unicamente do nosso eterno reconhecimento, e acreditar, que serão para nós instantes felizes aquelles, em que tivermos satisfactorias noticias de V. S.ª; e imploramos ao Céu recompensa de tantas virtudes que V. S.ª reune, concedendo-lhe todos os bens de que é crédor.

Deos guarde a V. S.ª Coimbra 5 de Junho de 1847. — Illm.º Sr. Manoel Joaquim Verissimo, Tenente Ajudante de Infantaria N.º 1. — Ignacio Raymundo Alves Sobral, sargento ajudante. — João José Dias, 1.º sargento da 1.ª companhia. — José Ignacio de Sousa Porto, 1.º sargento da 2.ª — Manoel da Silva Baptista, 1.º sargento da 3.ª — José Luiz Ferreira Vieira, 1.º sargento da 4.ª — José da Costa Lemos, 1.º sargento da 5.ª — Antonio Fernandes Thomaz, 1.º sargento graduado. — José Julio Cesar, 1.º sargento da 6.ª — Manoel dos Santos Junior, 1.º sargento da 7.ª — João Thomaz de Brito, 1.º sargento graduado. — Manoel Adelino Baptista de Figueiredo, 2.º sargento da 1.ª — Fortunato Augusto de Sá, 2.º sargento da 2.ª — Joaquim Maria Giraldes de Moraes, furriel da 2.ª — Joaquim Maria Ferreira Sarmiento, 2.º sargento da 3.ª — Manoel José da Costa Soares, 2.º sargento da 3.ª — Joaquim Maria Sarmiento, 2.º sargento da 4.ª — Antonio Lourenço da Silva, 2.º sargento da 4.ª — João José da Costa Braga, 2.º sargento da 5.ª — Joaquim Lopes Pinto, 2.º sargento da 5.ª — Bento Pereira de Miranda, 2.º sargento da 7.ª — João Pereira de Miranda, 2.º sargento da 7.ª — Francisco Maria Martins, furriel da 7.ª — Antonio José d'Oliveira, 2.º sargento da 8.ª — Antonio Maria Corrêa, furriel da 8.ª.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigná-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

A alteração dos dias do — Boletim —
procede da importancia das materias a publicar.

Antonio Emilio Corrêa de Sá Brandão, sendo obrigado a sahir rapidamente de Coimbra, sente não poder despedir-se pessoalmente, como devia e desejava, de todos os seus amigos e pessoas, que lhe fizeram a honra de o procurar: e agradecendo por esta fórma os seus cumprimentos, e as muitas provas de cuidado e interesse, que de um grande numero dos mesmos recebeu durante a sua prolongada enfermidade, ás quaes retribue com sincera gratidão, espera que na sua volta a esta Cidade poderá cumprir com esse gostoso dever.

Abaixo publicamos uma circunstanciada relação dos acontecimentos, que precederam a dispersão dos rebeldes em Setubal, e cuja exactidão afixamos por nos ser dada por pessoa bem informada, e do maior crédito.

O Almirante sir W. Parker partiu de Lisboa na segunda feira — 14 — de madrugada para Setubal, onde chegou pouco depois do meio dia. Ficou fóra, e mandou pelo vapor Phenix intimar Sá Nogueira, para que depozesse as armas, e como a resposta fosse negativa, entrou o Almirante com a Esquadra, e postou-se em linha.

Veio de terra um bote com bandeira ingleza, e outra branca, trazendo a bordo o ex-conde de Mello, o qual disse, que estavam promptos a acceitar as propostas, mas queriam que se reconhecessem os valles, e o papel moeda, e que o Conde de Vinhaes só entrasse em Setubal na manhã de 15.

Sir W. Parker negou-lhe tudo, menos a entrada do Conde de Vinhaes, uma vez que se não evadissem; e nisto se ficou.

Partiram agentes por parte do Governo da RAJNHA, bem como das tres Nações alliadas, para o Quartel General de Sá Nogueira, e allí requisitaram cavalgaduras, que só depois de hora e meia se apromptaram (tudo com o fim de os fazer demorar para ganharem tempo), e d'alli partiram para o Quartel General do Conde de Vinhaes a informal-o, do que se tractava, quando appareceu um soldado desertor dos rebeldes, que declarou, que em Setubal tudo se estava evadindo.

O Conde de Vinhaes consultou com os representantes, o que n'este caso convinha fazer; porém foram de accordo, que no momento nada se fizesse, pois que a noticia podia ser falsa; assentaram com tudo em se fazerem certos signaes de bordo do Sidon para algumas circumstancias, que podiam occorrer, e voltaram depois para Setubal, dirigindo-se ao quartel de Sá, onde encontraram muito menor numero de officiaes, convencendo-se então de que effectivamente as forças tinham marchado. Voltando para bordo, Sá lhes pediu que se demorassem, porque desejava escre-

ver ao Almirante (mas o que elle queria era ganhar tempo). O Official da esquadra respondeu-lhe, que se demorava sómente cinco minutos, mas nem mais um segundo, e como depois de decorrerem tres minutos pelo relógio visse que Sá não escrevia, observou-lhe, que faltavam apenas dois minutos, ao que o Sá replicou, que então não escrevia.

Voltaram os quatro Commissarios para bordo, e sendo o Almirante informado do que se passava recebeu n'este meio tempo por via do Taipa uma carta de Sá, em que lhe dizia que já não podia cumprir com o promettido, ou convencionado; em consequencia do que o Almirante tomou todas as disposições para dar uma acção, e fez signaes ao Conde de Vinhaes.

Principiou o desembarque das forças navaes, e o ataque das tropas leaes, as quaes ao entrarem em Setubal aprisionaram 400 a 500 rebeldes, e entre elles 140 e tantos officiaes, que passaram para bordo das embarcações inglezas.

Bernardo de Sá — Luiz de Mello — Taipa — e José Estevão foram aprisionados por tuma lancha d'um vapor francez na occasião em que se iam evadindo para a outra margem do Sado, e conduzidos para bordo do — Sidon — aonde foram desarmados por um *mariné*, e acrescenta-se mais, que o Almirante lhes déra apenas 24 horas de homenagem, depois do que os mandou com todos os outros prisioneiros para Lisboa a entregal-os ás Auctoridades da RAJNHA. O Almirante estava muito escandalizado com o procedimento dos rebeldes, que com elle se houveram da maneira a mais indigna e traiçoeira, a ponto de que sendo consultado pelo Conde de Vinhaes sobre qual deveria ser a sorte dos aprisionados, se deveriam ser considerados como taes, ou como apresentados, Parker respondeu, que o seu procedimento tinha sido tão infame, faltando á convenção, que tencionava apresental-os como prisioneiros, e que mesmo nesse estado aconselharia a S. M. que os não consentisse no Reino.

Galamba, parece, ter tomado o commando dos fugitivos, os quaes iam na maior desordem. A artilharia levava 10 a 11 horas de avance, e os ultimos, que deixaram Setubal, 5 horas.

O Conde de Vinhaes persegue os, tendo já aprisionado mais 300, como se annunciou, e parece, que a maior parte debandou em guerrilhas, e algumas em direcção ás serranias do Algarve, aonde poderão encontrar guarida por alguns dias.

Lê-se no Diario:

De Setubal vieram a bordo dos vapores inglezes 142 officiaes (ou que assim se chamam) em cujo numero entram Bernardo de Sá — ex-conde de Mello — ex-conde da Taipa — e José Estevão — que se acham presos a bordo no Tejo, e mais 400 praças — algumas das quaes são apresentadas e passarão a depositos — sendo o maior numero com tudo de prisioneiros.

Por noticias de Alcacer, das 11 horas da noite de hontem (16), sabemos que o Conde de Vinhaes allá se

achava, em perseguição dos rebeldes que tinham evacuado Setubal de noite, faltando a prestar submissão á auctoridade da RAINHA promettida antes!!

As tropas fieis tinham já feito mais de 300 prisioneiros, e além destes muitos outros se tinham apresentado ao Commandante das mesmas forças.»

A Lisboa tinha recolhido no dia 17 o Batalhão de Caçadores 5, e dizem algumas cartas a G. Municipal.

Uma carta fidedigna do Porto datada de 18 do corrente á tarde diz o seguinte:

«A guerrilha da Beira cantou pelas ruas da cidade baixa o rei chegou, e deu vivas a D. Miguel; a junta já não reconhece apoio mais seguro do que nos officiaes que serviram o usurpador, e nos chamados populares, pois os setembristas desertão todos os dias, e se todos o não tem feito, é em razão das providencias que aqui tem tomado.

Não se deixa sair da cidade artigo algum de viveres, sendo tomados por perdidos quantos se encontram, e hontem chegaram 30 carros de milho das vizinhanças. A junta dá a alguns corpos 55 reis em lugar de pão para poupar os depositos. — Pretendeo attentar-se contra a propriedade do Consul Hespanhol! — Um emissario mandado ante hontem pelo Consul Inglez ao Quartel General do Exem.^o Duque de Saldanha, a pezar de ir munido de um passaporte da junta, foi maltratado pelos piquetes rebeldes!

Chegou á barra o vapor *Porto* com bandeira portugueza hoje (18) pelas 10 horas e meia da manhã, dirigindo-se logo ás embarcações de guerra.

A guerrilha de Lemos distinguio-se pelas suas atrocidades em uma aldêa perto de Villa Meam, onde por ordem do commandante incendiou quatro casas, pertencentes a lavradores, apresentando-lhes guardas para que não escapasse ao incendio objecto algum que dentro dellas estivesse! — Até os gados, que estavam nas côrtes, morreram devorados pelas chamas. Um destes lavradores ficou reduzido sómente ao vestido com que se cobria, pois todo o mais seu patrimonio o vio consumir em poucos instantes ás mãos de uma horda de assassinos e malfeteiros.

Hoje no trem distribuiram duzentas e quatro armas ao chamado batalhão 3 de caçadores.

Consta que se quer verificar o emprestimo forçado de 600 contos de que ha dias fallam; e que o meio de levar a effeito a sua arrecadação e cobrança é o seguinte: — Quatro assassinos com um official de Justiça entrarão na casa de cada individuo para receberem sua respectiva quota. Se o pagamento for immediato e prompto, não se alçarã sobre suas cabeças o punhal dos algozes. De mais, os primeiros quatro ou cinco individuos Cartistas que não quizerem pagar, depois de prezos serão expostos em espectáculo ao público, e ahí serão chibatados.

Barão de Fornos, Sebastião de Almeida e Brito, e outros fizeram a sua submissão á RAINHA assim como alguns officiaes.»

Pede a justiça — reclama a moral — exige a sociedade, que esses infelizes lavradores de Villa Meam sejam indemnizados. — A RAINHA pôde perdoar a Lemos e companhia os crimes politi-

cos, mas não é omnipotente — e por isso não pôde izemtal-os da reparação dos perjuizos causados, ou por sua ordem, ou com o seu consentimento.

Não queremos cabeças — queremos unicamente justiça. Os amigos da ordem, cujas bolças e propriedades tem sido arruinadas, roubados, e aniquiladas — os Bancos, cofres, e corporações, que tem sido varridos, devem ser indemnizados. Paguem os facciosos por seus bens.

Os castigos barbaros, com que no Porto tem sido martirisados os defensores da RAINHA; o sangue, que ahí se tem expargido; os assassinatos, que por toda a parte commetteram os rebeldes, bradam por justiça contra os assassinos, e contra os corrascos!

Justiça! Justiça! Bradamos todos. Justiça! RAINHA dos Portuguezes! Justiça, Ministros da Corôa!

Deos salve a Nação, e a RAINHA dos conselhos dos pasteleiros.

Bragança 12. — O Barão de Vinhaes acha-se aqui com a columna do seu commando. Hontem chegou o Frigadeiro Lavalett com 5:000 hespanhoes, e hoje on á manhã entra o General Concha com outra igual porção. Reina o maior soccego e harmonia com os alliados, que se comportam muito bem.

Mirandella 16. — Entrou o General Lavalett com a força do seu commando, e hoje é esperado o General Concha com o resto do Exercito Hespanhol; marcham á manhã para Murça e a 18 devem pernoutar em Villa Real. — Veio tambem o General Barão de Vinhaes. — Os povos correm á estrada a saudar estas tropas, que são exemplares na disciplina, e na promptidam do pagamento de todos os generos, que requisitão. — Os povos tratam os soldados hespanhoes como irmãos.

Villa Real 17. — Pelas 11 horas da noute de terça feira evacuaram as forças da junta esta Villa em consequencia da entrada do Barão de Vinhaes em Bragança, e forças do Conde do Casal passarem á margem direita do Douro, as quaes vieram a Comieira na 4.^a feira de manhã, mas sabendo da retirada dos rebeldes regressaram na mesma manhã ao Peso da Regoa. — Vi hontem carta de Murça em que diziam ter vindo ali a noticia de estarem chegando a Mirandella forças hespanholas, as quaes vinham alli pernoutar hoje. Vi ontra de Bragança dando parte da entrada de 7 Batalhões, 300 cavallos, e 12 peças de artilharia além das forças portuguezas. Esta Provincia está toda livre de guerrilhas e em obediencia á RAINHA — porque as forças da junta estam além do Amarante. Aqui houve dias sem auctoridades algumas, e viveo-se muito soccegado. Chega hoje o Governador Civil José Cabral Teixeira.

Peso 13 e 16. — No dia 10 deixaram estes sitios os facciosos; mais de 200 praças do 12 ficaram por aqui, e grande parte tem-se apresentado ao Conde do Casal, que aqui esteve, e depois regressou a Lamego, para dahi passar para o Carvoeiro, ou Avintes. — O batalhão da Maia desfez se; os soldados foram para suas casas, e o administrador do Concelho, que era o commandante, seguiu o exemplo, mas chegando a Maia desapareceu! — Muitos dos voluntarios de Guimarães e Bouças fugiram. Além destas noticias do Porto, sei que se tinham despedido os bagageiros, e guias de artilharia, e posto um letreiro na pagadoria, que dizia — aqui não se paga a ninguém. — Tinham aparecido pasquins excitando o populacho á anarchia. — Está aqui o Regimento 13, e voluntarios de Jagueiros; as mais tropas ainda além do rio.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

Boletim do Telegrapho de Coimbra 21 de Junho 1847.

Do Telegrapho Central.

A S. Exc.^a o Marechal Duque de Saldanha.
De S. Exc.^a o Ministro dos Negocios da Guerra.

Chegaram officios do Major Ilharco, e do Administrador do Concelho de Evora, em que participam ter-se esta cidade, e a de Béja submettido voluntariamente ao Governo de Sua Magestade A RAINHA, e que os rebeldes vão em direcção ao Algarve. — Em 21 do corrente.

M. A. d' Assumpção, 1.^o Sargento commandante do Telegrapho.

EDITAL.

José de Mello Gouvêa, Bacharel Formado em Filosofia, Secretario Geral servindo do Governador Civil do Districto de Coimbra, etc.

Faço saber, que tendo-se evadido de Setubal, na occasião em que dispersaram as forças que alli existiam, e bem assim do Porto e varios pontos do Reino, por onde tem passado bandos de guerrilhas e outros corpos regulares e irregulares, que sustentam a causa dos rebeldes, muitos individuos, e alguns destes armados, pertencentes ás indicadas forças, dirigindo-se a differentes terras deste Districto, sem que se tenham appresentado ás respectivas Auctoridades como lhes cumpria, em virtude dos Regulamentos de Policia, nem feito perante as mesmas a devida submissão ao legitimo Governo de Sua Magestade a RAINHA, para assim poderem gozar da amnistia concedida pela Mesma Augusta Senhora na sua Proclamação de 9 do corrente mez, e Reaes Decretos de 28 de Abril deste anno, e 10 do corrente, é necessario que se observe o seguinte:

1.^o Ficam obrigados todos os individuos, que se acharem nas referidas circumstancias, a effectuarem, no prazo de quarenta e oito horas depois da publicação deste, a referida appresentação e submissão ante os Administradores do Concelhos para onde tiverem retirado.

2.^o São igualmente obrigados os mesmos individuos a effectuarem com a sua dita appresentação a entrega de quaesquer armamentos, munições, ou petrechos de guerra que tiverem em seu poder para terem o devido destino.

3.^o Dever-se-ha conferir a todos os appresentados, para sua salvaguarda, um titulo que auctorise a sua residencia quando queiram permanecer nas terras para onde vieram, ou a competente guia para se transportarem, quando lhes convenha, ás terras da sua naturalidade ou habitual residencia, uma vez que estas não estejam occupadas por forças rebeldes.

4.^o Todas as pessoas, seja qual for a sua jerarchia, que não cumprirem com o determinado nos artigos 1.^o e 2.^o do presente Edital, serão consideradas como contumazes e desobedientes ao Governo Legitimo, e como taes se procederá contra ellas na conformidade das Leis, e segundo as instrucções dadas aos respectivos Administradores.

E para geral conhecimento mandei layrar o presente, que será affixado em todos os logares publicos dos Concelhos deste Districto Administrativo. — Governo Civil de Coimbra 21 de Junho de 1847. — O Secretario Geral servindo de Governador Civil, José de Mello Gouvêa.

EDITAL.

José Jeronymo Gomes, Commendador da Ordem Militar de S. Bento d'Aviz, condecorado com a Cruz N.^o 2 da Guerra Peninsular, Coronel de Infantaria N.^o 4, e Commandante interino da 2.^a Divisão Militar.

Para poderem gozar da amnistia concedida por Sua Magestade a RAINHA por Decreto de 28 d'Abril, e Supplemento de 10 de Junho, é necessario, que todos aquelles Militares, que deixaram as fileiras da rebellião, se apresentem neste Quartel General, aonde receberão as convenientes instrucções, sem o que ficam sujeitos a serem capturados como rebeldes. Quartel General em Coimbra 22 de Junho de 1847. — José Jeronymo Gomes, Coronel do Regimento de Infantaria N.^o 4, Commandante interino da 2.^a Divisão Militar.

PARTE NÃO OFFICIAL.

A sessão de 4 de Junho na Camara dos Comuns tractando-se da intervenção armada de Inglaterra na guerra civil de Portugal, disse M. Borthwick « que o povo Portuguez se levantara em massa para defender o direito de respirar no seu proprio paiz, e de sustentar as suas opiniões contra um Governo, que por palavras e por obras tinha atacado as liberdades publicas a ponto de *ter condemnado á morte* por opiniões politicas!! que elle orador não sabia como Lord Palmestron explicaria a cooperação entre a Rainha da Gram-Bretanha representante da liberdade europeia, e a RAINHA de Portugal representante do despotismo europeu: que quando do *todo* o Portugal *sem excepção de um só homem* se estava queixando das aggressões feitas pela Corôa contra suas liberdades, e quando a Corôa recusava reparar tantos agravos ainda o Governo de Sua Magestade Britannica duvidava se devia interferir, etc. etc. »

Ahi fica exarado o mais curioso trecho deste

notavel discurso, prova irrefragavel da *veracidade, circumspecção, imparcialidade, e conhecimento* dos factos, com que os negocios de Portugal são tractados no Parlamento Inglez. Este pôde servir de continuação a outro não menos famoso discurso, pronunciado ha mezes na Camara dos Pares por Lord Beaumont em relação tambem á questão Portugueza, avaliada com tanta justiça pelos representantes da nação Britannica.

Não nos levem a mal se á vista disto o orgulho nacional nos faz acreditar, que nas Camaras Portuguezas não seria facil encontrar um só individuo, que (fossem quaes fossem as suas opiniões) levasse a indecencia tão longe, que preferisse em pleno Parlamento as falsidades, e disparatadas asserções, que se encontram nesse pedaço inimitavel de nojentas mepcias e calumnias.

Invejamos a vista perspicaz, com que o nobre orador, talvez auxiliado pelo telescopio de Herschel, ou pelo telescopio monstro de Lord Ross, que tantas descobertas promette á astronomia, pôde vêr atravez do espesso nevoeiro do nublado Tamisa as mortes, e as forcas levantadas em Portugal por opiniões politicas!... Concordamos porém com M. Borthwick em que houve tempo no qual Portugal presenciou com horror numerosissimas execuções politicas, em que vio enforcar, e fusilar ás duzias cidadãos, a quem se não permittia *respirar* no seu proprio paiz, em que vio assassinar nas prisões victimas inermes, em que se vio exilar e confiscar, e o luto, lagrimas, sangue e desesperação cobrirem todo o Portugal: a nossa divergencia consiste só em um *erro chronologico*, pois todas estas desgraças tiveram lugar no reinado do monarcha *liberalissimo* dos *liberalissimos* Povoas, Bernardino, Guedes, Rebocho, Baldy, Chichorro, Lemos, e de todos esses varões prestantes, e Catões *desinteressados*, que hoje commandam as numerosas legiões, que se levantaram, como um só homem para defender o *direito de respirar no seu proprio paiz* o ar puro da liberdade desses tempos afortunados de saudosa recordação, com cujo regresso nos queriam outra vez felicitar os illustres patriotas de D. Miguel.

Em verdade ou M. Borthwick, dotado de uma imaginação imminente creadora e poetica quiz divertir o Parlamento, improvisando sobre uma ficção puramente ideal, ou é tão stulto e crassamente ignorante que não sabe, que a RAINHA de Portugal reina, e governa em virtude de uma Constituição a mais liberal da Europa; que a guerra que assola Portugal não ergueu seu hediondo cólo, porque a RAINHA infringisse a Constituição, ou aggreddisse as publicas liberdades; mas que ao contrario nasceu pela reluctancia de Sua Magestade de deixar consummar essas monstruosas infracções da Lei fundamental, que lhe forão extorquidas por uma facção desorganizada, inimiga nata de toda a ordem, e cujas crenças politicas são uma ambição desmedida, e cujo amor da patria é uma sêde insaciavel do poder, um desejo insofrido de se locupletar á custa da Nação, que tem arruinado, e reduzido á miseria.

Foi essa facção ominosa quem rasgou folha a folha a Lei Fundamental do paiz: é ella quem, affectando hypocritamente respeit-a, a ultraja, e escarnece; é essa facção desprezivel a unica causa dos males, que pêsam sobre esta desgraçada Nação, e se a RAINHA subscrevesse ás infracções, que esta facção lhe exigia, nem a guerra civil teria apparecido, nem M. Borthwick teria tido occasião de mostrar no Parlamento Inglez a sua absoluta ignorancia das nossas cousas, e a incivilidade, com que calumnia uma Soberana, que

apezar de ser (na frase do orador) a representante do despotismo europeu, governa um paiz aonde as leis não permitem *que os maridos deitem uma córda ao pescóço das mulheres, e as vão vender ao mercado, como a bestas de carga*: esta liberdade, esta civilização, e esta gloria não a disputamos nós ao povo, que representa a liberdade europêa, e que se acha á frente da civilização do Mundo.

M. Borthwick dá-nos tambem a noticia de não haver em Portugal um só homem, que se não queixe das aggressões da Corôa contra as liberdades patrias, e por isso deve explicar-nos porque arte magica succedeo que esses queixosos fossem batidos e derrotados em Vianna do Alemtéjo, em Val Passos, Torres Vedras, Setubal, e em outros encontros de menos monta. A que nação pertencem pois os soldados que os bateram? serão Suisos; Cosacos, ou Kalmukos? surgiram elles das entranhas da terra, ou cahiram da Lua? alguma destas hypoteses se deverá verificar, visto que os soldados da RAINHA não são Portuguezes. É para admirar que uma RAINHA tão despota e tão odiada possa viver tranquilamente em Lisboa, que se armou como um só homem para defender a sua causa; mas talvez que M. Borthwick possa provar-nos que Lisboa não pertence a Portugal.

Eis aqui como estrangeiros, estrangeirissimos aos nossos negocios tem arrôjo de falar delles em publico, deturpando os factos á vista da Europa civilizada. Desgraçados Portuguezes, não ha mal, que se não tenha dito contra vós! Lord Byron escreveu que eramos mais vis, e abjectos, do que os escravos da costa d'Africa. Outro estrangeiro disse que os Portuguezes vendiam seus filhos aos Hespanhoes a oito tostões por cabeça; uma mulher avançou que nós não tinhamos fisionomia europêa, e que o sangue dos negros se nos conhecia até nas unhas: um viajante francez disse que as portuguezas, quando se encontravam, o maior obsequio, que faziam umas ás outras era matar os piolhos, que mutuamente tiravam, e finalmente vem o senhor Borthwick dizer-nos que a RAINHA de Portugal é o typo do despotismo, e quem o representa na Europa; e não teve elle razão em lhe conceder esta primazia? o despotismo dos Soberanos da Italia, e da Alemanha, o que o Autocrata de todas as Russias exerce, quando manda povoar os desertos da Siberia, e trabalhar nas minas aos desgraçados Polacos, a este povo de heroes trahidos pela fortuna, não é nada em comparação do despotismo da Filha do Grande Pedro, e por isso deve ser contada como a primeira despota da Europa!!...

Longe nos levaria a analyse do discurso, de que tractamos, se houveramos de responder a todos os seus disparates, que são tantos, quantas as palavras, que contém; nem os limites de um artigo de jornal comporta tão prolixo exame; o que dito basta para conhecer o gigante.

NOTICIAS.

Evora, essa Evora, cuja firmeza tanto alardeavam os facciosos — esses habitantes, cuja decisão todos os dias apregoavam — eil-os ahi, levantados como um só homem — quebrando os grilhões, que arroxexam os pulsos dos leaes defensores da RAINHA — arvorando persurosos a bandeira da CARTA, e fechando as portas ao infame Galamba!

Esse monstro, que para haver bens de fortuna assassinou barbara e cruelmente um velho, um aldeão, e a sua propria mulher!

Esse salteador, que ha dous mezes entrou em Evora conduzindo entre ladrões, e malfeitores os valentes de Alcacer, eil-o ahi procurando na fugida a salvação da sua vida!

Eis ahi, em que ficaram os *patriotismos* do povo Evorense! Governado por auctoridades da junta — distante das forças da RAINHA — sem apoio, e sem auxilio, desmentio em um só dia quantas asserções delle fizeram os immundos papéis desta cidade, e do Porto.

Béja pronunciou-se igualmente a favor da RAINHA. A revolução acabou no Alemtejo, e em poucos dias ha de acabar no Algarve.

Confiamos, que o Governo transporte ao Algarve esse Batalhão assás numerozo, e aguerrido de voluntarios Algravienses; — basta isto, para que a bandeira da ordem tremule em todas as Villas e Cidades.

Repiques de sinos saudáram hontem estas noticias, e á noite correu as ruas da Cidade uma musicata de Conimbricenses, e alguns Academicos.

O Conde de Vinhaes persegue os rebeldes, que dispersos em bandos de salteadores lá vão procurar guarida nas serras do Algarve. — O Conde de Vinhaes tomou-lhe a artilharia em Aguas de Mouro, e um consideravel numero de prisioneiros. Pelas estradas que seguem os rebeldes encontram-se a cada passo armas quebradas, bayonetas, insignias militares, e até fardas em menos máo estado.

Corre como certo, que por Arronches entrou no Alemtejo uma columna hespanhola, que se achava em Assumar.

O digno Coronel Grim Cabreira tomou o commando de Caçadores 5. — Chegou a Lisboa a benemerita Guarda Municipal. — Estes dous corpos pertenciam á Divisão do valente Conde de Vinhaes. — Da Torre de S. Julião fugiram na noute de 4.ª feira perto de 60 prisioneiros, que depois de assassinarem uma sentinella ingleza desceram por cordas, que tinham podido alcançar. Um dos evadidos appareceu morto debaixo da muralha, em consequencia da queda que deu, por não poder sustentar-se até ao fim na corda por aonde descia. Este facto deve chamar a attenção do Governo: para os rebeldes são licitos todos os meios; e os inglezes hão de todos os dias ir conhecendo esta gente!

Em Lisboa notava-se já avultado numero de *adellos*, dos *cautelleiros*, dos gaiatos, e d'outra gente *ejusdem furfuris*. São os valentes representantes de Portugal, que voltam corridos de Setubal.

Confirma-se o que hontem dissemos ácerca de B. de Sá, e Luiz de Mello. O Almirante Parker mandou desarmar-os por um marujo! — Nunca general algum soffreu tamanho desprezo! Mas tambem nunca houve procedimento tão vil, e desprezível, como esse de Bernardo de Sá, e Luiz de Mello, faltando á sua palavra como generaes, e como cavalheiros. A dignidade do Almirante Parker assim o exigia. A palavra de honra é sagrada para o militar em toda a parte do mundo, porém Bernardo de Sá julgou-se della desobrigado, e como nunca a respeitou quando tratava com os seus conterraneos, julgou, que podia tambem agora infringil-a impunemente!

Chegaram 11 vapores, pertencentes ás Nações alliadas, á barra do Porto; vêem-se d'uma elevação junto a Grijó. Continúa a deserção diaria do Porto para o Quartel General do Exm. Duque

de Saldanha; na manhã de 19 vieram por uma vez nove soldados de artilharia, e um da Guarda Municipal, e assim todos os dias.

As cartas da Guarda fallam em preparativos para a recepção d'uma columna hespanhola, que se dizia, ia entrar por Almeida; e mencionam a viva impressão, que causou a *amnistia amplissima* concedida aos facciosos, a ponto de quererem abandonar o serviço militar os valentes, que compõe o Batalhão Nacional daquella cidade! Felizmente essa resolução foi momentanea — elles marchavam para o Pocinho para proteger o fornecimento do Exercito Hespanhol.

Em Leiria houveram algumas desordens por causa da mesma *amnistia* promovidas pelos anarchistas. Nas Caldas acha-se a columna do Major José Maria Gomes, a qual tem ha mezes percorrido o Districto Administrativo de Leiria, e presta-do nesta diligencia relevantes serviços, sendo digno de elogios o seu benemerito Commandante; a cuja actividade e presença se deveo serem malogrados os planos dos agitadores em Obidos, Cadaval, S. Martinho, Pederneira, e Alcobaça.

Esses desgostos pela *amplissima amnistia* foram geraes — esses gritos sedeciosos, com que os *amniatiados* escarneceram da clemencia da RAINHA foram unanimes. Que esperar? — o Governo é illustrado — vê a situação do paiz — avalia a attitude dos Cartistas — sabe o que exige a dignidade da Corôa, — conhece, o que reclama a salvação do paiz, e ainda o pundonor desses estrangeiros altamente despeitados pelo procedimento desleal dos chefes da rebellião. Confiamos no Governo.

O nosso brado, o brado de todos os amigos da ordem será sempre.

«Deos salvé a RAINHA, e a Nação dos conselhos dos pasteleiros.»

O Capitão Guedes officiou em 21 de Pousafolles participando terem passado por esses sitios bandos de fugitivos de Setubal pela maior parte desarmados, incluindo os Brandões de Midões com alguns vagabundos.

O Padre da Certã foi abandonado desses foragidos, que ainda o acompanhavam; levantaram-se contra elle reclamando *partilha* na avultada quantia, que recebeu pelo resgate do Administrador do Concelho de Penella! O Padre teve de fugir, para não ser victima desses salteadores, porém levou os bolços bem recheados!

No Quartel General de Coimbra se tem apresentado muitos dos fugidos de Setubal — vêem em miseravel estado.

Entrou nas cadeas desta Cidade, vindo da Annadia, o réo Manoel da Costa o Calhandro, da freguezia de Sangalhos, julgado de S. Lourenço do Bairro, pronunciado pelo crime de morte em Oliveira do Bairro, e ultimamente no de parreicidio! Sabemos que este malvado pertencia á guerrilha da Annadia, e tinha com a sua presença aterrado por tal forma os habitantes de S. Lourenço do Bairro, que deram sepultura ao cadaver do infeliz pai assassinado sem se proceder a auto de corpo de delicto, o que sendo sabido das zelosas auctoridades judiciaes da Annadia, fiseram desenterrar-o, e procederam competentemente ás averiguações necessarias.

Lamego 17. — Acha-se aqui o Barão de Wiederhold, e o Conde do Casal, mas parece, que marcham amanhã para fazer junção com a Divisão do Marechal. As Auctoridades desta cidade receberam noticias officiaes da entrada dos Hespanhoes; amanhã pernoitam em Villa Real. »

Lê-se no *Diario*

Publicamos a seguinte relação dos Officiaes, Empregados Civis, e mais praças dos rebeldes de Setúbal, que nos consta existirem prisioneiros a bordo do vapor de guerra de Sua Magestade Britannica *Sidon*, surto no Tejo.

Como possamos haver iguaes noticias a respeito dos que se acham a bordo dos de mais vapores, continuaremos a publical-as, bem como a relação dos Officiaes e mais praças apresentados.

A relação que se vai lêr foi organizada — segundo as declarações feitas por cada um dos prisioneiros, e por consequencia contém os seus titulos e gradações, vellos e novos.

Tenente General, Visconde de Sá da Bandeira. — Brigadeiro, Marquez de Mello. — Major, José Estevão Coêlho de Magalhães. — Coronel, Pedro André Auspice Gitton. — Capitão, Francisco Joaquim de Palma e Silva Reis. — Tenente, Vasco Guedes de Carvalho e Menezes. — Secretario Civil, Anselmo José Braamecamp. — Coronel, Albino Pimenta de Aguiar. — Tenente Coronel, João de Sá Nogueira. — Dito, Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes. — Major, Bartholomeu Pessanha de Mendonça Furtado. — Dito, João Pinto de Sousa Montenegro. — Capitão de Engenheiros, José Joaquim de Abreu Vianna. — Dito dito, Carlos Ribeiro. — Dito de Artilheria, Gilberto Antonio Rôlla. — Dito, Duarte Joyce. — Dito, Antonio de Medeiros Bittencourt. — Dito, Antonio Feliciano Soares Leite. — Dito, José Alves da Encarnação. — Dito, Domingos Ardison. — Dito, Gabriel da Silva. — Dito, Antonio José da Costa. — Tenente, José Henriques da Costa. — Dito, Joaquim José Ramos. — Dito, Joaquim Quadros Monteiro. — Dito, Joaquim Augusto de Oliveira Dias. — Dito, José Marques Chaves. — Dito, Francisco de Paula e Silva. — Dito, José de Miranda. — Dito, Jorge Possollo de Sousa. — Dito, João José de Passos. — Alferes, Sebastião Antonio Peixoto da Gama. — Dito, Matheus de Campos Balby. — Dito, Salvador José da Cruz. — Dito, Antonio Maria da Fonseca. — Dito, Felix José Dias. — Dito, João Maria de Lacerda. — Dito, José Bento de Freitas. — Dito, José Xavier da Silva. — Dito, José Joaquim de Castro Guedes. — Dito, Augusto Cesar Abranches. — Dito, Augusto Possollo de Sousa. — Dito, Theotônio José de Carvalho. — Cirurgião Mór, Manoel Bento Teixeira. — Medico, Luciano Lopes Pereira. — Empregado no Estado Maior General, João Pereira da Silva. — Dito, Antonio Luiz de Sousa. — Tenente, Jeronymo Joaquim de Sousa. — Conde da Taipa. — José Manoel Teixeira de Carvalho. — Criados, Do Exm.º Visconde de Sá, Manoel Teixeira. — Do Exm.º Marquez de Mello, José Anacleto. — Do Sr. José Estevão, José Rodrigues, e José Nunes de Faria.

Continúa a relação dos individuos de Caçadores 5 e 6, Fusilheiros da Liberdade, Batalhões do Algarve, do Porto, Cavallaria, e Batalhão de Coimbra, etc.

O *Echo popular* — n.º 38 — de 14 do corrente continúa analysando os outros jornaes do Porto pela maneira seguinte: —

Estrella — « Apresentou-se tão formidável a gloriosa revolução portugueza dentro e fóra do paiz, que foi necessario colligar-se a Europa para conter seus transbordamentos. . . »

Echo popular — « Que quererá dizer o homem com os taes transbordamentos? . . . Isto não pôde deixar de ser linguagem figurada! O Senhor cartista suppõe a Europa colligada um grande testo d'encaixe, e figura a revolução um caldeirão fervendo! . . . Pois olhem que não é outra cousa! . . . »

— Os fumos da caldeirada lisongeãm o olfacto, e já se prepara para se alambasar no *dessert* das legitimas consequencias. » —

Nacional — diz o *Echo* — « Está mais comedido; ficamos esperando que *escorregue* de novo. »

Progressista — diz o *Echo* — « Está com um

crescimento extraordinario; no seu papelucho de sabbado falla muitas vezes em tres poderosissimas, potentissimas, fortissimas, terriblissimas nações!

Sob a epigraphe — *Necessidades da situação* — traz um interessantissimo artiguinho:

Ouçam todos o jumento

Que sizudamente orneja:

« O progressista na sua singella e rasteira linguagem representava alguma cousa, será ao menos a expressão desse admiravel instincto do povo Portuguez, d'este povo, que está sendo a admiração das nações mais cultas, e com especialidade d'aquella, que bem merece o honrosissimo titulo de guarda avançada da civilização. » —

Ora aqui está o *Progressista*, fallando na sua singella e rasteira linguagem, confirmando o que já dissemos, isto é, que o progresso que elle representa é progresso de caranguejo! » —

Mais abaixo diz o *Echo* a respeito do mesmo *Progressista*: — Isto é que não pôde deixar de ser cousa d'um padreca, que por ali anda — judas em corpo e alma. —

Ralham as comadres, descobrem-se as verdade! — É um gostinho lêr os jornaes do Porto nos arrancos da facção!

ANNUNCIOS.

Antonio Emilio Corrêa de Sá Brandão, sendo obrigado a sahir rapidamente de Coimbra, sente não poder despedir-se pessoalmente, como devia e desejava, de todos os seus amigos e pessoas, que lhe fizeram a honra de o procurar: e agradecendo por esta fórma os seus cumprimentos, e as muitas provas de cuidado e interesse, que de um grande numero dos mesmos recebeu durante a sua profongada enfermidade, ás quaes retribue com sincera gratidão, espera que na sua volta a esta Cidade poderá cumprir com esse gostoso dever.

Pelo cartorio de Victor, em execução movida pela Fazenda Pública aos herdeiros do Padre João de Moraes Coutinho, correm editos de dez dias a chamar todos os credores incertos que tiverem direito á quantia de 226\$845 reis, que se fez pinhora, no deposito geral desta cidade, pertencente a um dos executados Francisco José d'Oliveira, pelo cartorio de Herculano.

Honorio Lopes de Sant'Anna, Tenente Telegraphico, declara illicito todo o contracto que se faça com os reus recibos d'Abril, já processados na Inspeção Fiscal do Exercito, de soldo, forragem, e expediente (este de 1\$200 reis), os quaes lh'enviava de Lisboa seu collega Jeronymo Duarte Ribeiro no correio ordinario que d'alli saio em 5 do corrente, que foi roubado. — Grijó 12 de Junho de 1847.

A Comissão Municipal do Concelho de Semide faz público, que se acha a concurso por espaço de 30 dias o partido de Medico deste Concelho, vago pela demissão dada ao Bacharel José dos Santos de Carvalho por Portaria de 21 de Maio ultimo.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

Sua Magestade a RAINHA, a Quem foi presente o Officio de 18 deste mez, em que o Administrador do Concelho de Evora, João Rafael de Lemos, servindo interinamente de Governador Civil, dá parte das ultimas occorrencias daquella Cidade, e da dissolução da Junta que ha mezes alli se achava estabelecida de facto: Manda, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, declarar-lhe em resposta o seguinte:

Que soube com muita satisfação que os Vo-gaes da referida Junta, e em geral as Auctoridades e o povo de Evora, abandonando toda a idéa de resistencia aos Poderes do Estado, legalmente constituídos, e pondo termo, pela sua parte, ás desordens e anarchia que tem devastado o Paiz, se acolhem respeitosos e agradecidos á Amnistia generosamente concedida por Sua Magestade, para entrarem no caminho da legalidade e do respeito ás Leis.

Que pôde, no Real Nome da Mesma Augusta Senhora, assegurar a todos que a Amnistia por factos politicos será inviolavelmente guardada; e que só o seu comportamento, posterior ao acto de submissão, quando seja offensivo ás Leis e ordens do Governo, atrahirá sobre elles a punição e castigo.

Que, para levar a effeito a pacificação completa da Cidade e do Districto, expeça o Administrador as ordens competentes no sentido do Edital do Governo Civil de Lisboa, transcripto no Diário do Governo N.º 142, que com esta Portaria se lhe remette.

Que em breve se apresentará em Evora o Secretario Geral, que actualmente serve de Governador Civil, e que no entanto continue o mesmo Administrador, cujos serviços e sentimentos Sua Magestade a RAINHA Reconhece e Louva, a dar todas as providencias ao seu alcance para que renasça a paz e a ordem, e cessem e desapareçam os odios, vinganças e resentimentos.

O que tudo o referido Magistrado ficará entendendo, e fará coustar a quem competir. Paço das Necessidades, em 29 de Junho de 1847. — *Francisco Tavares de Almeida Proença.*

ULL.^{mo} e Excm.^o Sr. — Tendo tomado conta deste Governo Civil, na falta do Governador Civil, do Secretario Geral, e dos Conselheiros de Districto, proprietarios e substitutos, na qualidade de membro mais antigo do Conselho antecedente; tenho a honra de dar conta a V. Exc.^a, para ser presente a Sua Magestade A RAINHA, do que tem occorrido nesta Cidade desde o dia 15 do corrente. Neste dia

começaram a entrar nella algumas praças das forças, que commandava o Visconde de Sá da Bandeira, e no dia seguinte, apesar da intimação que o Governador Civil dirigiu aos Commandantes das forças que para aqui marchavam, pertencentes á mesma Divisão, para não entrarem na Cidade, se apresentou um corpo de cavallaria, commandado por Antonio Manoel Soares Galamba, com uma bateria de artilheria de campanha, e diversas porções de infantaria, que seria tudo uns 800 homens, parte commandada por diversos Officiaes, e parte em debandada. No dia 17, a instancias da Junta, e do mesmo Governador Civil, que declararam mui positivamente a uma grande parte dos Officiaes e Commandantes desta tropa, que os não forneceriam, e que a Cidade não carecia delles, nem reagiria a quaesquer forças que Sua Magestade fosse Servida Mandar para ella; antes pelo contrario estava prompta a recebê-las, e cumprir as suas Reaes Determinações; sahio o mencionado Antonio Manoel Soares Galamba com a cavallaria, deixando a artilheria, que consiste em cinco bocas de fogo, inclusivê um obuz. Foi igualmente acompanhado por uma parte da infantaria, que o quiz seguir, na direcção do Sul. O Batalhão da Guarda, em força de 118 praças, com outros soldados que a elle se juntaram, pertencentes a diversos corpos, tomaram o caminho do Norte. O resto sahio disperso em differentes direcções.

A Junta tinha se já dissolvido; e tendo me declarado oficialmente o mencionado Governador Civil que deixava de funcionar, dej as providencias que julguei a proposito para que a ordem não fosse alterada, nem perturbado o socego publico, o que se tem conseguido até á data deste.

Substitui a guarda da Cadea, que estava confiada á Nacional por uma de homens do povo, que para isso escolhi, e que por mim, e por um Regedor de Parochia, foi vigiada de noite. Logo que estabeleci esta guarda, disse ao Major Ilharco, e a seus companheiros, prisioneiros em Alcaer do Sal, que se podiam considerar soltos; mas elle comigo julgou a proposito ficarem na prisão ainda aquella noite, por isso que na Cidade ainda havia gente armada do Sá da Bandeira, e só pela manhã de hoje sahiram da prisão, e estão aquartelados em casas particiuares.

Mandei já abrir uma das portas da Cidade que estavam obstruidas com fortificações, e as outras serão tambem abertas na proporção em que o possam ser, apoveitando-se a madeira que pertence á Fazenda Publica.

A circumstancia de eu estar á testa da administração desta Cidade, é motivo bastante para Sua Magestade Se Dignar Mandar quem me substitua.

Mui pouco valiosos são os serviços que em tenho prestado a esta Cidade, onde, com pequenos intervallos, tenho servido Empregos Publicos

desde a idade de dezanove annos até á de cincoenta e oito, que hoje conto: não merecem elles recompensa; mas se Sua Magestade, por Sua Real Benevolencia, me quizer fazer graça, eu submissamente peço a exoneração de Administrador deste Concelho, cargo que sirvo, pela terceira vez, ha oito annos e meio.

Deos guarde a V. Exc.^a Evora, 18 de Junho de 1847. — Illm.^o e Excm.^o Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino. — O Administrador do Concelho, *João Rafael de Lemos*.

Consta tambem officialmente, que a Camara Municipal da Cidade de Evora se havia reunido extraordinariamente, e feito Auto de submissão e lealdade a Sua Magestade A RAINHA, — e que a Junta rebelde se tinha dissolvido, lavrando uma acta da sua dissolução.

PARTE NÃO OFFICIAL.

O desprezo que merecem os jornaes da *patuleia* não só pelas doutrinas falsas e subversivas, como principalmente pelo estilo indecente e torpe linguagem, que requintam á medida que vai peorando a situação da canalha, justifica o silencio que ordinariamente guardamos a respeito de taes papeis; que todavia não deixam de ter algum merecimento historico, por serem escriptos no século da civilização, e no centro da parte mais culta do globo terrestre, como documentos autenticos da perversão e immoralidade, que a anarchia pôde produzir, quando por desgraça se senhorêa do espirito humano.

Faz, não sabemos se nojo, se dó, lêr aquelles papeis infames, dictados pela cegueira de partido, pelo furor da desesperação, e pela ferocidade de Canibaes. Tudo se transtorna, tudo se desfigura; as contradicções saltam aos olhos em cada numero, e até na mesma pagina: e, o que a tudo sobreleva, a linguagem torpe, insolita, e repugnante nem ao menos sabe respeitar as conveniências de partido, os interesses da situação.

O *Espectro* escripto por Alécto nos accessos de furor satânico, e transmittido ás occultas debaixo da égide do segredo inviolavel, fôra bastante para desconceituar qualquer partido, que por fortuna tivesse grangeado alguma reputação. Não ha falsidade que não occorra áquella imaginação desvairada. *Está vendida toda a parte Asiatica aos Inglezes: agora vão tomar posse de Lisboa e do Porto: e brevemente dirá que vem algum proconsul Inglez a governar-nos!!* E o mais é que em um mesmo numero se soltam crueis invectivas contra os *barbaros Inglezes que fingem detestar o commercio dos negros para fazer dos escravos brancos; e se fazem rasgados elogios áquella nação philantropica, amante da liberdade!!*

No Porto o *Ecco popular* advoga como miguellista a sua causá; bate todas as ideas liberaes; desadora até com a *Estrella* e o *Nacional*, e faz o seu officio animando com mentiras e bravatas o seu partido exangue. Não lho levamos a mal: é desafogo de quem está no oratorio, e impenitente. A *Estrella* e *Nacional* estam fazendo uma figura ridicula, deslembados de quanto até agora tem escripto; e querendo a todo o custo achar o *locus poenitentiae*.

Se a liberdade de imprensa servisse sómente para se escrevinhar por tal gosto, antes mil vezes a censura previa: se não instrua, ao menos não desmoralisava; nem vilipendiava um povo Europeo.

Ahi os estamos vendo já aproveitar a palavrinha, torturar o sentido da phrase, e clamar que advogamos a censura previa. Não senhores; para taes escriptores, e nas circumstancias actuaes não a quereríamos: convem-nos que continuem por tal guiza: dão-se assim a conhecer; e poupam-nos grande trabalho. Aos seus não fazem bem, nem mal: são absolutamente inhabeis e incorrigiveis: aos nossos não podem fazer mal; porque nos proprios excessos da imprensa vai o contra veneno.

Mas que espectáculo do ridiculo estão dando ao mundo inteiro! que norma é essa de escrever sem respeito ás cousas mais sanctas, ás pessoas mais inviolaveis? A quem pretendem já enganar, quando despejadamente asseveram que a nação toda está ás suas ordens? Pois a nação resume-se nesses dez mil combatentes que elles dizem ter no Porto? e que dez mil! é o exercito dos judeos de seiscentos mil homens, composto pela maior parte de crianças, velhos, e mulheres! Lá tem, se é licito comparar as coisas pequenas com as grandes, o seu Moisés da Vêla, tambem octogenario; mas falta-lhe o auxilio do braço omnipotente; e não ha o deserto da Arabia para os acoiar.

Atrevem-se a insultar a virtude, dizendo que foram chamados estrangeiros para vencer a maioria da nação! e com essa supposta maioria quantas victorias contam? como foram obrigados a encurrular-se no Porto e em Setubal? *quo numine loeso?* foram estrangeiros os que obraram? taes prodigios contra uma *nação inteira?* respondam, se podem. A quem pretendem insolentes illudir? ha hoje alguém que ignore que o coração augusto é piedoso se condoia da effusão de sangue portuguez; e para inspirar respeito aos allucinados, para lhes poupar as vidas, que não merecem, se soccorréra ao auxilio dos alliados depois de reduzida a revolta a dois unicos pontos do Reino? E não tem a RAINHA dos Portuguezes a nação por [si; porque recorre aos alliados?] e assim se ousa converter em crime a virtude; e menosprezar o mais nobre sentimento do coração humano?

Em balde se esforçam por escurecer a verdade! ella sabe penetrar mais do que a luz. Os barbaros de Setubal, que assassinavam depois de roubar; os miguellistas do Porto, que excluíram das fileiras os defensores da Carta e do Throno; os vandalos da Guarda, que incendiaram o que não poderam levar, são hoje conhecidos, devidamente avaliados, e geralmente detestados por todos os que respeitam a honra, a propriedade, e o decoro. Os seus calumniosos, e insolentes jornaes estão muito abaixo de toda a critica. Para vergonha dos anarchistas (se de alguma fossem susceptiveis) os seus escriptores têm tanta polpa e pulso, como os seus combatentes de Torres, Val Passos, Setubal, e Guarda. A fé, a valentia, a palavra de honra de uns corre parelhas com a dos outros. Desfazem-se em gabos, em jactancias, em fanfarronadas pueris e ridiculas, em quanto o inimigo lhes não chega: aproximando, pedem misericordia, soccorrem-se a armistícios; e se lhos não concedem, fogem, e cantam ufanos o — rei chegou — apenas livres do perigo imminente. Covardes! infames! indignos do nome Portuguez!

NOTÍCIAS.

O officio do Administrador do Concelho de Evora transcripto no lugar competente, com quanto ratifique alguns promenores publicados por informações particulares ácerca da adhesão dessa Cidade, mostra claramente os sentimentos dos seus habitantes submettendo-se voluntariamente á obediencia da RAINHA, e compellindo a sahir da cidade as tropas facciosas, e isto quando a legoa de distancia se achava o Conde de Vinhaes.

Este continuava em perseguição dos fugitivos, engroçando diariamente as suas fileiras com os inuitos apresentados, e sendo recebido pelos povos do Alentejo com todas as demonstrações de allegria.

Um grande numero de cidadãos do Algarve dirigiram uma representação ao Governo para ser mandado a essa Provincia o benemerito Batalhão de voluntarios Algarvienses organizado na Capital.

Da Torre de S. Julião passaram para as nossas embarcações duzias de marujos, que ahi estavam. Pedimos ao Governo cautella com os *convertidos*!

Sabemos, que 56 individuos que se achavam a bordo do vapor Inglez *Bull-Dog* se offereceram voluntariamente a servir nas fileiras da RAINHA.

Lê-se no Diario, que as tropas Hespanholas estavam a 18 em Vianna do Minho.

As musicas de diferentes batalhões nacionaes foram esperar Caçadores 5, e Guarda Municipal no seu regresso a Lisboa.

Uma carta de Lisboa diz, que desde já eram exceptuados da amnistia B. de Sá, José Estevão, e Luiz de Mello, não se sabendo qual a sorte dos prisioneiros da expedição, sendo entretanto certo, que tambem se dizia serem mandados sahir temporariamente do Reino.

Do Porto dizem, que ahi abordou no dia 27 Loulé vindo das aguas do Tejo, e em consequencia das informações, que deo, e da aproximação das forças hespanholas tinha havido conselho da junta, no qual os dous Passos e Bernardino insistiram pela resistencia; em quanto Povoas já vacilava, inclinando-se ao parecer d'Avila e Justino, que queriam, que se entregassem aos estrangeiros!

O nosso correspondente não sabia o resultado final, se é que o houve; seja elle qual for, esses homens estão fóra da amnistia. Esse acto de clemencia real dependeo de uma condicção — *prompta submissão*: esta não se realisou — caducou pois o contracto, e ficaram sujeitos á acção das Leis, os que assim regeitaram o perdão.

« *Exige a justiça, a necessidade, e a salvacão do Estado, que fiquem sujeitos á acção das Leis, os que recusando submeter-se, tentarem prolongar os males da Patria.* » (Proclamação de 9 de Junho.)

RAINHA dos Portuguezes cumprí a Vossa palavra! — Ministros da Corôa ouvi o brado de todos os amigos da Ordem!

A justiça, a necessidade, e a segurança nossa, e delles, reclama, que vão para paiz estrangeiro, pagando pelos seus bens os prejuizos públicos, que causaram e os roubos particulares, que commetteram.

Diz-se mais do Porto, que chegando á barra o vapor mercante *Falcão* — ao serviço dos rebeldes, vindo de Inglaterra com armas, e commestiveis, fora aprisionado pelos vasos do bloqueio.

Para o Quartel General sabemos continuar a proccissão dos apresentados, a qual mostra claramen-

te o desalento em que estão no Porto. Hontem daqui foram remetidas perto de 200 armamentos para serem armados os que se tem apresentado desarmados.

No Quartel General desta cidade continuou hoje a apresentação dos fugitivos de Setubal.

O General Concha saio de Villa Real no dia 20 — deve pelo menos estar em Amarante. Uma columna hespanhola achava-se a 18 em Vianna — e outra em Braga; e o Conde do Casal deve estar em Avintes.

Lê-se no *Diario*

Na noite de 9 apresentou o Governo na camara dos communs os promettidos documentos ácerca da questão portugueza. Assevera o *Times* que formam um volume de 377 paginas.

A discussão provocada por Mr. Hume teve logar no dia 11. O orador era de opinião que o Governo não devia intervir; e que se outra potencia o quizesse fazer a Inglaterra lho devia prohibir. Receava mais o orador que a causa da liberdade perigasse para o futuro em Portugal pela submissão dos rebeldes do Porto.

Obtiveram a palavra varios oradores, uns combatendo, outros apoiando as asserções de Mr. Hume, até que a final Lord J. Russell, recapitulando em um longo discurso todos os acontecimentos desde as reuniões dos clubs democraticos antes do dia 6 de Outubro até ao presente; e, referindo-se aos receios que causaram aos amigos da ordem as opiniões exageradas, naquellas reuniões emitidas, concluiu alludindo a demonstrações feitas por outras potencias, e mostrando a necessidade em que se achava o Governo de intervir de accôrdo com aquellas potencias, para evitar graves calamidades a um paiz, com o qual a Inglaterra se achava ligada desde seculos.

O orador destruiu os receios dos adversarios da intervenção, fazendo-lhes vêr que não havia perigo nenhum para a liberdade em Portugal com a submissão dos rebeldes; que, pelo contrario, se evitava uma época de terror, cujos resultados ninguem, nem os mesmos partidarios da revolução podiam prever.

O orador ainda mostrou que não era cousa extraordinaria esta intervenção; porque ella já tinha tido logar em Portugal e Hespanha, quando estes dous paizes lutavam, um contra D. Miguel, e o outro contra D. Carlos; que houve intervenção na Belgica; que a tinha havido na Grecia; e que a Inglaterra mesmo, em outras épocas, tinha accettato, e até pedido intervenção estrangeira, em questões suas domesticas.

O illustre orador terminou, declarando, que a Inglaterra não podia vêr com indifferença a desorganisação de um paiz, ao qual se achava ligado por intimos laços de amizade; e que convinha recordar, que todas as vezes que houve na Europa guerra contra a Inglaterra, Portugal sempre se declarára a favor da sua antiga alliada; e lhe dera sincero e valioso auxilio.

Este discurso foi por varias vezes applaudido, sobre tudo no fim.

A Camara addiou o debate, por proposta de Mr. Borthwick.

As folhas hespanholas fallam da brilhante acção junto a Vallença pelas tropas *Luzo-Hespanas*, fazendo elogios ao General Mendes Vigo, e Brigadeiros Lersundi, e Fuente Pita. Além da allocação, que Mendes Vigo publicou na sua entrada em Portugal, encontramos a seguinte dirigida ás tropas do seu commando, a qual honra sobremaneira o General Hespanhol.

« D. Santiago Mendez Vigo, tenente general dos exercitos nacionaes, capitão general do exercito e Reino de Galliza, senador do Reino, e commandante geral do mesmo exercito em operações no Reino de Portugal etc. etc.

« Sendo chegado o momento, em que, por mandado do governo de S. M. a Rainha D. Izabel 2.^a (Q. D. G.) vou pizar com as tropas do meu commando o territorio

do visinho Reino de Portugal, é do meu dever dirigir a minha voz aos que me acompanham, para lhes fazer saber, que a nossa entrada naquelle paiz não tem por objecto vexal-o em nenhum sentido; porque a nossa honrosa e pacificadora missão é dar toda a protecção e auxilio aos cidadãos pacíficos e honrados daquelle Reino, e chamar a nós, e, se for necessario, reprimir os que continuarem a desobedecer ao legitimo governo de Sua Magestade Fidelissima, a Senhora Dona Maria 2.^a, até ao ponto de o hostilisarem com as armas na mão. É indispensavel, portanto, que o nosso proceder confirme aos naturaes daquelle Paiz os nossos desejos e sentimentos de cooperar para a paz e ventura dos mesmos, respeitando a propriedade de todos, assim como dando amparo e protecção a todo o cidadão pacífico e honrado, sem distincção de classes, partidos, ou opiniões. Para conseguir estes fins é necessario que as nossas tropas, observem a mais rigorosa disciplina, estricta subordinação, e pontual obediencia ao que determina a ordenança geral do exercito, mui particularmente no titulo 10 do tractado 8.^o. Portanto, e declaradas como se acham por ordem Regia de 30 de Maio, as referidas tropas, como estando em operações, ou campanha, ordeno e mando o seguinte:

• Art. 1. Todo o individuo das tropas e classes dependentes do material das mesmas, que nos quartéis, alojamentos, estabelecimentos públicos, ou casas de campo, nas marchas e acampamentos extrahir o valor de um real (43 reis portuguezes) até dez reis será severamente castigado com pena arbitraria pelo chefe mais proximo, que tiver noticia da falta commettida, informando-se prévia e summariamente das circumstancias daquella, e entregando-se ou indemnizando-se o objecto roubado.

• Art. 2. Sendo o valor dos objectos extrahidos de dez até cincoenta reales, soffrerá o delinquente castigo de dez annos de presidio, com prévia informação summaria que será elevada á minha approvação com restituição ou indemnisação do objecto roubado.

• Art. 3. Se o valor dos objectos extrahidos passar de cincoenta reales, será instruido um rapido summario, e será imposta a pena ultima ao delinquente, a qual será executada sem demora, precedendo o meu conhecimento e approvação, para exemplo dos demais, e para deixar completamente satisfeita a vindicta publica, e bom nome do exercito hespanhol, e a sua proverbial honradez.

• Art. 4. Para que ninguem allegue ignorancia do que fica prevenido se lerá por espaço de tres dias nas companhias esta minha ordem, que será publicada como ordem geral do exercito. E faço responsaveis os commandantes de corpos pelo exacto e pontual cumprimento do que nella se contém, dando-me conta de o haverem assim verificado. Quartel General em Tuy, 3 de Junho de 1847. = *Mendes Vigo.*

(Heraldo.)

Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, Governador Civil do Districto de Viseu por Sua Magestade Fidelissima a RAINHA.

Sendo a criação de gados o producto mais lucrativo dos lavradores, e aquelle, que mais tem enriquecido diversos Paizes, aonde ella tem merecido o cuidado dos Governos, ou a attenção da industria, ainda n'aquelles, que a Natureza fez menos felizes, e que eram summamente estereis; considerando pelo contrario a fertilidade do Solo, de que geralmente se compõe o Districto, que Sua Magestade me Fez a honra de Confiar aos meus cuidados, aonde por effeito disso, e em virtude tambem da industria de seus habitantes já é crescida a criação de gados, mas aonde póde ainda crescer mais, e augmentar por este modo a industria agricola, e a riqueza do Districto, se poderá ensinar-se aos lavradores o systema dos Prados artificiaes, que promettem grandes resultados n'esta parte da Beira, se elles se introduzi-

rem, e se generalisarem, escolhendo aquelles, que forem mais adaptados ao Solo, e encontrarem menos difficuldade nos habitos dos povos; e convindo aproveitar a epocha, que está proxima, de se poderem haver as sementes, que forem necessarias, e eu adoptar as medidas, que me parecerem convenientes, para fazer em todos os Concelhos e Freguezias do Districto os Prados modellos, em que se veja a utilidade d'este grande melhoramento e progresso agricola; tenho por conveniente ao serviço público nomear aos Drs. João Victorino de Sousa e Albuquerque, João Coelho de Campos, Antonio Corrêa de Lemos, e Manoel Ribeiro de Liz Teixeira, da Eschola Medico Cirurgica do Porto, e aos Pharmaceuticos José Antonio Corrêa da Motta, e Miguel Ferreira da Costa, para comporem todos uma Commissão, que pela illustração e zelo de cada um de seus membros me proponham os Prados artificiaes, que sejam mais adaptados a este Districto, em razão do Solo, e os habitos dos povos, e o systema, por que se podem mais facil e brevemente levar a effeito; indicando no parecer, que a Commissão me dirigir, o systema, e o processo, e a epocha de se semearem, e quanto convenha em qualquer sentido, para que a criação dos gados neste Districto prospere, e não prejudique a cultura dos Cereaes, á qual os Prados actuaes e impiricos estão tirando, ou terrenos excellentes, ou demorando nelles a sua sementeira; — esperando eu, que esta minha nomeação será bem recebida, e o encargo da Commissão desempenhado satisfatoriamente pelos cidadãos, de que me lembrei, dando na conta delle uma prova do seu patriotismo. — O Doutor João Victorino de Sousa Albuquerque servirá de Presidente, e o Cirurgião Manoel Ribeiro de Liz Teixeira, da Eschola Medica do Porto, de Secretario. — Governo Civil de Viseu quatorze de Junho de mil oitocentos quarenta e sete. — *Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco.*

Documento historico. — Cópia d'uma carta, que Bernardo de Sá escreveu a Sir. W. Parker.

Setubal 4 de Junho de 1847. — « Excm.^o sr. Almirante. — Quando li na carta de V. exc.^o datada do 1.^o do corrente o convite que me dirigia para que largasse as armas e me entregasse ao poder do governo britannico, não pude deixar de considerar essa proposta como feita debaixo da impressão que lhe haveria causado a noticia do aprisionamento da expedição que sahio do Porto sob o commando do marechal do exercito conde das Antas; e julguei de meu dever não lhe responder.

« Mas hoje que, V. exc.^o, com espirito mais socegado, envia o capitão sir J. Robb expressamente para de novo me apresentar propostas taes, que eu nunca esperára que um almirante, cujo nome é tão distincto, apresentasse a um commandante em chefe d'um exercito que não tem diante de si nenhuma força superior, que o possa obrigar a praticar esse acto, não hesito nêem um momento em responder a V. exc.^o que rejeito taes propostas.

« Por esta occasião, não posso deixar de associar-me, como lugar tenente da junta do governo supremo do reino ao protesto lavrado pelo excm.^o conde das Antas, contra o acto do aprisionamento praticado pela esquadra ingleza. — Tenho a honra de ser etc. — (assignado) Sá da Bandeira. — A S. exc.^o sir. W. Parker. »

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

NOTICIAS.

O General Concha achava-se em Vallongo — as columnas hespanholas, que estavam em Braga e Vianna, desceram sobre o Porto para se pôrem em comunicação com o General Concha.

O Conde do Casal estava em Avintes, e corre, que o Nobre Marechal Duque de Saldanha avançou a fazer junção com as mencionadas forças.

O Conde de Vinhaes entrou em Evora pelas nove horas da manhã do dia 21.

Anteriormente se tinha alli publicado um officio dirigido pelo mesmo General ao Governador Civil interino, assegurando-lhe que ia entrar como pacificador e não como inimigo; e que por consequencia encontrariam nelle protecção todos aquelles que prestassem obediencia e sujeição á auctoridade da RAINHA.

Achavam-se alli alguns dos dispersos de Setubal, que immediatamente seguiram diversos destinos, encaminhando-se ás suas naturalidades, excepto os que eram soldados de linha, os quaes todos se apresentaram ao nobre General.

Galamba discotria sem pensamento nem plano por diferentes pontos, apenas acompanhado de 50 cavallos, mal armados, e mal equipados.

Diz-se de Lisboa, que Faro se levantou a favor da RAINHA. O Governo mandava ao Algarve o valente batalhão Algarviense, e o de Caçadores 5.

A cidade de Béja pronunciou-se; seus habitantes levantaram-se sem aguardar auxilio exterior; porém ha a lamentar, que o administrador do Concelho nomeado pelos rebeldes se lembrasse de ainda querer reprimir a opinião pública, cahindo assim, e parece que ás mãos das mulheres, victima da sua loucura, e das inauditas violencias, que commetteo.

Deploramos este acontecimento.

Diz-se, que o vapor mercante *Vesuvio* — ultimo ao serviço dos rebeldes, appareceu nas aguas de Setubal vindo do Funchal, aonde tinha sido mandado, mas sabendo do occorrido, fugio, tomando o mesmo rumo, que trouxera, — levou ás Ilhas sublevadas o desmentido dessas *noticias officiaes*, que Bernardo de Sá não se pejou de para lá communicar, como nossos leitores podem ler no Diario do Governo.

Esperava-se em Lisboa o vapor inglez mercante — Falcon — ultimamente apprehendido aos rebeldes.

As cartas e papeis impressos de Lisboa fallam na separação de officiaes e soldados, que se achavam presos na Torre de S. Julião, a fim de serem estes conduzidos aos depositos, e aquelles aos destinos, que lhes forem marcados. Uma força da Guarda Municipal ás ordens do Capitão Barrot tinha ido collocar-se nas proximidades

da Torre, a fim de prevenir qualquer perturbação na devida obediencia.

Constava, que se reunia Assembléa no Banco de Portugal para subministrar ao Governo novos recursos, a fim de se pagar aos empregados públicos, de que muito necessitam.

Lê-se no Boletim Cartista de Lisboa — « O Almirante Parker diz a quem quer ouvil-o, que não encontrou nunca tão pouca dignidade, como a que lhe estão dando constante testeraunho os prisioneiros patulêas — que na verdade é gente incapaz — que não ha entre elles um unico *gentleman*, e que a maior vergonha sua é ter-lhe sido por algum tempo favoravel.

As cartas do Porto referem as violencias ahi novamente praticadas: activaram a cobrança das decimas e impostos annexos de 46 a 47 com a pena de prisão, e 10 por cento, aos que promptamente não pagarem — obrigaram as Freguezias da cidade, e do campo a darem para os depositos duas juntas de bois — embargaram todo o bacalhão, e arroz, que havia armazenado; e foram dar novo *saque* á Companhia dos Vinhos! — Tem quebrado as costellas aos amigos da ordem, e aos proprios estrangeiros, que encontram: e em a noute de 19 assaltaram a casa do Visconde de Ferreira, e outra d'um rico negociante, ao qual arrastaram á rua, e o levavam em procissão para, segundo diziam, ser fuzilado! — appareceu o Passos Manoel — fez acudir tropa, e poudo soccegar os *patulêas!*

Um pobre homem de Villa Nova, que tinha fama de ser Cartista, foi barbara e cruelmente espancado, e depois de o estenderem se divertiram picando-o com as bayonnetas! Raro é o dia, e rarissima a noite, em que scenas similhantes não appareçam!

Pela meia noute de 23 recolheram ao Porto os restos do 12, e dous corpos populares, unicos, que se conservavam em Valongo, e isto em consequencia da aproximação do Exercito Hespanhol. Estes corpos entraram com pouca gente, mas com muitas bagagens. Parece que os irmãos Passos correm as ruas do Porto animando os seus, dizendo-lhes entre outras patranbas, que os Gallegos são meia duzia de galuchos. Os Consules abandonaram inteiramente o Porto, tendo anteriormente pedido passaportes, como se vê dos Officios, que copiamos do *Nacional* 139.

Consulado Britannico — Porto 20 de Junho de 1847. — Exm.º Sr. — Tenho a honra de pedir, que V. Evc.º se sirva fornecer-me um passaporte para eu poder sahir do Porto, levando em minha companhia o Coronel Owen, M. C. M.º Marigné, e um criado. Tenho a honra de ser, etc. — Exm.º Sr. José Silva Passos — Echwia J. Johnston.

Consulado de Hespanha no Porto — Exm.^o Sr. — Muito meu Senhor. — Em virtude de ordem de S. M. C., e attendendo ás circumstancias extraordinarias desta cidade, vejo-me na sensível precisão de rogar a V. Exc.^a se sirva mandar expedir-me passaporte como Consul de S. M. C., para poder sahir do Porto por mar, ou por terra, como melhor me convier. Levarei comigo, Exm.^o Sr., a minha gratidão, etc.

Porto 20 de Junho de 1847. — Exm.^o Sr. José da Silva Passos. — Bernardo Rodrigues Fuentes.

No dia 21 eclipsou-se a *Estrella do Norte*. Apareceu com a revolução de Maio, e desapareceu com a victoria da ordem.

A Providencia não quer desamparar a cidade invicta, e por isso permittio que á finada Estrella, que Deos tem em gloria, succedesse um não menos brillante tocheiro denominado o *Raio*, do qual tivemos a dita de poder ler um numero datado de 19 do corrente, em que achamos a seguinte *veridica* noticia debaixo do titulo — *Fusilamentos* — diz o *Raio* « Ha poucos dias sabiu « desta cidade um voluntario do batalhão académico, com licença de se demorar na sua terra « (Lourosa). Foi apanhado junto com mais tres « portuguezes pelos estrangeiros de Lisboa, e fusilado com os companheiros *in continenti*. Era o « Sr. Antonio da Cunha Lemos. »

Tranquillise-se o *Raio*, e dê treguas á sua delicada sensibilidade, acreditando que o benemerito academico, de que falla, está de perfeita saude em Lourosa, sua patria: e ainda desta vez não tem a liberdade de chorar tão extrenuo defensor, nem as sciencias a um talento transcendente, que lhes promette tantas esperanças. Podemos assegurar-lhe que o *talentoso* moço ainda existe para poder ser outra vez *reprovado nemine discrepante*, como o foi no seu primeiro anno juridico, e como, attenta a sua habilidade, e applicação, o seria no preterito anno lectivo, se a junta, promettendo lhe cobrir a sua crassa ignorancia com o perdão d'acto, o não tivesse decidido a abandonar o culto de Minerva pelo de Marte.

Acredite o *Raio* que o amor da patria e da liberdade, que inflamou os peitos da mocidade academica, foi o pomo tentador, que a junta lhe mostrou decretando o perdão dos actos, e se quizer dar-se ao trabalho de fazer minuciosas indagações talvez achará que « foram os academicos estudiosos e de talento superior, como Antonio da Cunha e seus irmãos, aquelles que com mais furor empunharam as armas: » e como esses genios bellicosos mostraram pelas armas tanta paixão não deveriam ser contrariados na sua vocação, mas antes aproveitados como recrutas, porque estamos persuadidos de que elles serão tão bons soldados, como são pessimos estudantes.

Diz mais o — *Raio* — o seguinte que fielmente copiamos.

« O batalhão Cartista de Coimbra
« está todo no Porto. Falta sómente
« o seu commandante João de Sande
« Magalhães Mexia. »

E então? — Ora nós aqui, e sem o sabermos!

Com a mesma *verdade* accrescenta em seguida, — que *toda a Acade-*

mia se acha em armas em defeza da junta, excepto dous ou tres *traidores*, que nomeia para *eterno oprobrio!*

Sabemos, que o Padre Antonio Magalhães da Certã, se apresentou ao Governador Civil de Santarém para gosar do indulto concedido por S. M., e que era mandado fazer a sua *submissão* perante as Auctoridades deste Districto!

Custa na verdade a acreditar, mas é verdade! Rogamos ás Auctoridades *cautella* com os *arrepellidos* para depois se não queixarem.

O Diario de quinta feira confirma esta noticia, e accrescenta, que elle mandava entregar as armas da sua guerrilha.

E as violencias, que praticou? e os roubos, que commetteo? e a prisão e *saque* do Administrador de Penella? Quem os ha de reparar?

Continua a apresentação dos fugidos de Setubal — vêm em estado lastimoso — pela maior parte cobertos de farrapos, e morrendo de fome, porque os abandonaram devedo-lhes mezes de soldo!

Hontem apresentou-se um official com 23 praças todas desarmadas por terem vendido as armas, a fim de terem com que fazer a jornada! — grande parte dos apresentados são do Minho, dos batalhões alli organisados, e dos fusileiros da liberdade.

Ratificando o que se disse ácerca do réo Calhandro, entrado prezo nas cadêas desta cidade, somos informados pela auctoridade respectiva, que elle acha-se apenas pronunciado no crime de homicidio praticado na pessoa d'um individuo da freguezia de S. Thiago de Besteiros, e não no de parrecidio, mas sim o seu companheiro tambem prezo Manoel Rodrigues Sota — ambos da celebrada guerrilha da Bairrada, e um delles ainda ultimamente chegado do Porto! Sota assassinou o pai por insinuações da mãe, com quem andava amigado!!!

Eis ali dous *valentes* populares da Maria da Fonte! Eis ali dous *dignos representantes* da opinião publica!

Escrevem de Ourém narrando os relevantes serviços, que tem prestado o batalhão de segurança publica alli organizado, e entre estes o desarmamento de diferentes partidas vindas de Setubal.

No dia 17, chegando a Ourém a noticia de que pela estrada de Chão de Maçans estavam passando magotes desses fugidos, sahio immediatamente a guarnecer as estradas, e entre outros desarmaram uma partida de 18 no logar do Barreiro, os quaes trouxeram para Ourem, tratando-os com o maior carinho, e d'alli, e passado um dia de descanso os foram escoltar até Leiria. O nosso correspondente falla com louvor do habilissimo Major Commandante deste Batalhão Nacional José Rafael Nogueira, bem como de estar este corpo em serviço activo desde Abril sem receber um real de pret, ou uma ração de etape.

Dizem de Viseu terem sido festejadas com grandes demonstrações de alegria as ultimas satisfactorias noticias, havendo musicas pelas ruas, illuminação de quasi toda a cidade, e diferentes

composições poeticas á porta do Governador Civil do Districto.

Escrevem de Aveiro dizendo terem ali chegado algumas familias retiradas do Porto em consequencia do estado anarchico, em que se acha a cidade.

Por Decreto de 6 do corrente mez foram promovidos a Tenentes Generaes os Marechaes de Campo, Conde da Casal, Visconde de Valongo, e Barão do Monte Pedral; a Marechaes de Campo, entre outros, os seguintes Brigadeiros, Conde de Vinhaes, Barão d'Ovar, Barão de Sanhoane, e Miguel Corrêa de Mesquita Pimentel; e a Marechaes de Campo graduados, os Brigadeiros, Barão de Santo Antonio, Barão de Pernes, e Visconde de Campanhã; a Brigadeiros effectivos os Brigadeiros graduados Barão de Echewege, Barão da Foz, Barão de Sarmiento, Barão de Bilvoes, Barão d'Almofalla, e Barão de Resende, além d'outros; a Brigadeiros graduados os Coronéis Philippe Marcellly Pereira, Barão de Vinhaes, Francisco Xavier Ferreira, Bernardo José d'Abreu, e Barão da Luz, além d'outros.

No parlamento inglez, na camara dos commons, continuou no dia 14 o debate pendente da sessão de 11. Mr. Borthwick foi o primeiro que obteve a palavra, em defeza da proposta de Mr. Hume, cujo fim era provocar uma demonstração da camara contra a politica do ministerio relativamente a Portugal. O orador começou affirmando que o governo deveria ter seguido o proceder de Mr. Canning em 1826, o qual não se decidio a intervir, sem primeiro obter a sancção do parlamento. Insistio depois em asseverar que a intervenção era prejudicial á liberdade de Portugal; e não tinha por fim senão a protecção a um partido especial.

Seguiu-se Mr. Christie o qual orou contra a proposta. O illustre deputado examinou separadamente as duas objecções offercidas por Mr. Hume — a primeira que o gabinete tinha interferido para sustentar o despotismo — e a segunda que toda a interferencia nos negocios domesticos de um paiz era impolitica e cruel. A primeira objecção respondeu o orador com os documentos apresentados á camara, pelos quaes se evidencia que o governo portuguez, annuindo ás propostas sobre que se baseia a intervenção, está longe de pensar em absolutismo — á segunda respondeu, provando pela historia, e pelo procedimento de outras nações, e da propria Gram-Bretanha, que o principio de não-intervenção não era tão absoluto, que não devesse ser posto de parte em certos casos. O orador concluiu soltando alguns epigramas á nova união entre Mr. Borthwick e Mr. Hume, e aos desejos noutro tempo patenteados por aquelle a favor de uma intervenção na Hespanha, a qual por certo não tinha por fim a sustentação da liberdade — e declarou que era sua opinião que o gabinete tinha procedido como lhe cumpria.

Lord J. Manners seguiu systema diverso do que tinham adoptado os oradores que defenderam a proposta de Mr. Hume. Insistiu em affirmar que Lord J. Russell não tinha provado que a intervenção fosse favoravel aos interesses da Inglaterra e de Portugal. Reconheceu, que, sendo a intervenção um facto consumado, não era já possivel remedial-o; porém pediu que fosse adoptada a emenda de Mr. Duncombe, a qual consistia na exigencia de um penhor publico da parte do Governo de Portugal, que assegurasse o cumprimento da Constituição; e na declaração da Camara de que havia de defender os direitos do povo portuguez.

Mr. Duncombe levantou-se para sustentar a emenda a que alludira o precedente orador. Começou achando cousa digna de notar-se que os mesmos que tinham defendido a annexação da Cracovia á Austria, se mostrassem agora tão ciosos da liberdade. Approvou o procedimento do Governo na intervenção em Portugal; mas declarou que era de parecer que esta intervenção devia ir mais longe no sentido da emenda que tinha offercido.

Mr. Macaulry defendeu a politica do Gabinete nesta

questão. Mostrou como, de principio, tendo declarado que seria neutro, mudára de opinião quando vira as intenções de outras potencias; que a Gram-Bretanha, não devendo impedir que outros interferissem, a fim de evitar uma guerra, tambem não devia desamparar a sua antiga alliada. Provou que não podia haver receio da sorte futura da liberdade portugueza; e, descendo ás particularidades dos acontecimentos que ultimamente tiveram lugar em Portugal, negou o que tinha asseverado outro orador, o qual havia dito que as hostilidades da esquadra britannica começaram sem prévia intimação á Junta do Porto. O orador mostrou que não podia ser mais clara a participação que o Capitão Robb fez á Junta acerca das intenções do Almirante Parker no caso da sahida da expedição.

Lord G. Bentinck insistiu nos argumentos da opposição, condemnou todas as negociações havidas a este respeito; e concluiu apoiando a proposta de Mr. Hume.

Ainda houve uma pequena conversação entre Mr. Borthwick, Mr. Hume, Lord Palmerston e Lord J. Manners sobre a participação feita pelo Capitão Robb á Junta do Porto acerca das intenções do Gabinete britannico. Desta conversação resultou provar-se ter com effeito tido lugar aquella participação.

Por proposta do Doutor Bowring foi addiado o debate.

Na sessão de 15 progrediram os debates obtendo em primeiro lugar a palavra Sir De Lacy Evans, o qual principiou felicitando a camara pelo acontecimento de se terem feito Lord G. Bentinck e Mr. Borthwick strenuos defensores dos principios liberaes e das instituições populares; e fazendo votos para que perseverem nesta crença depois de terminada a discussão da proposta contra a politica do Gabinete. Firmado em auctoridades legaes negou que fosse principio absolutamente admittido a não — intervenção nos negocios internos de outros paizes; e entrou no exame da historia moderna dos Estados Unidos, da Belgica e da França, para mostrar que não eram tão prejudiciaes, como se dizia, as consequencias destas intervenções. Fez ver, que, nos paizes abalados por fortes commoções, foi muitas vezes indispensavel recorrer ás armas estrangeiras para restabelecer a tranquillidade; que o mesmo aconteceu na Inglaterra depois da revolução de 1688; que o mesmo teve lugar nos Estados Unidos, em França em 1815, na Belgica em 1830. O orador concluiu dizendo que neste caso a questão se reduzia a saber se a intervenção da esquadra ingleza e do exercito hespanhol em Portugal seriam prejudiciaes á liberdade de Portugal — que, visto colligirse dos documentos presentes que tal não podia acontecer, elle dava o seu voto a favor da politica do Gabinete.

Seguiu-se Sir R. Peel. O illustre orador declarou que a leitura dos documentos tirava todo o receio de que a intervenção da Gram-Bretanha fosse auxiliar o estabelecimento do absolutismo em Portugal; e que, por consequente, por esse lado não se podia fazer censura ao governo; porque, na interferencia não via senão a sustentação de uma monarchia com a qual a ingleza se achava intimamente ligada, sustentação que ao mesmo tempo abrangia as garantias constitucionaes.

Disse mais que restava a questão de saber, se o governo tinha direito de assim proceder. Asseverou que ha casos em que semelhante procedimento se não pôde admittir, mas que não aconteceu assim nunca relativamente a Portugal; e que até á Hespanha o governo britannico tem dado conselhos sobre questões internas e domesticas.

Affirmou que noutro tempo objectára contra o tratado da quadrupla alliança; mas que era de opinião que ainda vigorava; que por elle são garantidas as corôas de Hespanha e Portugal, e que se apparecer algum usurpador em armas, é do dever da Inglaterra interferir contra elle.

O orador passou a examinar outra questão, a saber, se depois da recusa da Junta foi justo o proceder do Gabinete. Disse, que, no lugar dos Ministros, teria obrado do mesmo modo, não só por prevenir reacções perigosas, no caso da balança pender para um dos partidos, como tambem por humanidade no caso de prometter duração a guerra civil.

O orador alludiu ainda ao perigo da intervenção de

outras nações sem o concurso da Inglaterra; mostrou que não era licito atar as mãos ao Governo, nem obrigá-lo a faltar ao que combinou com as Potencias alliadas, as quaes, julgando-se obrigadas pela convenção que fizeram, continuariam a intervir sem a Inglaterra.

Em quanto á emenda asseverou que não se devia adoptar; que a proprosta de Mr. Hume devia ser rejeitada sem declaração nenhuma; porque nos papeis, presentes á Camara, via elle garantia mais que sufficiente, a qual se firmava nas disposições pessoaes da Soberana de Portugal.

O orador terminou votando contra a proposta.

O Dr. Bowring ainda observou, que, apesar de ter Sir. R. Peel destruido todas as difficuldades, elle persistia na sua opinião de que a intervenção era prejudicial.

Mr. Newdegate propoz que se passasse á contagem. Não estavam presentes quarenta membros.

Na sessão de 16, apesar de se ter fechado o debate na sessão anterior, pela sahida de grande parte dos membros da camara, Mr. Borthwick declarou, que, visto Mr. Hume não querer proseguir com a sua proposta, elle accitava a emenda de Mr. Duncombe, para della fazer uma proposta sua.

Lord J. Russell replicou que, quer Mr. Duncombe fizesse a sua proposta, quer não, o gabinete reputava do seu dever empregar toda a sua influencia para conservar os direitos constitucionaes dos portuguezes.

Mr. Duncombe deu-se por satisfeito.

Depois de algumas explicações á cerca da sahida dos membros da sala, terminou definitivamente esta questão, na camara dos communs, pela retirada dos adversarios do governo, o que, segundo affirma o *Morning Chronicle*, foi o maior triumpho que podia obter a politica do gabinete.

Na camara dos lords, no dia 15, tambem teve logar importante discussão ácerca da intervenção em Portugal.

Lord Stanley propoz que a camara declarasse, que os documentos apresentados pelo gabinete não justificavam a intervenção em Portugal.

O orador seguiu as pisadas dos que na outra casa tinham censurado o gabinete; e declarou que a intervenção não podia ter logar em paiz nenhum, senão quando a questão possa prejudicar os interesses de outros paizes.

O Marquez de Lansdowne, aproveitando esta declaração do precedente orador, provou, com as opiniões do proprio lord Stanley, que a Inglaterra estava no caso de interferir, attendendo aos interesses commerciaes que ligam os dons paizes; os quaes interesses não podiam deixar de ser prejudicados pela continuação da guerra civil em Portugal.

O nobre Lord terminou explicando minuciosamente o proceder do Gabinete nesta questão.

Seguiu-se Lord Wellington que affirmou ser de opinião de que a interferencia é um direito do qual sempre usar com todo o cuidado; porém, que, no caso presente, elle não via como fosse possível deixar de interferir; que a expedição sahida do Porto podia pôr em perigo o Throno, e que, por consequente, era do dever do Governo inglez intervir. O orador concluiu affirmando que a proposta de Lord Stanley ia evitar que o Gabinete levasse ao fim a mediação que tinha começado a empregar, e que esperava que SS. SS. a regeitassem.

Depois de mais algumas observações do Conde de Wilchelsea a favor da proposta, e de Lord Beaumont, Lord Granville e Conde de St. German a favor do Gabinete, foi a proposta regeitada por 66 votos contra 47 — maioria a favor do Gabinete 19.

(Diario do Governo.)

NECROLOGIA.

O' patria amada, cobre-te de lucto:
Negreje todo o horror da sepultura,
Neste dia de pranto e de amargura
Nem se quer quero vêr um rôsto enxuto.

Uma nova calamidade, uma desgraça superior

a todas as desgraças, um mal irreparavel veio acabar de submergir este malfadado paiz nos maiores e mais incalculaveis infortunios. A Estrella do Norte tão bella, tão brilhante, e que promettia uma tão longa vida, já não existe! No dia 21 do corrente deo a alma ao seu creador, e dizendo-nos um saudoso adeus, nos deixou na mais inconsolavel orfandade!

Sim, esse astro fulgurante, que desde o glorioso pronunciamento da Maria da Fonte esclarecia com seus raios luminosos o nosso horisonte, eclipsou-se, talvez para sempre; e sem aquelle luzeiro refulgente cahiremos em trevas mais densas, que as do Egypto. E como será possível em tal escuridão levar a salvamento a não do Estado, que boiando sobre um mar tempestuoso se vê açoitada pelos rijos vendavais da medonha procella, que com um patriotismo sem igual, um tino invejavel, e uma coragem a toda a prova o astro bemfazejo tanto trabalhava por esconjurar?

Foi este astro, durante a sua tão rapida como brilhante carreira, um dos mais valentes campeões da orgia nocturna de 9 de Outubro, e com forças herculeas sustentou (em quanto lhe sorrio a esperança de alcançar uma pasta, um lugarzito no Supremo Conselho de Justiça, ou alguma outra bagatella) todas as bachanaes da facção carrasco-septembro-miguelina, que estava proxima a felicitar esta pobre Nação, não diremos com o reinado de oiro, mas ao menos com o reinado dos papeis sem crédito, com os consules, tribunos lictores, e em ultima analyse com as forças e exilios do *rei-chegou*, que nos dariam o melhor dos mundos possíveis.

Desgraçadamente o máo fado, que preside aos destinos do povo Portuguez, permittio que tão lisonjeiras esperanças se desvanecessem, como nuvens de fumo, impellidas por um vento impetuoso. Cohortes de soldados Hespanhoes avançando pelo nosso territorio, e ameaçando-nos com a perda do *Caldeirão de Alcobaca* (monumento indelevel da nossa gloria passada, e cuja recordação nos vinga ainda das injurias da sorte) poz a Estrella na cruel alternativa ou de presenciar a invasão estrangeira, que mancha a patria de Albuquerque terrível, e Castro forte, ou de morrer. A nossa heroína não podia hesitar, escolheu a morte, e seguiu o melhor dos dois extremos: que ella descance em paz, e a terra lhe seja leve;

E se lá nesse assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

ANNUNCIOS.

 José Pereira Cardote da Villa de Botão faz publico, que pela execução que move contra José Fortunato e sua mulher da mesma Villa, se hão de arrematar no dia 13 de Julho pelas 10 horas da manhã á porta do Ilm.º Sr. Juiz de Direito desta Cidade de Coimbra, os bens penhorados aos executados, no valor de 54:400 reis.

COIMBRA: Na Impr. da Univ. 1847.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

Findam hoje as assignaturas de Junho. — Os senhores, que quizerem continuar terão a bondade de renovar as para não soffrerem interrupção.

Ai crescendo o numero dos apresentados, que vem gozar o beneficio da amnistia, e espalham-se por essas terras. São os pequenos, por agora desilludidos das mentiras, com que os embaiam os grandes revoltosos. Tambem pelas visinhanças já começaram a apparecer alguns desses graúdos, que entram em quartéis de inverno. Nunca pozemos em duvida a conveniencia d'um amplo perdão para aquelles: não passam de servidores, por si só impotentes para a revolta; e que posto fiquem promptos á ordem de seus amos, não se moverão na falta desta. Velai todavia com cuidado sobre elles; e fazei-lhes conhecer que tão benignamente serão tratados os cordeiros, como severamente punidos os que abusarem do perdão. Recebamol-os com dó e humanidade; — mas com prudencia e discripção. E tenhamos sempre em lembrança, que são materia inflamavel; que se fôr concedido aos agitadores volver em paz, como é força que succeda a muitos delles, aos mesmos sitios aonde a pozeram, ainda ha pouco, em combustão; — se a auctoridade fechar os olhos ás tramas tenebrosas, a ordem publica, o throno da RAINHA, e o bem da patria, a segurança das nossas vidas e fortunas, vergará novamente para o abysmo. Sejamos sempre generosos, sempre caritativos e humanos; mas não cegos e surdos, não desleixados e incurios do futuro.

São aquelles os gravissimos perigos da amnistia; e os motivos por que mais que nunca d'ora em diante sera pouca toda a vigilancia e diligencia em prevenir, toda a presteza em castigar manifestações anarchicas. É o caso em que a politica *pastelleira*, em cujas mãos succumbiu a Carta em 1836, e que, dez annos depois, levou á borda do precipicio a mesma Carta restaurada com o throno Constitucional, fôra a morte da patria, ou pelo menos novo manancial das maiores calamidades.

Está demonstrado, que as mãos cançadas desses diplomatas, em cujas crencas varias nenhum dos partidos *vivos* e *actuantes* deposita confiança, são summamente debeis para reter a auctoridade contra braços robustos de gente nova e esperancosa do futuro. — *Foram, não são já.*

Deos nos salve pois, com a RAINHA e patria, das mãos dos *pastelleiros*! Atraz de estranhos pendões poderam alguma cousa: em lucta com as maiorias parlamentares achar-se-ham pigmeos.

Recresceriam, ao nosso vêr, as difficuldades e perigos d'uma similhante e possivel administração; porque metteo-se-nos em cabeça que alguns destes velhos diplomatas, arrastados por paixões e fraquezas, que devêram ser estranhas á sua alta condição, inclinam invencivelmente desde 1842

para o lado da anarchia; porque ora incertos do rumo que hão de seguir, ora lançados inteiramente nos braços dos revoltosos, o infausto D. de 10 de Fevereiro daquelle anno, a irracional separação dos *cartistas* annuados, as combinações ministeriaes depois de Maio até 6 d'Outubro de 1846, o torpor que atacou o progresso das nossas armas victoriosas, e a final o *celeberrimo* e *indecifavel* ultimo artigo, que se lê no protocollo de 21 de Maio, parece-nos tudo, e o mais que a imprensa livre não tardará em descozer, monstruoso pasto dessa politica invejosa.

Quaesquer que hajão sido os defeitos da administração anterior á *gloriosa*, é incontestavel que á sua testa estava um homem de genio, que soubêra restituir a Portugal a paz, ordem e segurança, que lhes faltavam, enfreado os anarchistas; que restaurára o crédito; e sob cujo beneficio influxo os capitaes, accumulados em Lisboa por via das infructiferas operações da agiotagem, filha querida de muitos dos inimigos desse homem, começavam de reverter para as provincias a fecundar todo o trabalho industrial, e a pôr em andamento as mais vastas e interessantes empresas de publico e commum melhoramento; — um ministro, que, a pezar da mais tenaz opposição, soube sempre sustentar dentro e fóra do paiz o decoro do throno e a honra da nação; e fazer-nos entrever não estar distante o dia, em que deixariamos de ser estimados na Europa, por nossas incessantes revoluções e profundo atrazo moral e material, pouco acima de nossos barbaros vizinhos dos algarves d'além mar.

O Condê de Thomar, a cujo nome illustre não terminará o Boletim sem prestar este consciencioso testemunho d'admiração, foi inquestionavelmente o alvo dos incessantes tiros da pastellaria desde 27 de Janeiro de 1842, em que a supplantára.

E todavia nem ainda com a liga perfida dos ultras de setembro e D. Miguel ella pôde derrubar-o!... Quem não sabe como a boa fé, seduzida por mal entendido amor da paz, lhes deo o triumpho tão apeteçido?... Mas não rasguemos ferida que ainda sangra;... poupemos tristes infortúnios.

Ora se a pastellaria foi impotente por si só contra um homem;... se o auxilio de seus improvisados socios não lhe deo a força decisiva; se os *cartistas* a rejeitam e abominam;... se os anarchistas, seus allidos, nunca acceitaram a sua liga, senão como um instrumento para a propria, exclusiva, dominação, como claramente se vio depois de Maio;... que seria da RAINHA, do throno, e da patria, empolgada por ella a auctoridade na crise actual?...

Fazemos plena justiça ao ministerio: a difficil situação, em que se acha, não é obra sua, conforme acreditamos; submettea-se por um extremo amor da patria e de lealdade á Soberana á tarefa mais penosa.

Bemdizemos até e altamente a Providência; porque neste ensejo malogrou por via desta nobre dedicação aquellas ambições insofridas. Permitta Ella que estes illustres martyres da fidelidade occupem fortemente o posto; nem jámais o cedam a nossos communs inimigos *embuçados*.

Fortes com a consciencia de haverem restituído a ordem ao estado, e combatido poderosa e victoriosamente os máos effeitos da direcção impressa por outros aos públicos negocios, possam elles sem temor esperar o resultado da urna eleitoral: — e do seio della, pela firme união dos amigos da legalidade, rebente a força que haja de derrubar insolitas barreiras, artemmente levantadas pela pastellaria em torno da mais sagrada das prerogativas Reaes!

Não menos que ao grande ministro, votou a liga anarchica invencível rancor ao nobre Marechal: não menos que a elle, porém de muito mais longe, a *pastellaria* tomou a si cortar-lhe o vôo, se tanto podéra, de seus gloriosos triunfos. Diga-o a campanha de 1828, e a guerra da successão: — diga-o, senão estamos em erro, a de 1847. As grandes luctas civis costumam ser fecundas em caracteres primorosos. Apoz 27 annos de revolução apraze-mo-nos em distinguir estes dous eximios Portuguezes. Partindo de pontos oppositos, e trilhando differentes caminhos, encontraram-se, por bem da patria, na mesma lealdade á sua Augusta Soberana, na mesma dedicação pelas liberdades legaes, no mesmo empenho por vencer a anarchia.

A imprensa livre revelará os gloriosos serviços de uns, e os desserviços dos outros. Por ella os amantes da ordem verão mais clara do que a luz meridiana a necessidade de se unirem em uma só vontade em torno de seus chefes naturaes contra a anarchia e a pastellaria.

NOTICIAS.

A bandeira da lealdade já tremula em Villa Nova de Gaia! O exercito fiel avançou — os miguelistas retiraram — cada corpo ambicionava a gloria na primazia de saltar as primeiras linhas do Porto — duas companhias de Caçadores se assanhorearam da Villa apoz alguns tiros de fuzil e artilheria. Lamentamos a perda de dous soldados mortos, e alguns feridos, e entre estes dous officiaes, ainda que levemente. Os miguelistas tiveram feridos alguns soldados, e sete mortos, sendo um capitão da Municipal. Correu pois mais sangue portuguez depois da *amnistia*!

Lançou-se a ponte — o invicto Marechal foi a Vallongo conferenciar com o General Concha. — Diz-se, que ali veio Cesar de Vasconcellos submeter-se em nome da junta; sabendo porém que o devia fazer ao Nobre Marechal, voltou ao Porto preferindo, segundo elle dizia, ficar sepultado nas linhas; ao que Concha retorquira, que o tornava responsavel pelas desgraças que occorressem.

As forças fieis occupavam Santo Ovidio, Villa Nova e immedições. Esperava-se o Almirante Parker.

O Barão de Vinhaes achava-se em Villa Real com um columna, na Regua o Batalhão abi organizado, em Lamego o de Foscôa, e dessa cidade.

As cartas de Tras-os-Montes e Minho fallam com ellogio da disciplina das tropas hespanholas, e da harmonia, que existe com os povos.

Escrevem de Penafiel annunciando as inaudi-

tas violencias, que praticaram as guerrilhas de Lemos e companhia, já violentando os povos com comidas e bebidas além das suas posses, já espancando os que não tinham meios de saciar-lhes a sua voracidade, e ultimamente incendiando casas! Ouçam, o que diz pessoa sisuda, imparcial e insuspeita! — « Avistando no lugar do Lordello, freguezia de S. Mamede, do Concelho de Santa Cruz algumas cavalgaduras pastando, lançam mão dellas — acode o povo, e um tiro disparado contra os salteadores, redobra a furia destes — reu-nem a quadrilha — carregam o povo — cercam a povoação — roubam quanto encontram, e por ultimo *lançam fogo a onze moradas de casas!!* Eu as vi arder! que horrivel espectáculo! que medonha scena! Em uma hora um povo laborioso, ficou reduzido á miseria! — Mais adiante encontram um aleijado — querem assassinal o! Vêem um jornaleiro no seu trabalho, espancam o a ponto de estar sacramentado e unguido! »

O nosso amigo faz por esta occasião judiciosas reflexões sobre estes horrores, os quaes tiveram logar no dia 15 de Junho de 1847! — Digam agora esses escrevinhadores immoraes, que tanto tem prostituido a imprensa com mentirosos embustes, aonde praticaram os amigos da RAINHA factos tão criminosos? Barbaros! A vossa missão é destruir! Conheçam os povos a differença do governo da RAINHA ao dominio da junta — aquella como mãe os afaga, esta como madrastra vos fustiga.

E poderá haver *amnistia* para homens, que assim roubam, assassinam, incendiam, e commettem toda a qualidade de crimes, por mais atrozes que sejam? Não será considerar essa generosidade da Soberana — instrumento do crime — taboa da salvação para os criminosos?!

Lê-se no Diario:

Hontem — 24 vieram da Torre de S. Julião da Barra quinhentas e tantas praças do Batalhão 7 de Caçadores para o deposito de Val de Pereiro; todas se offereceram alli para o serviço da RAINHA, e maldizem o erro a que foram levados pelos seus Officiaes. Tractados como irmãos pelos soldados convalescentes dos feridos em Setubal no dia 1.º de Maio, elles têm correspondido a este testemunho de generosidade, fraternizando satisfeitos com elles, e visitando em grandes porções os differentes quartéis dos corpos nacionaes da capital.

Hoje desembarcou igualmente em Belem, vindo da mesma Torre, e para servir voluntariamente, toda a gente do Regimento 7 de Infantaria e Guarda Municipal do Porto em numero de seiscentos e oitenta praças. Não podiam ser differentes os sentimentos dos soldados deste corpo, cujo espirito ainda que reprimido e vigiado o mais cuidadosamente foi sempre de lealdade á sua Soberana e á Lei Fundamental do Estado.

Na Administração do Concelho desta cidade tem-se appresentado nestes ultimos dias 92 fugidos de Setubal, cujos nomes, a pedido da respectiva auctoridade publicaremos, além de uns 30, que já traziam guia.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Anuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

Esse que esperavam horrorosa tempestade no Parlamento Britannico; e em resultado a mudança de Gabinete, ficaram desalmados! O alcance deste acontecimento notavel nem todos o podem avaliar. O partido da ordem alcançou o triumpho mais completo. A anarchia lê nelle o seu epitafio. Agora deverão convencer-se os colligados que vivem na communhão Européa; que não somos tribus nomadas; que não se attaccam impunemente as prerogativas da Corôa, e a dignidade da nação. O bando anarchico suicidou-se com suas proprias mãos; a impia liga com o partido do usurpador, ainda mais a alliança odiosa com os malfeitos; e os indecentes artigos de seus jornaes foram o corpo de delicto; a resistencia a um acto Soberano de excessiva generosidade, de maternal impulso, a sua condemnação.

Lisongeamo-nos de que fosse esta a folha em que de primeiro se noticiou a intervenção, e se advogou o seu direito contra as negativas, as sonhadas theorias, as jactancias desmesuradas do bando desorganizador. Ahi estão realizadas as nossas previsões, comprovada a doutrina que sustentámos.

Em um dos nossos numeros antecedentes achariam nossos leitores os resumos das fallas de alguns dos mais distinctos oradores da tribuna Inglesa. Sobresáem entre elles os luminosos, claros e concisos discursos de dois celebres e respeitadíssimos antagonistas do Gabinete Britannico, Sir Robert Peel, e Lord Wellington. Inimigos politicos da administração actual levantaram a sua voz a favor do procedimento em um negocio que importava a conservação dos thronos, a tranquillidade dos povos, e os interesses materiaes do seu paiz. Componham-se a este espelho quantos insensatos têm por timbre repellir toda e qualquer medida ministerial, só porque vem do ministerio, cuja existencia attaccam. É que a gente Inglesa percebe melhor, e sabe levar a effeito a theoria dos governos representativos.

Foi a questão tratada com a maior sizudeza e gravidade. Os ministros da Corôa simplificando o objecto bastantemente complicado pela contradicção de actos, e systematica falsidade dos chefes da anarchia; collocando-o na sua verdadeira situação para poder ser convenientemente resolvido, deram mais uma prova de sua alta capacidade como homens de Estado, e do raro talento para descobrir a verdade envolta de propósito em densas trévas. Facil lhes foi alevantar o véo de Penelope. Na camara popular foi o seu triumpho completo; na hereditaria foi um dos maiores que se podem alcançar.

Por esta occasião não podemos deixar de dizer, que grave e por extremo melindrosa e difficil é a tarefa do Governo; d'elle depende a reorganisação do paiz — a estabilidade do Throno, e a segurança das liberdades legaes.

O Gabinete actual offerece-nos garantias; mas

é preciso que tenha união, solidariedade, força, e energia — é necessario que um pensamento, e uma vontade o derija — é indispensavel que salve a RAINHA, e a nação dos conselhos dos pastelleiros.

Aonde iriamos parar, se esses nossos embuçados inimigos se assenhoreassem do poder na situação actual? ... Ainda a braços com a anarchia, já os agitadores sonham com novas tramas! ... Sobre as espaldas dos nossos bravos já os facciosos appellam para novas revoluções!

Saiba a RAINHA — conheça o paiz que as derradeiras esperanças dos anarchistas são as pastelarias.

Mas que póde fazer qualquer ministerio no estado actual do Paiz? ... As *finanças* chegaram a um estado deploravel: cumpre que este poder social dos governos modernos occupe de primeiro a séria attenção do Governo. É tempo de acabar com theorias de gabinete, com transplantações imperfeitas de leis estrangeiras: a primeira necessidade, o *grande segredo* para regular as *finanças*, consiste em igualar a despesa com a receita — não gastar mais do que tem, e realizar uma arrecadação prompta e pouco dispendiosa, como já tivemos nas eras, que não vão longe; imitemos os tempos passados.

A administração geral, se ella deve continuar no plano adoptado, precisa de grandes reformas.

As secretarias estão pejudadas de empregados — convém que se reduzam; e que haja para elles uma lei de habilitações.

As Administrações dos Concelhos tem-nos feito grande mal: os administradores, se são probos, não querem indispôr-se com os administrados; se immoraes, vivem á custa dos povos, e indispõem-nos com o Governo.

Fallemos claro: não temos pessoal para tantos Magistrados locais, nem os interesses dos lugares seguram a existencia destes empregados. É indispensavel reunir três e mais concelhos para o effeito administrativo, e dar-lhes administrador de fóra do termo; subtrahir administradores e administrados ás influencias e paixões locais, ás pequenas intrigas de campanario.

A primeira necessidade do paiz é o restabelecimento da paz, e da ordem. A liberdade sem paz, nem ordem, longe de ser um bem, será um grande mal. A politica tanto interna como externa deve ter por alvo constante aquelle ponto. Com a interna está em contacto immediato a organisação e disciplina do exercito; com a externa está estreitamente ligada a marinha; estes dous importantes objectos devem merecer incontestavelmente todos os cuidados dos Ministros da Corôa. Se em Maio houvesse exercito, a revolução teria sido suffocada. — Se em Outubro o Nobre Duque de Saldanha tivesse exercito, a hydra revolucionaria ha muito teria expirado. Vimos os insurgentes de Maio tratar logo de desfazer os poucos, mas

valentes corpos, que havia nessa epocha, Vimos apedrejal-os nas ruas da Capital — chamal-os *janisarios* — e ameaçados de uma prompta dissolução, se tão cedo não apparece á frente dos negocios publicos esse eximio Portuguez salvador do Throno, e da liberdade.

Queira o Céu inspirar as medidas adoptadas ás criticas circumstancias do paiz. Queira o Céu fortalecer a mais estreita união nos amigos da RA-INHA.

NOTICIAS.

O Conselheiro Governador Civil de Villa Real communica em officio de 22 do corrente ao Governador Civil desta cidade, achar-se restabelecida a ordem pública em toda a Provincia de Tras-os-Montes: dá parte da sahida do illustre General D. Manoel de la Concha com o seu numeroso, e lusido estado maior, e uma forte e brilhante Divisão do Exercito auxiliar Hespanhol do seu commando; e que á praça de Chaves chegou no dia 20 outra Divisão sob o commando do General Belesta, a qual seguiu a estrada de Salto para a Provincia do Minho em direcção ao Porto.

O Secretario Geral, servindo de Governador Civil da Guarda, annuncia em officio de 23 ao mesmo Magistrado, que no dia 22 estava em S. João de Pesqueira o benemerito Barão de Villa Nova d'Ourém, a fim de desfazer alguns grupos dos facciosos de Tras-os-Montes, que dali passaram para cá, e andam vagando aqui, e acolá sem rumo certo. O Districto da Guarda continuava em socego.

Escrevem do Exercito d'operações sobre o Porto a 28 — dizendo, que o Coronel Wilde veio no dia 26 ao nosso acampamento, e segundo se diz, tractar da maneira de levar a effeito o desarmamento dos facciosos, e no dia seguinte Loulé, como comissionado da junta, conferenciar sobre o mesmo objecto.

Sua Exc.^a o Marechal tinha lido a Valongo, e se reuniu com o General Concha em Val dos Prazeres na outra margem do Douro.

Diz-se, que o Nobre Duque de Saldanha não admittira outras condições, mais do que — « de posição d'armas — considerando-os como prisioneiros » — diz-se, repetimos, porque são cousas, que se não sabem ao certo, mas acreditamos serem exactas, não só porque assim o communica pessoa acreditada, como porque esse digno procedimento é proprio do heróe de Torres Vedras. Quem mais desejoso de poupar vidas?... Mas quem lhe poderá disputar a primazia na gloria das armas da RA-INHA, e na dignidade, e estabilidade do Throno Constitucional?... Acrescenta o nosso amigo, que Sua Exc.^a dissera, que só admittiria novas concessões, caso recebesse ordem expressa da Côte; fazemos votos para que esta não appareça, porque seria uma indignidade conceder aos facciosos o que elles regeitaram, e que então lhes foi dado com a unica condição de se submeterem immediatamente, e com o fim de poupar mais sangue. O que é certo é, que Loulé voltou ao Porto com triste desengano da decisão dos nossos Generaes, e da attitude das forças nacionaes e alliadas, anciosas por se medirem com os rebeldes.

Em quanto que estas personagens conferenciavam, os facciosos, para quem a moral é uma palavra vã — a virtude um crime — e a honra uma degradação, lá voltaram como em Setubal a mos-

trar, que nada respeitam e tudo sacrificam a seus tenebrosos fins. Os miguelistas passaram o Douro em força de dous batalhões e vieram traiçoeiramente atacar nossos piquetes, tendo antes mandado com bandeira branca um emmissario! cara porém lhes custou esta traição! Os miguelistas principiam por assassinar com dous tiros uma vedeta de infantaria 10, que se achava no Candal, o que deo causa a que se engajassem um fogo vivissimo naquelle local com algumas companhias de Caçadores 8, e Infantaria 8; os nossos soldados sustentaram com denodo as suas posições, repelliram e rechassaram os miguelistas, os quaes tiveram de repassar o Douro, apesar de serem favorecidos pelo fogo do artilharia da Serra, Gaia, e Torre da Marea.

Tivemos tres soldados mortos, e nove feridos, e dizia-se do Porto, que os rebeldes tiveram 40 entre mortos e feridos, a maior parte na retirada pelo rio abaixo; e no numero destes o capitão, que veio na qualidade de emmissario, e um tenente. Durou o fogo das 5 ás 8 horas da tarde.

Sua Exc.^a o Marechal recolheu ás trindades: os rebeldes, aproveitaram para esta sortida a reunião na outra margem do Douro, e particularmente a sahida do invicto Marechal!!!

Durante o fogo appareceram sobre as linhas do Norte dous Batalhões Hespanhoes, para os quaes os rebeldes dirigiram alguns tiros, bem como para os piquetes avançados da Divisão do Conde do Casal.

As noticias de hontem de tarde fallam em novas conferencias.

Crescia o numero dos apresentados. Desta Cidade foram mais 360 armamentos para elles.

Dizem do Porto, que na noute de 28 houvera ahí grande alvoroço com morras á junta, e ao Povoas, e alguns tiros disparados pelas ruas, e parece, serem *exaltações dos patulões* em razão de se affirmar, que Justino e Avilla preferiam a sorte de Antas, e Bernardo de Sá.

As cartas de Lisboa, fallando da separação de officiaes e soldados aprisionados, referem os esforços empregados por Antas e companhia para desviar os soldados do serviço da RA-INHA, chegando a offerecer-lhes 480 a cada um que o recusasse: os soldados não só acceitaram o serviço, mas denunciaram os officiaes inferiores, que deviam ser separados, e se houveram com tanta decisão, que Caçadores 7 já estão em Aveiro!

Antas passou para bordo d'uma não ingleza, e tinha passaporte para fóra do Reino, o que entretanto se dizia, ter-se negado a Sá Nogueira, porque as circumstancias acerca deste, mudavam.

O S. João, e particularmente S. Pedro, foram festejados nesta cidade como talvez ha muitos annos não acontecesse — nas ruas haviam grandes fogueiras; em muitas fogo d'ar; em algumas fogo preso; e em todas musicas e danças. Os Conimbricenses renovaram com entusiasmo os foiguedos dos nossos avós, certos do socego, que lhes garantiam as auctoridades da RA-INHA: e não se enganaram, porque não honve uma queixa — ou mais leve desordem. — Estes divertimentos prolongaram-se até á madrugada.

Este numero é o primeiro da assignatura do mez de Julho. Os senhores que quizerem subscrever, o farão com tempo para não soffrerem interrupção.

SUPPLEMENTO
AO N.º 81.
DO
BOLETIM CARTISTA
DE COIMBRA.

QUARTA FEIRA 30 DE JUNHO.



LArabens! A bandeira da RAINHA E CARTA tremúla victoriosa na Cidade invicta. As Auctoridades legitimas jáahi funcionam. O Nobre Duque de Saldanha nomeou interinamente Governador Civil o Governador Civil de Aveiro, José Lourenço Pinto.

O Castello da Serra, e Gaia foram occupados pelo Exército Hespanhol.

Salvas, girandolas, repiques, musicas, e vivas saúdam na Cidade das Letras a victoria da Ordem, o triumpho da Liberdade.



BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

Tendo Eu declarado na Minha Real Proclamação de 9 do mez de Junho corrente, publicada juntamente com o Decreto de Amnistia de 28 de Abril ultimo, que ficariam sujeitos á acção das leis, sem que lhes podesse aproveitar o beneficio da Amnistia, todos aquelles que implicados na revolta recusassem submeter-se, depois de haverem o devido conhecimento destas Minhas Reaes Disposições, o qual é, segundo a lei, presumido no Continente do Reino passados quinze dias depois da competente publicação do mesmo Decreto, sem que d'elle se possa allegar ignorancia. E tendo decorrido este prazo legal, e não se havendo ainda effectuado a devida submissão de todos, e terminado a revolta, e Desejando Eu quanto for compativel com a segurança publica ampliar aquellas Minhas beneficicas disposições, e não omittir meio algum para conciliar os animos de todos os portuguezes, e evitar a continuação das calamidades que affligem o Reino: Hei por bem Decretar o seguinte:

Artigo 1.º Todos aquelles que implicados na revolta se submeterem voluntariamente á Minha Auctoridade Real no prazo de quinze dias contados desde a publicação do presente Decreto no Periodico Official do Governo, gosarão do beneficio das disposições do Decreto de 28 de Abril ultimo, sem excepção alguma.

Art. 2.º São excluidos da Amnistia todos aquelles a quem se tiver feito ou fizer a devida intimação das disposições do referido Decreto, para o fim de se submeterem, e que recusando submeter-se forem compellidos pela força, ainda antes de findar o prazo declarado no artigo antecedente.

Os Ministros e Secretarios de Estado de todas as Repartições, o tenham assim entendido e façam executar. Paço das Necessidades, em vinte e nove de Junho de mil oitocentos quarenta e sete. — RAINHA. — *Francisco Tavares de Almeida Proença — Manoel Duarte Leitão — Conde do Tojal — Barão da Ponte da Barca — Ildefonso Leopoldo Bayard.*

PARTE NÃO OFFICIAL.

NOTICIAS.

Os rebeldes *capitularam* entregar as armas, aproveitando-se da *amnistia*, o que apenas lhe foi concedido. O Coronel Wilde, e General Concha — Loulé, e Cesar de Vasconcellos assignaram a capitulação. Em consequencia o exercito Hespanhol occupou no dia 30 a cidade do Porto, e o Nobre Duque de Saldanha nomeou as Auctoridades legitimas, que ali já funcionam,

A tropa de linha ao serviço dos facciosos depoz promptamente as armas. Alguns batalhões chamados populares se sublevaram chegando a dar morras a José Passos, na occasião em que lhes fallava — praças destes corpos quebraram as armas, e partidas armadas, particularmente do batalhão de Viseu, sahiram da cidade em direcção ao Minho, e segundo se diz, para se espalharem em guerrilhas por insinuação do José Passos, que assim quer prolongar a guerra civil! Houveram alguns espancamentos, e dizem, que fôra morto o commandante d'um dos batalhões de artifices.

O invicto Duque da Terceira com seus illustres companheiros de prisão foram immediatamente soltos, bem assim os centenaes de militares, e benemeritos Portuenses, que se achavam em ferros pela sua lealdade á RAINHA! Foram inauditas as atrocidades, que soffreram durante o seu captiveiro.

O Nobre Duque da Terceira com alguns officiaes embarcou na madrugada do dia 1.º a bordo d'um vapor de guerra para Lisboa, aonde já chegou.

Dizem do Porto, que Sua Exc.º o Duque de Saldanha promoveo a alferes os primeiros sargentos, que estavam presos nessa cidade, e a primeiros sargentos os segundos, e assim em proporção.

O Barão de Fornos, Barão d'Almargem, Luiz Antonio de Seabra, e Sebastião d'Almeida e Brito, tinham antes deste desfecho, passado para Lisboa.

Dizem, que os membros da junta e alguns corifeus mais salientes, embarcaram.

Salvas, girando-las de foguetes, repiques de sinos, illuminações, vivas, e musicas tem saudado nestes dias a victoria da ordem, e o triumpho da Liberdade.

O Conde de Vinhaes estava a 25 em Evora. O exemplar comportamento da tropa do seu commando augmentava as sympathias publicas. Havia grande concorrencia de povo á feira de S. João, e diz o Diario, *maior do que ha annos costumava ser.*

No dia 25 começou a marchar para Estremoz o trem de guerra aprisionado aos rebeldes; e para Beja sahio o Regimento 6 de infateria e uma força de Cavallaria sob o commando do General Abreu.

O General hespanhol D. Fernando Norzagaray entrou em Elvas, e tres companhias da sua Brigada occuparam sem resistencia no dia 23 a Praça de Marvão.

Galamba percorria pelas serranias sem norte certo, evitando todo o encontro com as columnas fieis.

Sabemos, que as *desordens*, a que alludimos em o n.º 22, acontecidas em Leiria — foram grandes *exaltações* de patulêa, as quaes não passaram a vias de facto pela presença d'um esquadrão de

Cavallaria n.º 3, que ali se achava, commandado pelo Coronel José Julio do Amaral, o qual pela sua decisão tem contido os excessos anarquicos, que os facciosos promoveram naquella Districto, sendo dignos de louvores o mencionado Coronel, Officiaes e mais praças do dito esquadrão.

Entraram nas cadeias desta cidade M. R. Sota, e sua mãe Sebastiana, do lugar do Outeiro de Baixo, Concelho de S. Lourenço do Bairro, esses justamente de que fallamos em um dos nossos numeros anteriores, pronunciados no crime de parreicidio em razão de viverem amigos!! Eram da guerrilha da Bairrada!

Entrou tambem J. R. da Cruz — o Rato — culpado em roubos e homicidios! — Pertencia á mesma guerrilha.

Entrou igualmente F. Sarranno da Mata, criminoso de diferentes roubos, e tão notavel guerrilheiro, que mereceu aos facciosos um posto!

São os defensores da *maria da fonte*, que voltam ás suas antigas *residencias*!

Ordem n.º 5. — Tendo hontem recolhido a esta cidade toda a força d'infanteria 4, 16 e Cavallaria 3, commandada pelo Illm.º Sr. Eugenio Ribeiro d'Almeida, Major daquella primeiro Regimento, que havia operado na perseguição das Guerrilhas, que se tinham reunido n'este Concelho em os fins do mez de Maio ultimo; o Commandante da 2.ª Divisão Militar faltaria a um dever de justiça se deixasse de manifestar os bons e valiosos serviços, que esta Columna fez por espaço de um mez, que percorreo o Districto de Coimbra, Viseu e Guarda, supportando com a maior coragem e decisão todos os incommodos de marchas violentas que faz honra a militares fieis e subordinados, a quem os povos muito lhe devem pelo socego e conservação da ordem que desfrutam, vendo longe de seus lares o flagello da guerra civil; dirige pois ao dito Sr. Major, a todos os Srs. Officiaes, e praças de pret daquelles tres Corpos, aos Srs. Tenente Palma d'Engenheiros, Tenente do Corpo d'Estado Maior, Tenente Durão, e algumas praças dos voluntarios de Miranda, e Alferes Pedroso dos voluntarios de Penella, os seus bem merecidos louvores e agradecimentos; cujos grandes serviços vai levar ao conhecimento de S. Exc.º o Sr. Duque de Saldanha. — Quartel General em Coimbra 20 de Junho de 1847. — José Jeronymo Gomes, Coronel do 4 Regimento d'Infanteria, e Commandante interino. — Está conforme — Quartel General em Coimbra 1.º de Julho de 1847. — João Fructuoso da Costa e Fonseca, Secretario Geral, Archivista da Divisão Militar.

COMMUNICADO.

Promettemos em o nosso n.º 75 fallar dos valiosos serviços prestados pela columna do commando do Major Eugenio, que em 19 do mez findo recolheu das operações em que andou nas Beiras com o fim de restabelecer a ordem pública; bastaria a publicação da Ordem de Divisão assignada pelo Sr. José Jeronymo Gomes para ficar traçado o completo elogio dos distinctos Militares, que tiveram a fortuna de fazer parte d'aquella columna, porque as expressões singellas, e francas do homem virtuoso e honesto, do militar honrado e valente, do dignissimo commandante inte-

rino da 2.ª Divisão Militar, são um titulo incóntroverso de Gloria para quem a mereceu.

Não obstanté pede-nos o animo que nós tributemos aqui os merecidos parabens aos illustres Militares, que fizeram parte d'aquella força, e sem podermos ser extensos na apreciação dos relevantes serviços por elles prestados, não deixaremos de os enumerar em resumo.

Uma columna commandada pelo Capitão do Regimento de Infanteria n.º 4, Manoel da Silva Freire, havia sahido a 18 do referido mez com a intenção de prevenir o movimento dos conspiradores miguelistas; foi ella quem obstou a que estes inimigos da tranquillidade tomassem incremento, porque obrigando a fugir além do Zezere o nucleo d'esta conspiração — a guerrilha do Figueiredo da Louzã — veio immediatamente a marchas forçadas tomar posição em Miranda do Côrvo para cobrir Coimbra, e estar proximo dos focos da conspiração.

No dia 28 seguinte fez esta columna junção com uma outra composta d'um contingente do Regimento n.º 16, commandado pelo Capitão João Maria Fradesso da Silveira, e de um Esquadrão de cavallaria 3, commandado pelo Capitão Francisco José Urbano de Carvalho, tomando o commando de todas estas forças o Major do Regimento de Infanteria n.º 4 Eugenio Ribeiro d'Almeida: desde este dia começou o movimento desta columna contra os Guerrilhas, que obrigados a refugiar-se para o interior da Serra da Estrella deixarão depois as Beiras, com quanto augmentadas por batalhões vindos do Porto, perseguidas por S. Exc.º o Sñr. Barão de Villa nova d'Ourem, que havia tomado o commando d'esta força em Celorico. Foi por tanto a columna do commando do Major Eugenio, composta de 200 Infantes e 30 cavallos, quem prestou o consideravel serviço de conservar a tranquillidade das Beiras, porque chegando até Gouvêa sem ter conhecimento de nenhuma outra força Leal, que operasse contra os rebeldes estacionados em força na Guarda, e em partes distante de uma legoa de Gouvêa, não hesitou um momento em operar sempre na offensiva. Fiquem por tanto publicadas n'esta folha para sua Gloria os nomes dos Officiaes, que commandavam tão bravos soldados, e fizeram parte d'aquella columna.

Relação dos Officiaes que fizeram parte da columna d'operações nas Beiras nos mezes de Maio e Junho ultimo.

Commandante, o Major de Infanteria n.º 4, Eugenio Ribeiro d'Almeida.

Officiaes d'Estado Maior — Hermenegildo Gomes de Palma, Tenente d'Engenheiros. — Antonio Candido Zagallo, Tenente do Corpo de Estado Maior do Exercito.

Cavallaria n.º 3 — Francisco José Urbano de Carvalho, Capitão. — José Maria Barbosa, Alferes. — Antonio Joaquim Salgueiro, Alferes.

Regimento n.º 4 — Manoel da Silva Freire, Capitão. — José da Costa Vieira Barbosa, Tenente. — José da Roza, Alferes. — Joaquim José Bragança, Alferes (servio até 28 de Maio). — Caetano Borges, Alferes, (dito).

Regimento n.º 16 — João Maria Fradesso da Silveira, Capitão. — Chaby, Alferes.

Voluntario de Miranda — José Maria Corrêa Durão, Tenente.

Voluntarios de Penella — Antonio Dias Pedrosa, Alferes.

Batalhão de Goes — Francisco Antonio da Silva, Capitão. — Abilio Sanches Barreto, Tenente Adjudante.

O GRÃO CONSELHO.

O anno da Graça 1847, e na cidade da Virgem o 1.º da era mijada, aos 13 de Junho, se congregaram nos Paços, que foram da calceta da invicta, os commandantes dos regimentos, batalhões e contingentes da soberana Patulêa e seus auxiliares de linha, e outrosim os generaes do muito alto e poderoso senhor D. Miguel I.; e tomando assentos os altos representantes do Povo Lusó, e occupada a cadeira da presidencia por sua alteza o senhor Passos José, a quem tudo obedece por terra e por mar, e até as avesinhas do ar, por graça do seu Malhão de grão mestre dos Templarios, tomou sua alteza a palavra:

« Srs. Camaradas e Amigos: reuni este Congresso para as mais transcendentés deliberações que jámais Assemblêa alguma da patulêa teve a remoeer na sua alta sabedoria. Sabei, astros brilhantes da Nacionalidade, vós Viriatos da Serra Herminia, vós dignos collegas da historica Midões, Principes do Mexilhão, e tantos outros, com cujos nomes a tuba da fama ha de atroar as orelhas dos vindouros, sabei que a junta suprema está coxa. O nosso Presidente, o vosso general Antas, traiçou-nos, e pactuou com os modernos Cartaginezes a sua entrega e a de 3:000 bravos, flor da nossa tropa: fique porém sepultada essa traição em nossos peitos, e continuemos a chamar-lhe o Inclyto por excellencia, finjamos acreditar seus protestos, que é o conselho do prudente. O Seabra, assim que lhe cheirou a não gozar da amnistia, por aqui me sirvo meus Srs.; e se despedio por uma carta á suprema. O Almeida e Brito, por mais chamamentos que receba, não obedece, e diz aos mensageiros as mais incriveis blasfemias — que lhe mandamos pôr ao peito o punhal da ordem, e acommettel-o na praça pela nossa humilde patulêa: vós fazeis a justiça de nos julgardes puros, como o Sol d'Inverno, de uma tal imputação. Já vedes, illustres campeões, que sem o vosso voto não pôde continuar a suprema a governar a barcarola do Estado: não que eu me sinta faltar-me a coragem e a ronha, que sabeis que sem meu acêno se não move um graeiro patulêa nos meus estados — mas porque na República monarchica sem o assenso das bayonetas nacionaes não ha poder. *(Isso é certo, isso é certo.)* Continuarei pois com os meus dous collegas da Guerra e da Marinha podre a compor a Provisoria, se assim vos approuver. *(Apoiado, apoiado.)* — Pois bem, cedo aos vossos rogos, continuarei a dirigir esta tormentosa náó até o porto de salvamento, que está proximo; farei mais esse sacrificio á Patria e ao nosso Povo. *(Muito bem, muito bem.)*

« Outro grande objecto vou porém sujeitar á vossa deliberação. Sobre a meza estão os documentos diplomaticos, que vos vão ser lidos: vereis se nas respostas dadas a esses falsos alliados, as quaes pela maior parte sahiram do bico da penna do mano Manoel, guiado pela minha artemanha, e algumas da de um ex-collega nosso, — vezeis com vossos olhos corporaes e intellectuaes se sustentamos a dignidade da suprema, confundindo a finura diplomatica daquelles futres. *(Apoiado, apoiado.)* — Lord Palmestron faz-nos a guerra mais injusta e traiçoeira, quando ainda ha pouco tão mavioso era com nosco. Foi o Marido da Rainha Victoria o causador de nossos males, foi o verdugo da França, foi esse Ministerio hespanhol, a quem demos foguetes, que nos

cavaram a mina. E quando governavamos tambem a nossa casa que não nos onviam os visinhos; quando estavamos para entrar triumphantes na capital, fito de nossos votos, e eu me preparava para regenerar as finanças portuguezas, como tenho regenerado as do Porto e Provincias do Norte, e vós frangieis os beiços para succar o mel por que anhelaeis — é que as nossas esquadras são arrebatadas e levadas aos Cabraes de Lisboa por aquelles aventureiros, e que esses aventureiros querem reduzir-nos pela força á auctoridade Real, e impor o jugo de vencidos aos impavidos filhos da *maria da fonte*. Intimam-nos para entregarmos as armas sem demora. Collegas e amigos, deliberaes se quereis obedecer: se partilhaes o meu pensar; em quanto tiver o badalo ás minhas ordens, em quanto obedecerem ao meu aceno os defensores de D. Miguel, em quanto a cohorte do Louseiro formar a minha guarda Consular, e tivermos polvora e chumbo, não largaremos as armas. » *(Os olhos amortecidos do Orador se inflamaram de ardor marcial.)*

O irmão Manoel se levantou então: fallou alguns quartos d'hora em intervenção, no assassino d'Agrella, nas donzellas defloradas, nas velhas a resar, Europa civilizada, Emboscada de 6 de Outubro, Torres Vedras, Val Passos e Villarandelo; direito internacional; no Panteon; na sua filha; nos terrões d'Affonso Henriques; na nação em delirio; na pasta que lhe offerecera D. Miguel; no attentado inaudito da Inglaterra; nas leis agrarias; no armisticio roto; no pacto de Santarem, e Decreto de 10 de Fevereiro; nas guerrilhas ecclesiasticas; no plano fabiano do Saldanha, etc., etc.; e concluiu assim o seu brilhante discurso.

« Srs., a Rainha D. Maria, que a Junta invoca nos seus Decretos, como os Hebreos appellidavam Rei o Nazareno, accitou quatro artigos, que ajuda não cumprio; nós tambem os accitamos, mas não vinha lá o depôrmos as armas, estamos pois no nosso direito: nomeie ella um ministerio cá dos nossos, e este Governadores Civis e militares a nosso aprazimento, entregue-nos o arranjo da igreja, e estaremos promptos, não a depôr as armas, que não vem isso na Carta, e mesmo é vedado pelo artigo 367 della, mas a dissolver-se esta Junta, e ir render preito e homenagem a S. M., que então será a nossa adorada Rainha, e Mãe carinhosa dos portuguezes; aliás, será a inexoravel, cruel e sanguinaria *(que eloquencia! apoiado, apoiado)*: daremos as gótas do nosso sangue pela causa da patulêa, encostaremos nossos peitos ás linhas da cidade heroica, e só por cima de cadaveres passarão as phalanges inimigas: o Porto tem bastante espaço para dar sepultura aos seus defensores. A junta suprema vai dirigir ao Parlamento britannico uma accusação em fórma contra o malvado Lord Palmestron; commissarios nossos irão intental-a á barra dos Communs; e a queda do Ministerio é infallivel, certo o castigo do seu attentado de lesa-patulêa. Os nossos irmãos Progressistas d'Hespanha não tardarão a castigar a insolencia desse infando Pacheco. Coragem por alguns dias mais, e o nosso triumpho é certo. *(As palmas e o tenir dos tacões com esporas expremião a approvação da assemblêa belligerante: o entusiasmo communicou-se como relampago ás turbas que circuntavam o Palacio, que cantaram por largo espaço:*

*Eia, ávante, não temer ...
E chupar até morrer.)*

Ergueo-se em pé o velho Povoas; *silentium*

factum est; fez uma venia ao serenissimo Presidente, a quem dirigio esta interpeção: — « Srs., ha dinheiro para fazer a guerra? . . . »

O Presidente, que tambem era Ministro da Fazenda, deixando-se ficar *sans facon* na sua cadeira, e surrindo-se para o velho General, disse: « Srs, lá muito não ha, mas temos muitos recursos; ha os Bancos que ainda hão de exprimer alguma cousa; ha as algibeiras dos agiotas; ha a burra dos cabralistas do commercio; ha de ir-se arranjando; por ahi não faz o barco agua; em quanto tivermos machados . . . não nos ha de faltar. »

« Srs., Pois se ha dinheiro, continuou o velho militar, o General Povoas vota pela guerra: seria indigno depormos as armas sem vermos inimigo que nos obrigue. A minha casa é pequena, mas essa mesma eu offereço á junta suprema para as despezas da mais santa das causas; a minha vida é curta, mas essa mesma vida de octoginário eu a offereço para a defeza da mais santa causa. » — *(Um militar de barbas brancas ia a gritar — viva D. Miguel Primeiro, mas parou ao dizer Mig., porque o Passos lhe empiscou o olho.)*

Nisto Passos Manoel salta por cima do banco, dependura-se do pescoço do venerando Povoas, dá-lhe um beijo em cada face; — ao bom velho uma lagrima de cada olho foi misturar-se com o pingo do nariz; ainda a face do joven agrario sahio humida, ao soltar-o do amplexo.

O grito de guerra resoou por todas as quinas da sala, e fóra mil gargantas patulêas repetiam

Eia ávante, não temer . . .

E chupar até morrer.

E ordenado silencio com o badalo da campainha, o Presidente disse: « Srs., a junta conduzirá tão louvavel ardor; está fechada a sessão. »

Dividida em fracções a assemblêa, Passos José chamou á parte alguns bogalhudos, e disse-lhes ao ouvido — « Srs., isto não é para valer, não se dê mais um tiro — é para os aterrar. »

Relação dos individuos vindos de Setubal, que se apresentaram na Administração do Concelho desta Cidade até ao dia 25 de Junho, publicada por ordem da respectiva Auctoridade.

Joaquim Ferreira, Sorrador, rua das Azeiteiras — Antonio da Silva, Ferreiro das Olarias — Sebastião dos Santos, fogueteiro, Fóra de Portas — José Maria, pedreiro, de Braga — Manoel Pinto, tañceiro, dito — Caetano Joaquim, sapateiro, dito — José Antonio dos Santos, serralheiro, rua Direita — José Francisco Augusto, alfaiate, Salvador — Daniel Rodrigues, fogueteiro, Fóra de Portas — Joaquim Férias, Olleiro, Lages — Francisco Antonio, pintor de lonça, dito — José Antonio Vaz, Ferreiro, Valença do Minho — José Antunes, pedreiro, Fóra de Portas — José dos Santos, trabalhador, Montemor o Velho — José Guilherme, almocreve, Viseu — Serafim Lopes, trabalhador, Avintes — José Pinto de Magalhães, Largo do Romal — Justino Leitão, livreiro, rua do Salvador — Manoel da Fraga, trabalhador, Ribeira da Azenha, Concelho de Penella — Joaquim da Fonseca, alfaiate, Monte-arroio — José da Costa Pereira, serigueiro, rua da Calçada — José Manoel, lavrador, Travanca de Lagos — João dos Santos Figueiredo, rua das Parreiras — Justino Antonio Ferreira, Viseu — Antonio da Silva Neves, carpinteiro, rua das Azeiteiras — José Maria Henriques, Olleiro, rua de Tinge Rodilhas — Abel Maria da Costa Pinheiro, Compositor, Sofia — Manoel Dias de Sousa, sapateiro, Azeiteiras — Joaquim Simões, alfaiate, rua dos Sapateiros — José Simões, alfaiate, Largo das Amêas — José Pinto da Fonseca, taberneiro, rua das Sollas — Francisco Antonio Ferreira, carpinteiro, rua da Espe-

rança — Sebastião Lucas, alfaiate, dito — Abilio da Fonseca, Amêas — Antonio das Neves, rua da Moêda — Manoel Antonio Gaio, olleiro, Gaia — João José da Silva, alfaiate, militares — José Maria Soares, alfaiate, Fóra de Portas — José Carvalho, albardeiro, Lavos — José Gonçalves, trabalhador, Banhos Sêccos — Manoel Flora, trabalhador, Pedrulha — Manoel Cana dos Santos, Carvalhosas — Adriano da Costa, Barbeiro, rua Direita — João da Costa Vai-Bem, Povoas de Tentugal — Joaquim dos Reis Lorangeiro, Means — José da Veiga, dito — Antonio da Silva, Povoas — Antonio da Silva Peixoto, carpinteiro, dito — Francisco de Oliveira Araujo, proprietario, Annadia — José da Silva, Arriero, Pezo da Regoa — José Caetano, sapateiro, Braga — Simão Antonio, alfaiate, dito — Francisco Antonio, lavrador, dito — Manoel José Gonçalves, dito — José de Castro, sapateiro, Guimarães — João Antonio da Silva, Braga — Joaquim Pereira, pedreiro, Barcellos — Manoel Joaquim, lavrador, Braga — Antonio Duarte, trabalhador, Orentã — Antonio Antunes, barqueiro, Ceira — Gil Ferreira Lourenço, alfaiate, rua dos Anjos — Joaquim Querido, calcoteiro, S. Martinho — Francisco Soares, pedreiro, logar novo, freguezia da Sé — João Gonçalves, criado de servir, Vianna — Antonio José Francisco, ferreiro, S. Martinho de Dume — Saturnino Sapião, criado de servir, Sofia — Joaquim Maria, moleiro, Casal da Mizarella — Romão José, trabalhador, Pedrulha — João Ramos, lavrador, Ponte de Lima — Francisco Antonio Teixeira, alfaiate, rua das Figueirinhas — José da Silva, trabalhador, rua do Carmo — Joaquim Alves, alfaiate, Padeiras — Manoel José de Araujo, tendeiro, Braga — José Moreira, sapateiro, Faffe — Antonio da Silva, Villa Nova de Famação — João Ribeiro, Concelho de Bairro — Lourenço Antonio Calvo, Santo André de São — Justiniano Pinto, Braga — José Alves, Vianna — Bernardo Sendino Peixoto, Pico de Regalados — Antonio dos Santos, alfaiate, Bêcco da Boa união — Caetano dos Santos, trabalhador, Carvalhosas — João Francisco da Manca, dito — Antonio Francisco Canas, dito — Anastasio Simões, barbeiro, rua de S. Christovão — Ignacio Ferreira, Faffe — João Luiz de Sousa, Melgaço — Joaquim Pereira, Celorico de Basto — Francisco Antonio Pinto de Miranda, Guimarães — Antonio Augusto da Assumpção, Braga — Ayres Murta de Oliveira Vasconcellos, dito.

Além destes communico o Sr. Administrador do Concelho, que se apresentaram 30 com guias em direcção ás suas naturalidades. No Quartel General tem se apresentado tambem grande porção de soldados vindos de Setubal, incluindo alguns officiaes dos batalhões populares, e legiões.

Em Castello Branco, diz o *Diario*, acima de 200, e alguns do batalhão rebelde ahi organizado.

Alguns dos apresentados são soldados novamente recrutados na Provincia do Minho — outros paisanos, mas robustos mancebos, que talvez conviria aproveitar para os Depósitos, aliviando-se assim os povos do recrutamento, que soffrem, mas que é necessario — indispensavel — que continue.

ANNUNCIOS.

O fogo destinado para esta noute em celebração do triumpho da Ordem fica transferido para o dia, em que a Camara Municipal tem resolvido solemnizar este fausto acontecimento.

A Camara da villa de Montemor o Velho poz a concurso o partido de Cirurgião, que se acha vago, em consequencia da Portaria, do Exm. Lugar-Tenente de S. M., de 15 de Junho ultimo, cujo concurso ou praso é de 30 dias, que começaram a 2 de Julho, e o ordenado é de 50,000 reis.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

Hei por bem, Tendo ouvido o Conselho de Estado, Ordenar que em quanto não fôr decretada pela Côrtes a receita e despesa publica pertencente ao proximo futuro anno economico de 1847 a 1848, continue a arrecadação de todos os impostos e rendimentos do Estado, hem como a applicação do seu producto ao pagamento das despesas publicas na conformidade das Leis em vigor. Os Ministros Secretarios de Estado das differentes Repartições o tenham assim entendido, e façam executar. Paço das Necessidades, em trinta de Junho de mil oitocentos quarenta e sete. = RAINHA. = *Francisco Tavares de Almeida Proença* = *Manoel Duarte Leitão* = *Ildefonso Leopoldo Bayard* = *Barão da Ponte da Barca* = *Conde do Tojal*.

Tendo cessado os motivos por que foi declarada em estado de bloqueio, por Decreto de vinte de Outubro proximo preterito, a Barra do Rio Douro: Hei por bem Mandar fazer publico que se acha, como d'antes, aberta a navegação para a Cidade do Porto, e mais portos do mesmo Rio. Os ministros e Secretarios de Estado de todas as Repartições o tenham assim entendido, e façam executar com os Despachos necessarios. Paço das Necessidades, em o primeiro de Julho de mil oitocentos quarenta e sete. = RAINHA. = *Francisco Tavares d'Almeida Proença* = *Manoel Duarte Leitão* = *Conde do Tojal* = *Barão da Ponte da Barca* = *Ildefonso Leopoldo Bayard*.

EXERCITO AUXILIAR HESPAÑHOL.

PORTUGUEZES.

O genio do mal tem introduzido a discordia entre vós; e armando irmão contra irmão, e amigo contra amigo, derramou o pranto e a desolação em vossas pacificas moradas, ensanguentando vosso solo.

A Nação Hespanhola, que por tantos laços está unida com a vossa, tem de mais a satisfazer uma divida de gratidão, que contrahio com vosco, quando em tempo não mui distante vossos filhos voaram a defender ainda além do Ebro a causa que então defendiamos nós os Hespanhoes; e hoje volve a tremular unidas as insignias Lusitanas, e os Pendões de Castella.

Honrados pela nossa augusta Soberana com o nobre encargo de contribuir á tranquillidade de vosso Paiz, vimos ao meio de vós, não como conquistadores nem inimigos, mas sim como pacificadores e irmãos; sem outra ambição nem outro afan de gloria, mais que a de regressar em breve á nossa Patria, trazendo a honrosa satisfação de havermos contribuido para a vossa felicidade.

Para conseguil-o conto com meios sufficientes, e a auctorisação dictada pelo accordo tomado pelas Potencias signatarias da quadrupla alliança: todavia a effusão de sangue é opposta a nossos desejos. Contribuiremos para que deponham as armas, e se submettam á auctoridade legitima da vossa

Excelsa Soberana os que entre vós, alucinados e mal aconselhados, pôderam um dia desconhecê-la, esquecendo seus verdadeiros interesses, e que a ventura e bemestar dos Povos só pôde cimentar-se no seio da paz e do socego publico.

A sustentar taes esforços nos apresentamos ao lado dos que se prezam de leaes; mostrando-se sempre fieis á sua Soberana, filha do inclito Varrão, a quem deveis vossa liberdade e direitos Constitucionaes, a uma Rainha que velerá sollicita pela união e felicidade da grande familia portugueza.

Apressai-vos pois, Portuguezes, a rodear seu Throno; e a Hespanha verá cumprida a missão que foi confiada a uma parte de seu Exercito.

Quartel General de Bragança, 16 de Junho de 1847. — O General em Chefe, *Manoel de la Concha*.

HABITANTES DO DISTRICTO DA GUARDA.

Ainda não ha muito que me dirigi a vós chamando-vos á obediencia, recommendando-vos o soccego, e prevenindo-vos contra as insidiosas promessas dos anarchistas, que procuravam engrandecer-se á custa da vossa total ruina. Lisongeio-me de que os meus conselhos salutaes callaram no coração de muitos individuos, e posso affiançar-vos que a verdade, desassombrada sempre para quem a quer ver, triunfou n'estes ultimos quatro mezes de muitos embustes, desvanecendo muita illusão, e prevenio muitos males.

Não era mister possuir n'aquella epocha grande penetração para avaliar devidamente as intenções dos fautores da rebeldia, e predizer, ao mesmo tempo, o resultado da guerra que tem assolado a nossa Patria. — Era uma lucta do Throno legitimo contra a democracia desenfreada — era o debate da Monarchia legal contra principios irrationaes — era a guerra da justiça contra a iniquidade. O desfecho de semelhante lide não podia ser duvidoso — triunfou o Throno — prevaleceu a justiça, a justiça que é a mais solida base do Throno da Soberana.

A amnistia ampla e geral que Sua Magestade A RAINHA Houve por bem conceder a todos os individuos que seguiram as partes da junta rebelde, mediante uma prompta submissão á Sua Legitima Auctoridade, é um acto d'uma Benevolencia tão pouco commum, que só em epochas mais morigeradas poderia ser competentemente apreciado. — Não foi a necessidade, que obrigou o Governo da RAINHA a fazer esta concessão. Como se podêra explicar essa necessidade, quando um Exercito brilhante, victorioso em Torres Vedras, em Val Passos, e em Setúbal; quando um Exercito que conta as suas victorias pelo numero dos recontros que tem tido com o inimigo, batia com denodo ás portas da cidade rebelde?!

Habitantes do Districto da Guarda! Vós presenceastes em socego os esforços que a anarchia fez ultimamente para levantar o collo em alguns Districtos do Reino. O vosso foi invadido, mas não foi insurreccionado. As pequenas tentativas que se fizeram para esse fim, foram malogradas pelo vosso bom senso, e pela intrepidez dos vossos voluntarios; e é bem notorio que nenhum d'esses poucos e obscuros nomes, que tomaram parte no ultimo movimento, pôde reunir cincoenta homens para reforçar os rebeldes invasores.

Habitantes do Districto da Guarda! O Exercito auxiliar Hespanhol já piza o solo Portuguez; porque a sua coadjuvação era indispensavel para pôr termo, sem mais effusão de sangue, a uma guerra iniqua, que devasta o Paiz e horroriza a Europa civilizada.

A paz é a primeira necessidade do povo Portuguez, e é só em paz que se podem discutir os interesses da Nação, para lhe proporcionar um porvir tão feliz, como calamitoso tem sido o seu passado. — Vivei pacificos, obedecei ás Leis, e confiai no zelo e moderação das Auctoridades legitimamente constituídas.

Secretaria do Governo Civil da Guarda 12 de Junho de 1847. — O Tenente Coronel, Secretario Geral servindo de Governador Civil, *Antonio Marcellino da Victoria*.

Os effeitos da *amnistia amplissima* vão infelizmente aparecendo! Abaixo publicamos o extracto das partes officiaes recebidas de Aveiro, narrando as desagradaveis occorrencias, que tiveram logar na tarde do dia 1.º. Correo mais sangue portuguez, foram assassinados outros amigos da Ordem! Nossos inimigos são incorrigiveis — abusam da nossa tolerancia — desconhecem o perigo a que se expõem!

O nosso brado será sempre — paz — união — offerecemos o ramo d'oliveira — desejamos, que o acceitem, que se esqueçam nossas dissensões — que a ordem se restabeleça, e que os estragos, e as ruinas comecem a reparar-se; mas queremos, necessitamos, que os amnistiados reflitam, que a tolerancia tem limites.

O sangue desses infelizes mortos em Aveiro reclama a vindicta legal. Temos leis, bradamos pela sua prompta administração. A maior necessidade dos povos é a justiça: a maior necessidade dos Governos é a justiça: é a unica cadêa solida e segura, que os pôde ligar.

D'uma parte official d'Aveiro extractamos o seguinte: — «Havia-se passado toda a manhã de hontem — 1.º — com as maiores demonstrações de regosijo pelas noticias do desarmamento das forças rebeldes, e tambem pela chegada do Excm.º Casimiro Barreto Ferraz, vindo da cadêa da Relação, aonde por seis mezes esteve prezo, victima da lealdade á RAINHA, quando pelas 4 horas da tarde correram vozes, de que em um barco se dirigiam para esta cidade alguns anarchistas, famosos pelos excessos n'ella praticados.

Alguns grupos se viram dirigir para o rio, uns por curiosidade, outros por affeição a esses, que se esperavam, e outros agentes de policia em execução das instrucções dadas. Os anarchistas porém romperam em acclamações á junta, e á patulêa, lançando ao ar grande numero de foguetes, e logo depois começaram a descarregar tiros de mosquetaria sobre os agentes de policia, e sobre os mais, que elles bem conheciam por Car-

tistas, fazendo tambem tiros com uma peça, que traziam. Aos primeiros tiros cahio atravessado e despedaçado por muitas ballas um excellente amigo da Ordem — Antonio Teixeira Ponse de Leão, negociante desta cidade, e logo ficou morto — cahio tambem um valente soldado de veteranos atravessado com balas no braço e peito, e está em gravissimo perigo de vida — foi tambem atravessado com uma bala no braço direito o escrivão da Administração do Concelho, Manoel Ferreira Corrêa de Sousa. Com a noticia de taes attentados, immediatamente tocou a reunir o Batalhão Nacional, e o 7 de Caçadores, e os que primeiro se apresentavam se dirigião logo armados ao lugar do conflicto. Continuavam as descargas dos *amnistiados*, e a cidade apresentava o quadro de terror, vendo uma scena de sangue na hora, em que saudava a paz! Os *amnistiados* carregados por força maior saltaram em pequenos barcos, e n'elles se dirigiram á margem esquerda do rio, largando a canhoeira, em que vinham, e que se reconheceo ser uma das que guarneciam o Douro ao serviço da junta, e na qual se apprehenderam mais de 100 armas, muitas pistolas, clavinhas, competente correaine, cartuchame, e uma peça de artilharia! As immeusas varedas, que offerece o caminho cortado pelas marinhas, deu occasião a que os *amnistiados* conhecedores do terreno, podessem escapar, deixando entretanto alguns caixotes com cartuchos.

O Batalhão, e Caçadores houveram-se com decisão. Os chefes destes *amnistiados* eram Francisco de Paula das Anibas, e João da Ponte, ambos desta cidade. Corre como certo, que levados da sua desesperação projectavam uma surpresa para assassinar alguns Cartistas.»

Somos informados, que na Anadia não só houveram *morras* á RAINHA por occasião da *amnistia* — como se disse no n.º 22, mas passando dessa villa a um logar proximo de Famelicão levantaram ahi a mesma vozeria entre foguetes e tiros, e na visinhança de familias honestas e Cartistas se cantaram as cantigas mais obscenas, e escandalosas contra S. M., que se acham bem impressas na memoria de pessoas respeitaveis para abominarem esses homens, que assim mordem a mão generosa, que lhes perdoava!

Sabemos, que pela repartição do Ministerio Publico se expediram ordens ás mais terminantes, a fim de se instaurarem os processos competentes sobre estes escandalosos factos, que não são, nem podiam ser, considerados como *politicos*, para serem comprehendidos na *amnistia*.

Eram os socios dos *Calhandros*, *Ratos*, e *Sotas*, isto é, os collegas dos ladrões, assassinos, e parecidas, restos da famosa guerrilha da Bairrada, celebrando o indulto!

ANNUNCIOS.

A Camara da villa de Montemór o Velho poz a concurso o partido de Cirurgião, que se acha vago, em consequencia da Portaria, do Exm.º Lugar-Tenente de S. M., de 15 de Junho ultimo, cujo concurso ou prazo é de 30 dias, que começaram a 2 de Julho, e o ordenado é de 50,000 reis.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

O Boletim Cartista finda hoje. — Os Srs. que subscreveram para este mez terão a bondade de mandar receber os restos do importe da assignatura nas lojas, aonde subscreveram; e do mesmo modo os Srs. das Provincias, da mão de José da Silva Bandeira, empregado da Imprensa da Universidade, a importancia das cautellas do Correio, que remetteram á Redacção.

As collecções do Boletim Cartista, bem assim os numeros avulsos, continuam a vender-se na Loja da Imprensa da Universidade. — O seu producto revertirá em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. foi inteiramente gratuita.

PARTE OFFICIAL.

Actos do Logar-Tenente de S. M. CAMARADAS!

SUA Magestade pela sua magnanimidade concedeu uma amnistia amplissima, e a ninguem é dado levantar o véo corrido sobre o passado.

O Exercito que constantemente tem dado as mais evidentes provas da sua obediencia e dedicacção á Pessoa da RAINHA, fará ver pela sua conducta para com todos os Portuguezes, qualquer que seja a opinião politica que tenham seguido, que sabe respeitar a vontade da sua Soberana, e que empregará todos os esforços para que se realize uma sincera união da Familia Portugueza. Se algum individuo porém (o que eu não espero) faltar a este dever sagrado, o castigo se seguirá logo á offensa.

Quartel General na Rechouza, 2 de Julho de 1847.

Duque de Saldanha.

PORTARIA.

Secretaria Geral do Logar Tenente de S. Magestade A RAINHA. — Tomando em muita consideração o que acaba de representar-me em Officio datado de hoje o Governador Civil Interino da Cidade do Porto, sobre a necessidade de promptas medidas para prevenir acontecimentos desagradaveis que podem nascer de se regeitarem as moedas de bronze de valor de quarenta reis, mandadas cunhar e pôr em gyro pela Junta rebelde, que ultimamente alli existira; tornando-se ainda mais attendivel este objecto em razão da estada de tropas estrangeiras na sobredita Cidade, e das pequenas transacções em que os individuos pertencentes ás mesmas tropas hão em boa fé recebido as referidas moedas: hei por conveniente ao Serviço Nacional e Real, usando dos poderes extraordinarios que Sua Magestade A RAINHA Foi Servida Conferir-me, determinar que as mesmas moedas continuem por em quanto a ser conside-

radas em gyro, como legaes, nas pequenas transacções particulares, sem que com tudo possam ser recebidas nas Repartições Publicas, nem incluídas nos pagamentos que por estas se fizerem; isto em quanto se não derem a tal respeito as necessarias providencias. O mesmo Governador Civil é mais Auctoridades, á quem o conhecimento e execucao desta pertencer, assim a tenham entendido e façam executar. — Rechouza 3 de Julho de 1847. — *Duque de Saldanha.* — Por ordem de Sua Eac. a fiz expedir. — O Conselheiro Secretario, Frederico Leão Cabreira.

Commando em Chefe do Exercito Hespanhol.

HABITANTES DO PORTO!

Os votos que fizeram os Hespanhoes para contribuir, para tranquillisar este formoso Paiz, sem derramar uma só gota de sangue, se acham já satisfeitos, e as tropas que S. M. a Rainha de Hespanha se dignou confiar-me, entram hoje na Inclita Cidade de D. Pedro, não como conquistadores, nem como vencedores, mas sim na qualidade de amigos e pacificadores.

Portuenses! Jamais vos arrependereis de ter visto tremular o pavilhão de Castella dentro dos muros da vossa Cidade; os nossos principios liberaes, para cujo conseguimento temos combatido juntos, a disciplina desta tropa, que todo o Portugal conhece, e a affeição particular que vos dedicamos, são garantias bastantes, para assegurar vos, do quanto respeitamos vossas opiniões, pessoas e propriedades, como tambem vossos usos e costumes.

Habitantes do Porto! Permaneei tranquillios, dedicando-vos a vossos trabalhos habituaes, sem receio de ser molestados por vossos feitos anteriores, os quaes desde este momento pertencem á historia; e confiai seguros na promessa que vos faço, de empregar todos os meios, para que isto se cumpra, não só como General em Chefe do Exercito Hespanhol, mas tambem como Cavalleiro.

Porto 30 de Junho de 1847.

Manuel de la Concha.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Secretaria d'Estado.

Achando-se geralmente estabelecido o uso e costume de se satisfazerem as rendas dos predios e fóros durante o mez immediato ao do seu vencimento regulado por semestres, contados do primeiro de Janeiro a trinta de Junho, e do primeiro de Julho a trinta e um de Dezembro de cada anno: — e Querendo Eu por tanto facilitar aos devedores das referidas rendas que se vencerem no dia trinta do corrente mez o respectivo pagamento pela fórmula determinada no Decreto de dez de Março deste anno metade em Notas do Banco de Lisboa, e a outra metade em dinheiro de metal, uma vez que effectuem esse pagamento no decurso de todo o mez

de Julho proximo — concedendo igualmente aos devedores de Decimas e Impostos annexos, vencidos até ao referido dia trinta de Junho, a faculdade de satisfazerem a importancia de suas collectas em divida nas sobreditas duas especies de dinheiro e Notas, se por ventura o praticarem dentro do referido mez de Julho deste anno; Hei por bem Decretar o seguinte:

Artigo 1. Os inquilinos e rendeiros de predios, bem como os devedores de fóros, que durante todo o mez de Julho deste anno satisfizerem as quantias de que forem devedores, vencidas até trinta de Junho corrente, poderão fazel-o na conformidade do artigo 1. do Decreto de dez de Março ultimo, metade em Notas do Banco de Lisboa, e a outra metade em dinheiro de metal.

Art. 2. Os devedores de Decimas e Impostos annexos, bem como os de rendas e fóros nacionaes, pertencentes aos annos economicos anteriores ao primeiro de Julho proximo, poderão do mesmo modo satisfazer as quantias de que forem devedores em partes iguaes de metal e Notas do Banco de Lisboa, conforme o disposto no artigo 1.º do citado Decreto de dez de Março deste anno, uma vez que realizem esse pagamento durante o referido mez de Julho proximo.

§. unico. As Collectas pertencentes a quaesquer lançamentos, que não estiverem concluidos no prazo indicado neste artigo, poderão ser desde já satisfeitas pela importancia dos lançamentos anteriores dando-se aos collectados recibos interinos, que serão trocados em tempo opportuno pelos competentes conhecimentos, saldando-se então a conta respectiva a cada um dos mesmos collectados.

Art. 3. Fica suspenso durante o referido mez de Julho proximo, a respeito do pagamento das dividas a que se referem os artigos 1.º e 2.º do presente Decreto, o que se determina no artigo 1.º do de quinze do corrente mez. Os Ministros Secretarios de Estado das diversas Repartições o tenham assim entendido e façam executar. Paço das Necessidades, em vinte e oito de Junho de mil oitocentos quarenta e sete. — RAINHA. — Francisco Tavares de Almeida Proença — Manoel Duarte Leitão — Conde do Tojal — Ildesonso Leopoldo Bayard — Barão da Ponte da Barca.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Está salva a patria!... está salva a RAINHA e a CARTA!... estão salvas nossas vidas e fortunas!...

O edificio da revolta desabou de todo: a máscara, com que os anarchistas se apresentaram ao povo, foi rasgada. A successão dos factos decidiu por nós; convenceo-nos de verdadeiros, e a elles de mentirosos.

Aos hymnos do triumpho, ás estrepitosas demonstrações de alegria, a este delirio de jubilo, com que nos felicitámos por tão gratas noticias, succedem dias de pausada reflexão, cuidados do futuro, e esforços por manter os fructos da victoria.

A tarefa, que empreehendo este jornal, pertence a outro terminal-a. Fieis a nossos principios, o nosso ultimo brado, como o primeiro, em-

bora seja perdido, será pela união dos portuguezes, pela moderação e tolerancia com prudencia e justiça.

Possam aproveitar-nos tão vivos exemplos!

Homens do progresso indefinido, — miguelistas, socios seus, que vos ensinaram os graves successos destes mezes? O povo está cansado d'experiençias: e a Europa está unida solidariamente para sustentar a todo o custo a paz geral, e os interesses industriaes dos povos contra vans theorias, e revoluções Dynasticas.

Na peninsula a republica é uma visão, o antigo absolutismo um sonho; — a união de tão oppostos elementos um escandalo incomportavel.

Mas a nossa victoria pôde ser infructifera, a paz ephemera, apenas uma breve tregua, se o momento fôr perdido.

RAINHA de Portugal!... Permitti á fidelidade de Vossos subditos, que suas vozes unisonas e sinceras subam até Vós.

Senhora! O vosso throno terá lançado mais profundas raizes, Vossa Real Dynastia permanecerá mais segura, se a occasião fôr, como esperamos, devidamente aproveitada. Tendes fieis subditos, exercito valoroso, poderosos alliados:... mas tendes tambem incauçaveis e incorrigiveis inimigos.

Carecemos de paz e ordem, energia e justiça; carecemos de tudo, quanto repugna á anarchia, e desgosta, ou é impossivel á pastellaria.

Da nossa parte tambem, da parte deste povo e exercito fiel, que se honra com a mais pura lealdade á Soberana e á CARTA, o ensejo é importantissimo: aproveitemol-o! Pelos meios constitucionaes podêmos muito nos conselhos da RAINHA: e qual de nós duvida, que o Seu Maternal coração não exije este novo e poderoso auxilio, para que possa attender a nossos votos? Mais que nunca havemos mistér de firmeza e união,..... de largar o frio egoismo, e a torpe